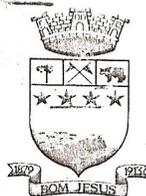


ANEXOS

ANEXO A - PROJETO “RESGATANDO NOSSAS RAÍZES”



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

PROJETO " RESGATANDO NOSSAS RAÍZES "

I DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Município: Bom Jesus
2. Administração: Dr. Geraldo Spinelli Grazziotin e Wilson Ramos Barcellos
3. Secretária Municipal de Educação e Cultura: Profª Elaine Grazziotin Dutra
4. Coordenadora Departamento Cultural: Profª Lucila Maria Sgarbi Santos
5. Ano: 1990/1992
6. Endereço: Rua Júlio de Castilhos, 506

II ÓRGÃO EXECUTOR

Secretaria Municipal de Educação e Cultura



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
 CEP. 95.290

III OBJETIVO GERAL:

Conhecer a História do Município de Bom Jesus através dos que a viveram e de tudo o que fez parte do processo de sua formação.

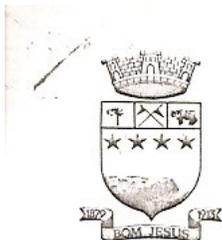
IV OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- . Resgatar, conservar e valorizar o Patrimônio Histórico e Cultural de Bom Jesus;
- . Organizar fontes de pesquisa sócio-político-econômicas;
- . Tornar visível as bases do nosso atual estado de desenvolvimento;
- . Despertar a sociedade bom-jesuense, principalmente nos mais jovens, a necessidade de conservação do meio ambiente;
- . Realizar o levantamento de pontos históricos e com potencial turístico do município.

V JUSTIFICATIVA

Considerando:

- . a legislação vigente no que concerne a conservação do Patrimônio Histórico e Cultural tanto no âmbito Federal, como no Estadual e Municipal;
- . a necessidade de um registro sistemático do nosso Patrimônio Histórico e Cultural em todas as áreas;
- . que ao longo dos anos o legado de nossos ancestrais está se perdendo a cada limpeza de sótãos e gavetas, significando que é um pouco de nossa história que está sendo queimada e jamais será recuperada;



Estado do Rio Grande do Sul
 PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
 CEP. 95.290

- . que a fotografia antiga e atual se intercomplementam;
- . que o vídeo reflete a realidade;
- . que o relato de quem viveu os acontecimentos é uma inestimável fonte de pesquisa;
- . que a visão de quem fez a história é uma rica fonte para estudos analíticos e comparativos com outros materiais;
- . a necessidade de criação de locais adequados para que os referidos materiais sejam didaticamente organizados, possibilitando aos bom-jesuenses, o conhecimento da sua história.

Pelos motivos acima relacionados é que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através de seu Departamento Cultural, idealizou e está concretizando este trabalho.

VI ESTRATÉGIAS

Montagem e execução de subprojetos.

VII PERÍODO

Setembro de 1990 a Dezembro de 1992.

[Handwritten notes and signatures, mostly illegible]



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

SUBPROJETO 1

Reconstruir a História Através da Memória Oral:
Ouvindo e Lembrando.

OBJETIVO GERAL:

Estudar a História do Município de Bom Jesus através da visão de quem a viveu.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- . Entrevistar pessoas no mínimo 150, com mais de 65 anos de idade;
- . Analisar as informações fornecidas pelos entrevistados;
- . Transcrever as entrevistas para facilitar as consultas.

ESTRATÉGIAS

Gravação de entrevistas através de fitas K7.

PERÍODO

Setembro de 1990 a Dezembro de 1992.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

SUBPROJETO 2

Reconstruir a História Através da Memória Visual: Vendo e Lembrando.

OBJETIVO GERAL:

Conhecer e divulgar, usos, costumes, locais históricos e com potencial turístico de Bom Jesus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- . Registrar através de fotografias e vídeos os usos e costumes do povo bom-jesuense, conservados através do tempo;
- . Tornar conhecido os locais onde ocorreram fatos históricos importantes;
- . Assessorar a Secretaria de Turismo através do levantamento de locais com potencial turístico.

ESTRATÉGIAS

- . Organização de séries fotográficas e vídeos sobre usos e costumes que fizeram parte do cotidiano da sociedade bom-jesuense;
- . Levantamento fotográfico e montagem de vídeos de locais com potencial turístico e locais que foram palco de fatos históricos.

PERÍODO

Setembro de 1990 a Dezembro de 1992.



Estado do Rio Grande do Sul
 PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
 CEP. 95.290

SUBPROJETO 3

Patrimônio Cultural, Um Caso de Vida ou Morte.

OBJETIVO GERAL:

Organizar o Museu e Arquivo Histórico Municipal.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- . Sistematizar o registro do Patrimônio Histórico Cultural do Município de Bom Jesus;
- . Organizar espaços adequados para a instalação do Museu e Arquivo Histórico Municipal;
- . Dinamizar a utilização do Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Bom Jesus;
- . Levantar e divulgar a cultura local nas suas mais variadas formas de expressão;
- . Apoiar projetos desenvolvidos por entidades, a exemplo: "Nos Tempos da Vovó", desenvolvido pelo CTG Presilha do Rio Grande, no período 88/89;

Levantar o Patrimônio Histórico e Cultural através da comunidade.

ESTRATÉGIAS

- . Capacitação de pessoal em seminários e cursos sobre o Patrimônio Histórico e Cultural;
- . Contato com arquitetos especializados em restauração de prédios e adequação de espaço para instalação de Museus e Arquivos Históricos;



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

- Estudo, junto a museólogos para uso adequado dos espaços a disposição do Departamento Cultural;
- Levantamento de recursos junto as autoridades competentes;
- Encaminhamento de Projeto junto a Fundação Banco do Brasil SA, para levantamento de recursos para instalação do Museu e Arquivo Histórico de Bom Jesus;
- Estudo e levantamento do Patrimônio Histórico e Cultural nas comunidades, através dos alunos.

PERÍODO

Setembro de 1990 a Dezembro de 1992.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

PROJETO " S.O.S. LEITURA "

Biblioteca Pública: Antes de Tudo Uma Necessi-
dade.

I DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Município: Bom Jesus
2. Administração: Dr. Geraldo Spinelli Grazziotin e Wilson Ramos Barcellos
3. Secretária Municipal de Educação e Cultura: Profª Elaine Grazziotin Dutra
4. Coordenadora do Departamento Cultural: Profª Lucila Maria Sgarbi Santos
5. Ano: 1990/1992
6. Endereço: Rua Júlio de Castilhos, 506

II ÓRGÃO EXECUTOR

Secretaria Municipal de Educação e Cultura



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

AVALIAÇÃO

O projeto e os subprojetos serão considerados satisfatórios se:

As entrevistas forem gravadas, transcritas e colocadas a disposição do público para estudo;

Os levantamentos fotográficos feitos e os vídeos montados atenderem os objetivos propostos;

O levantamento do Patrimônio Histórico e Cultural for efetuado;

Houver o envolvimento da comunidade no tombamento do Patrimônio Histórico e Cultural de Bom Jesus;

O Seminário referente aos Mangueirões de Pedra de Bom Jesus, for realizado;

Surgirem grupos de estudos interessados em aprofundar os conhecimentos sobre a relação entre os Mangueirões de Pedra X Tropeirismo, na região nordeste do Rio Grande do Sul.

As raízes da sociedade bom-jesuense se tornarem mais conhecidas.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
 CEP. 95.290

SUBPROJETO 5

OS DONOS da TERRA, ESSES DESCONHECIDOS: OS ÍNDIOS

OBJETIVO GERAL:

Coletar dados sobre a presença indígena em Bom Jesus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- .Estudar as casas subterrâneas, moradias dos índios da região nordeste do RS;
- .Recolher materiais dos sítios indicados para análise;
- .Visitar locais indicados como prováveis sítios de valor arqueológico;
- .Catalogar corretamente os materiais recolhidos;
- .Analisar os dados coletados;
- .Divulgar os resultados dos estudos realizados.

ESTRATÉGIAS:

- .Visitas preliminares aos locais indicados por moradores de Bom Jesus;
- .Visitas nos possíveis locais de valor arqueológico, por especialistas na área;
- .Estudo preliminar dos locais escolhidos pela equipe do Prof. e arqueólogo Pedro Mentz Ribeiro;
- .Estudo aprofundado dos locais selecionados pela equipe do Prof. e arqueólogo Pedro Mentz Ribeiro.

PERÍODO:

Setembro de 1990 a Dezembro de 1992.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
 CEP. 95.290

SUBPROJETO 4

Mangueirões de Pedra, Patrimônio Histórico do
 Sul Brasileiro.

OBJETIVO GERAL

Estudar as origens e as funções dos Manguei-
 rões de Pedra, localizados no Silveira, 4º Distrito de Bom Jesus,
 Rio Grande do Sul.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- . Divulgar os Mangueirões de Pedra localizados em Bom Jesus;
- . Dirimir dúvidas sobre as origens dos Mangueirões;
- . Estudar a ligação existente entre os Mangueirões e os caminhos das tropas no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul;
- . Tornar conhecidos os locais históricos existentes no município de Bom Jesus;
- . Criar grupos de estudos relativos ao tropeirismo e sua ligação com os referidos Mangueirões.

ESTRATÉGIAS

Organização e execução de um Seminário sobre os Mangueirões de Pedra de Bom Jesus, Rio Grande do Sul.

PERÍODO

De organização: Setembro de 1991 a Abril de 1992.

De execução: Abril de 1992.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

III OBJETIVO GERAL:

Organizar a Biblioteca Pública Municipal, criada pela Lei Nº 469/1965, equipando-a para ser usada pelo público bom-jesuense.

IV OBJETIVOS ESPECÍFICOS

. Divulgar a intenção e as formas de colocar a disposição do público bom-jesuense este serviço que existe de direito mas, não de fato;

. Organizar campanhas para aquisição do acervo para a Biblioteca Pública Municipal;

. Encaminhar correspondência aos órgãos competentes solicitando material adequado para a formação do acervo da Biblioteca Pública Municipal;

. Organizar espaço adequado para funcionamento da Biblioteca Pública Municipal;

. Selecionar o material recebido;

. Capacitar pessoal para atender a Biblioteca Pública Municipal;

. Adquirir o material indispensável para o bom funcionamento de uma Biblioteca Pública Municipal.

V JUSTIFICATIVA

Considerando:

. que o acervo das bibliotecas escolares é insuficiente para atender as necessidades dos alunos;

. o baixo poder aquisitivo da comunidade escolar;



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
CEP. 95.290

. a crescente necessidade de atualização da clientela estudantil;

. o desejo da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, em oportunizar o aprimoramento da sociedade bom-jesuen- se, através do acesso à Biblioteca Pública Municipal, justifica o projeto de instalação da mesma.

VI ESTRATÉGIAS

. Escolha de local adequado para instalação da Biblioteca Pública Municipal.

. Campanhas para doação de livros à Biblioteca Pública Municipal.

. Campanha do papel velho que reverterá em fa- vor da Biblioteca Pública Municipal.

. Encaminhamento deste projeto aos órgãos compe- tentes, tanto no âmbito estadual como no federal.

VII PERÍODO

Setembro de 1990 a Dezembro de 1992.

VIII AVALIAÇÃO

Será considerado satisfatório se no final do período a Biblioteca Pública Municipal for colocada à disposição do público.

ANEXO B - FICHAS DE UTILIZAÇÃO DO ARQUIVO

MUSEU E ARQUIVO DE BOM JESUS
 Criada pela Lei 1554/1992
FICHA DE PESQUISA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Nome:
 Nasc.: Ident.: Prof.:
 Endereço: Fone:
 Local de Trabalho: Fone:
 Endereço: Fone:
 Tema de Pesquisa:
 Finalidade de Pesquisa:

DATA	MATERIAL CONSULTADO

O consulente compromete-se a enviar a cópia ao Museu e Arquivo de Bom Jesus quando efetuar a publicação do trabalho que utilize os documentos aqui consultados. Quando a consulta se destinar a trabalho a ser realizado por outra pessoa, a esta fica transferido o compromisso. O pesquisador, sempre que produzir algum trabalho fica obrigado a indicar nas fontes de pesquisa o nome do Museu e Arquivo de Bom Jesus, bem como os documentos consultados.

ANEXO C - CRITÉRIOS PARA O USO DO ACERVO



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ORDEM DE SERVIÇO 01/2003

Bom Jesus, 06 de maio de 2003.

Considerando a procura para consulta aos documentos sob a guarda do Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus;

Considerando o grande número de pesquisas solicitadas, para fins de aposentadoria, tendo por base os referidos documentos;

Considerando que estes documentos, independente do suporte, foram doados ao Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus, criado pela Lei nº 1554 de 17 de novembro de 1992, sendo de sua inteira responsabilidade o uso dos mesmos;

RESOLVE:

Estabelecer critérios para utilização do acervo do Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus.

Tais critérios devem obedecer a seguinte ordem:

1º - Este acervo está disponível para pesquisa, a qual deve ser feita nas dependências do Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus, com o acompanhamento de um funcionário do mesmo;

2º - O acervo não pode ser retirado do Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus;

3º - É vedada a possibilidade de fazer cópia xerografada dos documentos, pois esta técnica reduz muito a vida útil dos documentos;

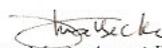
4º - O consulente compromete-se a sempre que produzir algum trabalho, a indicar nas fontes de pesquisa o nome do Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus, bem como os documentos consultados;

5º - Quando for necessário copiar fitas de vídeo e/ou de Memória Oral, o consulente fornece o material necessário, para que o Museu e Arquivo Municipal de Bom Jesus faça as cópias, ocorrendo despesas, estas serão por conta do consulente;

6º - Cópias de imagens, sempre que necessárias serão feitas pelo Museu e Arquivo Municipal, correndo as despesas por conta do consulente.

A presente ordem entrará em vigor aos 06/05/003, revogadas as disposições em contrário.


 Lucila Maria Sgarbi Santos
 Diretora dos Serviços Culturais


 Janete Maria Arcari Becker
 Secretária Municipal de Educação e Cultura

Registre-se
 e
 Publique-se.

ANEXO D - EXEMPLO DE FICHA COM RESUMO DOS ASSUNTOS

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS

GRAZZIOTIN

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

MUSEU E ARQUIVO MUNICIPAL DE BOM JESUS, LEI 1554 de 17/11/92

REGISTRO MEMÓRIA ORAL

ENTREVISTADO: Irma Spinelli Grazziotin DATA: 09/09/1991FITA Nº 033 LADO A X B X FITA Nº 034 LADO A X B XFITA Nº 035 LADO A X B FITA Nº _____ LADO A B

FITA Nº _____ LADO A B FITA Nº _____ LADO A B

ENTREVISTADOR: Lucila Maria Sgarbi SantosSEQUÊNCIA DE ASSUNTO: 033A - Identificação, casamento, filhos,

trabalho no lar x profissão, filiação, origens Domingos
Spinelli: alfaiate Domingos Piazza: construtor
033B - Domingos Piazza: construtor e Igreja Matriz de
Bom Jesus, respeito ao padre, presença da construo-
ção da Igreja Matriz de B.J. Igreja do Médico Piazza
professora e filhas, trabalho, alimentação

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOM JESUS

SANTOS

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

MUSEU E ARQUIVO MUNICIPAL DE BOM JESUS, LEI 1554 de 17/11/92

REGISTRO MEMÓRIA ORAL

ENTREVISTADO: Maria Josephina De Boni Santos DATA: 23/08/91FITA Nº 048 LADO A X B X FITA Nº 049 LADO A X B XFITA Nº 050 LADO A X B FITA Nº _____ LADO A B

FITA Nº _____ LADO A B FITA Nº _____ LADO A B

ENTREVISTADOR: Lucila Maria Sgarbi SantosSEQUÊNCIA DE ASSUNTO: 48-A - Identificação filiação, origens imigra-

tes italianos em Bom Jesus. Bairro de Boni em Bom Jesus: família
profissão. Sr. Joanninha família Zanazzi Joanninha Zanazzi: pai
leia, enfermeira, seis filhos, Aninha Zanazzi de Boni. Assunto
com os imigrantes italianos, Aninha x Mediro x trabalho. 048-B - Aninha
x Mediro x trabalho - ferreiro e mecânico, 1.ª casa de placa em Bom Jesus, Mãe

ANEXO E - NORMAS DO PRIMEIRO CONCURSO PÚBLICO MUNICIPAL

26

Decreto nº 10 de 2 de Janeiro de 1926

Sugere o actual professorado Municipal a um exame de competência.

* O pessoal intendente municipal de Bom Jesus, no uso das faculdades que lhe confere a Lei Organica do Municipio, Artº 18, no XV, resolve sugerir o actual professorado Municipal a um exame de competencia feita por uma comissao que o forenso Municipal nomeia oportunamente.

O programma de exame versará nas seguintes matemas:

1º Linguagem escrita.

a) dictado, analyse gramatical, redação orthographia e sintaxe.

2º Idem oral-

a) leitura corrente em prosa verso, com explicação dos vocabulos.

3º Arithmetica

a) - Estudo completo das quatro operações em numeros inteiros

b) - frações decimais

c) - Systema metrico decimal

d) - frações ordinarias.

e) - Regra de juros.

f) - Regra de tres.

4º Historia.

a) noções da historia do Brazil, especialmente do Rio grande.

b) narrativas biographicas dos maiores nomes historicos

5º Geographia

a) estudo de geographia phisica e politica, do Brasil, especialmente do Rio Grande do Sul.

b) noções da terra, mares, lagos, bahias, rios, montanhas e vulcões.

6º Sciencias phisicas e naturaes:

a) os tres estados dos corpos

b) - Divisões do reino animal

c) - ideias gerais sobre a classificação de animas vegetaes e mineraes.

d) - animas rudes e noivos da agricultura e pecuaria

e) - productos animas.

f) - noções gerais elementares do corpo humano.

7º Ensino civico e moral

a) palestras narrações e leitura sobre os deveres dos alumnos em relação a si mesmos e a familia e a patria.

I Os professores deverão apresentar-se na intendencia Municipal, até o dia 10 de fevereiro proximo para serem examinados, sem o que não poderão effectuar a reabertura das respectivas aulas. Registre-se e publique-se e façam-se as necessarias communicacoes.

Secretaria Municipal de Bom Jesus e de
Janico de 1926.

Joaquim da Silva Soares.

Intendente

Francisco Spindler

Secretario

Decreto n.º 14 de 2 de Janeiro de 1926

Regulamenta o serviço da Instrução Pública do município.

O coronel intendente do município de Bom Jesus, no uso das faculdades que lhe são conferidas pelo art.º 18.º n.º 15. da Lei Orgânica do município, resolve regulamentar o serviço da instrução pública, applicavel ás aulas rurais do município.

Nomeação de Professor

Artigo 1.º - Havendo vaga, qualquer pessoa poderá candidatar-se ao cargo de professor ou professora municipal, bastando para isso que o pretendente exhiba um attestado de boa conduta passado pelo subintendente do districto de sua residencia, acompanhado de um requerimento de inscrição ao intendente.

Artigo 2.º - Uma vez candidatado, o pretendente sujeitar-se-a a um exame de competencia, feito por uma commissão especialmente nomeada para esse fim, a qual, achando o candidato habilitado para o cargo, attestará sua habilitação.

A) - apresentado á Secretaria Municipal o attestado de habilitação, o candidato receberá da mesma o seu titulo de nomeação, podendo prestar immediatamente o compromisso legal e entrar no exercicio do cargo dentro do prazo de 15 dias, contados da data da nomeação.

A. Bruna

Artigo 3º - Decorridos quinze dias da data da nomeação, sem que a nomeação tenha prestado compromisso e entrado no exercício do cargo, considerar-se-á sem nenhum effecto a nomeação.

Programma de Ensino

Artigo 4º - Deverão ser as seguintes as matérias a serem ensinadas nas aulas municipaes: Leitura, Arithmetica, Portuguez, Geographia e Historia, cujo ensino obedecerá este itinerario:

- Leitura - Começando nos primeiros livros pelo methodo João de Deus, proseguir-se-á na leitura didactica dos bons autores, terminando na Selecta, com explicação dos vocabulos.
- Arithmetica - Noção dos algarismos, definição dos mesmos, signaes arithmeticos, operações fundamentais (quatro operações de inteiros) theoria dos numeros, divisibilidade, maxima divisor commun, frações decimales, systema metrico decimal, regra de tres simples, percentagem e juros.
- Portuguez - Noção das palavras, sua divisão em classes, taes como: pronome, substantivo, adjectivo e verbo; pontuação, analyse grammatical, formação do plural e particulas (palavras invariaveis).
- Geographia - Definições da geographia phisica e politica. Noções da terra, mares, lagos, bahias, rios, montanhas, vulcões etc. Noções e formas de governo. Geographia phisica e politica do Brasil e especialmente do

Rio Grande do Sul.

V - *Historia* - Noções rudimentares da historia do Brazil e especialmente do Rio Grande do Sul; tais como: descobrimento do Brazil, dominio portuguez e outros, independencia, principais guerras, abolição da escravatura, proclamação da república, principais vultos historicos e politicos etc. Quanto ao Estado: quando e por quem começou o povoamento, fundação das principais cidades; quaes os lugares que lhe serviram de capital, principais factos, vultos e lugares historicos.

Disposições Geraes

Artigo 5º - Ao professor será fornecido pela municipalidade um livro especial onde serão lançados os nomes, idade, filiação, sexo e naturalidade do alumno, cujo livro denominar-se-á "Livro de Matricula".

A) - a matricula deverá ser requerida, ao professor, pelo pai do alumno ou por quem fizer suas vezes.

Artigo 6º - O professor anotarà diariamente a frequencia verificada na aula e fornecerà mensalmente um mappa circunstanciado, à Secretaria Municipal, no qual fará constar o calculo da frequencia media verificada durante o mes.

A) - nenhuma aula poderá funcionar com uma frequencia inferior a quinze alumnos.

B) - Compete ao professor, comunicar immediatamente à intendencia quando verificar que a frequencia da aula não attinge o numero constante na disposiçào supra. Neste caso a aula será suspensa ou removida para outro ponto do

A. Bruna

37

municípios onde haja maior quantidade de privan-
zas.

Artigo 7º Nas aulas de verão será observado o horá-
rio de 5 horas no verão e 4 1/2 horas no
inverno; começando os trabalhos das 7 as 8 horas da
manhã, a juizo do professor.

A) durante o expediente poderá ser concedida
1/2 hora de recreio aos alumnos, também a
juizo do professor.

Artigo 8º É facultado ao professor o ensino de
outras materias não constantes no pro-
gramma, fóra do expediente, podendo para is-
so fazer contractos especiais com os interes-
sados de modo que não venha isso prejudicar
o ensino das demais materias constantes do
programma.

Artigo 9º Os exames serão feitos de 1º a 20
de dezembro do anno, em dia previ-
amente designado e communicado ao respectivo
professor.

Artigo 10º Serão considerados férias, os meses
que decorrem de 15 de junho a 15 de
agosto, em cuja época o professor terá direito á
percepção do ordenado.

A) não terão direito a perceberem ordenado duran-
te as férias, aquellos professores que não tenham
ainda sessenta dias de effectivo exercicio.

Artigo 11º. Além das férias de que trata o arti-
go anterior, será concedida ao profes-
sor, uma ferria suplementar de 15 dias, durante
as festas de natal a anno novo, podendo fechar
a aula e 20 de dezembro e reabril-la a 5 de
janeiro seguinte.

38

Artigo 12.º Nas vesperas dos dias feriados, compete aos professores fazerem preleção aos alumnos sobre a importancia do respectivo dia feriado, na historia pátria.

A) além dos dias feriados, da União e do Estado, será considerado feriado tambem o dia 16 de julho, anniversario da creação do municipio.

Artigo 13.º - O professor poderá excluir o alumno:

A) quando deixar de comparecer á aula durante oito dias, sem motivo justificado.

B) quando o alumno não se portar convenientemente na aula e reincidir na falta, cumprindo ao professor advertil-o na occasião de cometer a primeira inconveniencia.

Artigo 14.º Compete ao professor distribuir o ensino com a maxima calma e paciencia e manter o maior respeito e decôro na sua aula.

Regista-se e publica-se

Secretaria municipal de Bom Jesus, 2 de janeiro de 1926

Francisco Aguiar da S. Aguiar

Intendente

Francisco Aguiar da S.

Secretario

ANEXO F - FOTO DO “VAI E VEM DA MODA”

VAI E VEM DA MODA



ANEXO G - ENTREVISTA PROFESSORA LUCILA

TRANSCRIÇÃO

FITA 1 – LADO A – LUCILA – 21/09/05

Nós estamos na Rua: Borges de Medeiros, nº 11141, em Bom Jesus. Eu sou a Luciane Santos Grazziotin e essa entrevista é para Tese de Doutorado em Educação e estou entrevistando a Prof^a. Lucila, que é pesquisadora. Prof^a. Lucila, eu queria que a Senhora falasse seu nome completo, a sua filiação, sua profissão, sua formação, contasse um pouquinho da sua genealogia.

Bom, meu nome todo Lucila Maria Sgarbi Santos, sou filha de Clodomiro Sgarbi e Anita Inês Sgarbi. Eu fiz o primário, chamava na época, eu sou nascida em 26 de outubro de 41, então na época quando eu fiz o primário, eu comecei com professor particular em casa, que era uma pessoa, pode se dizer que semi-analfabeta. A minha mãe não tinha tempo de nos dar aula, então ela ficava bordando, fazendo o serviço e dava, explicava para o professor e ele nos dava aula.

Hoje, quando eu penso no professor, ele não teria as mínimas condições. Depois desse professor, tive uma professora e um professor. **Em casa?** Em casa, em casa, dava aula para nós. **E, em quantas vocês eram?** Era minha irmã, eu, e tinha uma outra pessoa da casa, devia de ser filha de um empregado, eu não lembro. Depois, nós fomos para uma escola municipal, há 1 km da nossa casa, que nós morávamos no sítio e... essa professora também sabia muito pouco.

Ela mais ficava contando anedotas para nós ao redor do fogo, para as meninas em fogo de chão e os guris ela mandava para rua jogar e brincar. Até aí, tava na terceira série, fui estudar em Antônio Prado, no Colégio das Irmãs São José. Primeira aula, não tinha a mínima idéia do que estava fazendo lá, teve umas situações bem engraçadas. Todos os meses, tinha sabatina, não tinha a mínima idéia que era sabatina, mas a professora mandou estudar pra sabatina... sabatina de geografia, nunca esqueci.

Primeiro... chegou no dia tal sabatina, a professora ditou as questões e disse, primeira questão. Eu, como professora? Primeira questão. Como? Primeira questão! Palavra mais parecida que eu conhecia de questão, era cristão. Então coloquei, 1^a cristão, 2^a cristão, 3^a cristão e fiz tudo lá. Bom, terminada as provas, a direção da escola, chamou a minha tia, que eu morava na casa dela, para não me promover, para me remover para a primeira série. **A Senhora estaria na terceira?** Na terceira, como a mais adiantada da turma, então imagine os outros. Aí, eu... imagina, eu já com uns 10 anos, eu acho, fiquei muito aborrecida.

Aí, minha tia e a minha prima, que já estava na terceira série do ginásio, me ensinaram. Pediram para irmã, me deixar mais um pouco, para ver se eu acompanhava e foram me dar aula em casa e me ensinar, aí me ensinaram, eu aprendi e fiquei muito feliz, porque em julho elas me promoveram aí para 4^a série, então naquele ano, eu fiz a 3^a e a 4^a. E elas acharam que eu tinha condição de fazer a admissão, o exame de admissão no fim do ano.

Aí, meu pai foi bem sábio, disse não, essa guria tá muito fraca, é melhor, pode não acompanhar o ginásio, né? Aí, eu ganhei o ensino regular. **Em Antônio Prado?** Em Antônio Prado, fiz o ginásio em Antônio Prado, parando na casa da minha bisavó e de uma tia. Depois, eu vim para Vacaria, fiz vestibular para normal, na época. **Se chamava vestibular?** Vestibular para entrar na escola normal, porque tinha muita procura de para lecionar e as irmãs fizeram o vestibular, não sei se era

uma exigência. **Oficial?** Oficial, não sei se era, porque tínhamos muitas alunas, eu acredito que até fosse por ter muitos candidatos.

Fiz a escola normal em Vacaria, Colégio São José. A última turma que fez sem estágio, aí veio a legislação, que era obrigado a ter estágio, eu não cheguei a fazer estágio. **Lembras do ano?** Eu terminei em dezembro de 61. Deste 59,60 e 61, aí deve ter sido em janeiro, fevereiro. Fiz vestibular em Passo Fundo para Pedagogia, era, chamava frequência reduzida esse curso, a gente freqüentava uma semana por mês, para receber as orientações e depois ficava, tinha intensivo em julho. Naquela época era 30 dias de férias em julho e em janeiro, fevereiro também intensivo, e se faziam as provas. Então eu fiz, ah... Pedagogia numa época ainda que pedagogia habilitava a lecionar história, matemática e mais o que... isso, história 1º e 2º grau, matemática 1º grau e, mas não era 1º grau, era ginásio e 2º grau no caso.

E sociologia, psicologia, filosofia e didática eu tenho... **Tudo que tivesse direito?** Tudo que eu tivesse direito, eu tinha os registros, depois... isso, eu me formei em 65, fiquei um tempo sem estudar, em 71, deve ter sido, em 72,72,73, eu fiz Especialização em Orientação Educacional. **E uma situação que eu queria lhe perguntar, era habitual as gurias daquela época, saírem para estudar fora? Sendo que era de origem rural, que morava no sítio no município de Bom Jesus, que era distante. Como era a informação dos seus pais, como a Senhora, como houve essa oportunidade da Senhora sair para estudar, era habitual isso?**

Não, eu posso dizer que meu pai e a minha mãe eles até comparando com as outras famílias, eles estavam bem adiantados, bem adiante do seu tempo e na maneira de ver a educação e a criação dos filhos. Tanto que nós tínhamos a liberdade de conversar com eles, contar de namorado, perguntar, enfim... se tinha toda essa liberdade. A minha mãe sempre se queixou que ela gostaria de ter estudado e não pôde. O meu pai tinha feito até a 5ª série que era considerado... aliás, considerado, ele fez, não sei se 5ª ou como que era... a terminologia, eu não lembro, mas ele teria, equivalia ao ginásio e depois, ele poderia ter feito técnico e se formava guarda-livros. Mas, aí ele não quis, ele sempre dizia o seguinte, se ele voltasse no tempo e pudesse estudar, ele não estudaria de novo (risos) e já a minha mãe não.

Minha mãe sempre se lamentou que fez até a 5ª série, também interna em Ana Rech, que era o Colégio das Irmãs, e ela sempre gostou muito de estudar e nos incentivou a estudar, agora... apesar do meu pai não gostar de estudar, ele lia, lia muito, muito o que aparecesse, ele lia romances, livros, jornais. A gente sempre teve jornal em casa, o que não era comum para as pessoas que moravam no sítio. **Qual era a profissão dele?** Agricultor e pecuarista, mas de médio porte pra, pra baixo. Mas, tem toda uma história de vida que ele trabalhou também como tropeiro, começou como madrinheiro de tropa e meu avô faz ele, foi a profissão dele foi tropeiro, ele tropeou 25 anos, como tropeiro de gado... fazendo de Bom Jesus a Matadouro, chamava Matadouro Modelo, de Guaíba, era um órgão estadual, era oficial esse Matadouro modelo.

A minha mãe, além do serviço da casa, do trabalho da lavoura, era exímia bordadeira, ela bordava a má quina com perfeição, então ajudava no sustento da casa com o bordado e o meu pai trabalhava, depois, depois que ele casou, ele... não sei certo, ele trabalhou muito pouco, muito pouco mesmo, o que ele fez mais foi solteiro, foi madrinheiro de tropa, acompanhava meu avó, e trabalhava na serra, trabalhava com o gado, enfim... **Enfim, que toda essa trajetória de escolaridade**

foi atípica, com relação a seus parceiros? Os vizinhos, sim. Inclusive, pessoas com muito mais poder aquisitivo que meu pai. Pessoas, que eram considerados fazendeiros fortes, o homem é rico e achavam que não precisavam fazer os filhos estudarem. Já os meus pais acharam, nós somos 3 irmãos, 1 irmão, mais 1 irmã e 1 irmã adotiva, na realidade 4.

E ele, achava, fizeram todo o sacrifício, minha mãe bordava até de madrugada, meu pai trabalhava na serra, trabalhava com o gado para que a gente pudesse estudar. Claro, que nós também tivemos a nossa cota de sacrifício, porque a gente sempre parou nas casas, imagine... a minha mãe, o meu pai, uma metodologia, com uma forma de educar enfim... muito aberta, levava a baile, a festa, achava que eu tinha que freqüentar uma boa sociedade, conversavam enfim, abertamente os problemas de relacionamento enfim, de namoros, que na época era coisa que não se falava em namoro com os filhos, era feio, ah.

Aí, eu fui para Antônio Prado na casa da minha bisavó e de uma tia, hoje eu vejo que ela tinha bastante frustrações, era uma pessoa que ela foi noiva, e a mãe dela, não deixou ela casar, porque o noivo não era católico, ia a baile, gostava de cantar tangos, coisas assim, bastante indecentes. E essa minha vó, já tinha na época, aliás minha bisavó, já tinha quase 80 anos, então era um choque de culturas. Porque lá, o que o Padre dissesse, era lei, tudo era pecado, tudo era feio, tudo era indecente.

Em casa, a gente não tinha isso, mas foi bem diferente, eu acho que isso nos ajudou, nos incentivou a estudar. **E aí, a Sra. estava falando sobre sua formação, que a Sra. terminou em que data, a Especialização em Supervisão Escolar?** Em Orientação Educacional. **Em Orientação Educacional.** Em Orientação Educacional, eu terminei em 73, também em Passo Fundo, mas eu não gostei de trabalhar como orientadora educacional, eu acho que foi muito boa para mim ter feito esse curso, porque pra minha formação, pra maneira de ver os alunos. Agora, eu não tinha paciência para trabalhar problemas, supostos problemas digamos. Métodos e técnicas eu não tinha, então era bem mais diretiva.

Aí em 74, eu fiz na PUC, ah, Métodos e Técnicas... Pós Graduação em Métodos e Técnicas de Ensino, inclusive fiz os créditos para fazer mestrado, todos os créditos e depois nós nos mudamos de Porto Alegre e voltamos para Caxias e para Bom Jesus e aí ficou mais difícil, eu terminei. **Não defendestes a dissertação?** Não, eu não fiz a dissertação, comecei, fiz toda a pesquisa da dissertação, mas tive uma série de contratemplos, os professores, orientadores, um não tinha muita prática e o outro que era de estatística, eu fiz um instrumento de pesquisa muito difícil. Ele ganhou bolsa no Exterior, foi embora fazer Doutorado, passou para um outro que achou que aquilo não estava certo, começar tudo de novo! E aí, também, eu já estava morando em Caxias, se tornou mais difícil, eu não fiz o mestrado.

Mas, a partir daí, eu comecei a lecionar história, aliás já lecionava história, trabalhei uma época como professora primária, depois isso de 62, eu me formei em 61,62, a gente foi nomeada e eu trabalhei num grupo escolar. Primeiro numa escola no interior, abriu uma escola no interior chamava as Brisoletas, um tipo de colégio criado pelo governo, pelo governador Leonel Brizola e ali a gente assumiu, era professora, era diretora, era faxineira, era merendeira, porque nos entregaram não, me entregaram o prédio, nem classes não tinham às vezes eu fico pensando, como é que a gente fazia e tinha um salão de baile perto da escola, isso era no interior, também 2º Distrito de Bom Jesus e aí o dono do salão, nos emprestava as mesas do salão de baile, então, como é que a gente fazia.

Segunda-feira, a gente ia mais cedo e os alunos levavam para escola mesas e cadeiras, no sábado, porque tinha aula até às 10 horas, aí terminava a aula, a gente trazia para o salão mesas e cadeiras. E aí, eu tinha na época 50,60 alunos sozinha, não cabia numa sala só, eu atendia um pouco numa sala, um pouco na outra. **No interior, 50,60 alunos?** Sim, tinha uma serraria, primeiro que no lugar era muito povoado, era interior, mas nesta época ainda era muito povoado e tinha uma serraria grande, fechou a tal escola municipal, quando tinha para estudar, então eu fui... Comecei no interior de Vacaria, fiquei uns meses e fui transferida para lá. Foi muito engraçado, porque eu sempre digo, que os que os que se alfabetizaram foi apesar da professora, não foi má professora, eu nunca tive queda para alfabetizar e trabalhar com crianças pequenas.

E a gente fez escola normal, sem nem saber que tinha que assinar livro ponto, isto muito tempo depois e que nós fomos descobrir, que eu fui descobrir, que eu tinha que ensinar livro ponto, eu ia lá, dava aula e pronto, não tinha... Quando começaram a eu comecei no interior de Vacaria, devo ter ficado até junho, nesta escola de interior, e vim... E esta escola do interior de Vacaria era fazenda do Guacho, a gente saía de madrugada de Vacaria, ficava lá num hotel de caminhoneiros, até chegar o horário de abrir o colégio, era uma casinha que quando chovia, tinha só uma peça que não chovia, era uma outra professora e eu, ah...pedir efetividade e eu fiquei sozinha lá uns 3 meses. **Isso é, 60 e?** 63, não 62 mesmo, 62, que

A gente se reunia e montava os alunos e professores naquela peça, tipo uma varanda, porque o resto chovia por tudo, era, não era muito fácil, mas até que era interessante. Eu fui transferida para um grupo escolar de Bom Jesus, casei em 64 e fui transferida, pedi a transferência para a cidade, para o grupo escolar que era uma realidade diferente da que eu tinha até então, e até gostei de trabalhar, me dava bem, só nunca me deram a 1ª série, porque senão, não sei como é que ia ser. **Como é que era o nome do grupo?** Grupo escolar Conde Afonso Celso. E a escola que eu comecei, hoje a escola Santo Expedito, fica em Campestre da Serra em Vacaria, que se emancipou e a outra hoje é a escola Joaquim Marques, que é uma escola de ensino fundamental completo, onde eu comecei.

Aí eu comecei a lecionar lá, fiquei lá um ano e meio, dois anos. Aí, comecei a lecionar também como contratada na escola normal de Bom Jesus, que era uma escola normal estadual. Fiquei com as duas, e no momento que eu consegui um novo contrato como professora de história no ginásio, eu deixei, me exonerei do primário. **Então, eram duas escolas, grupo escolar que existiam no município? E essa escola normal?** Escola normal, que funcionava num colégio particular, mas já era estadual, era dentro do colégio particular, do ginásio que era dos capuchinhos, eh... O próprio diretor Frei Getúlio criou uma escola normal estadual para que o pessoal pudesse... ter o 2ª grau.

Enfim, e com possibilidade de fazer gratuito, né? Que muita gente não podia pagar. E muitas professoras, que eram professoras municipais, e então na época fizeram o normal. Mas, na escola normal a gente tinha um contrato de 12 horas, mas eram 3 turmas, 1º, 2º e 3º ano, então 2, 3 aulas e a gente tinha que fechar às 12 horas. Eu lecionei até filosofia, lógica, didática, puericultura, psicologia, enfim... até que fechasse o horário. E trabalhei com supervisão de estágio.

Nessa época a Senhora Já era formada em Pedagogia? Já, já era formada em pedagogia e já tinha o registro de professora de história. Já tinha o registro de professora de história. **E dava aula de história?** Dava, dava aula de história no ginásio. Nós éramos duas professoras, uma dava aula na 3ª série e 4ª série história

geral e eu dava história do Brasil, 1º e 2º série. Foi, foi assim um aprendizado muito grande, agora, eu reconheço que se dava história, como a história oficial, vamos dizer assim. A história baseada nos heróis, né? E aquela história que vinha nos livros. Eu sempre gostei de estudar, sempre que tinha um curso, que tinha uma especialização, que tinha possibilidade de freqüentar algumas, eu fazia, eu ia, eu estudava, eu lia e comecei a me preocupar com a metodologia da história, mas nessas alturas eu lecionei, trabalhei em Passo Fundo, vivi lá, meu marido era bancário.

Então, a gente ia se mudando, aí ia trabalhando naquilo que aparecia e onde precisava. Trabalhei em Porto Alegre, no colégio Paulo da Gama, acho, era grupo escolar, depois ficou a escola normal Paulo da Gama e tinha o grupo escolar, eu trabalhava no grupo escolar e depois foi transformado numa escola só. E aí que eu fiz esse trabalho de especialização em... métodos, pós graduação em Métodos e Técnicas de ensino. Aí fui morar em Caxias, lá eu comecei a trabalhar com História e supervisão. Foi aonde eu aprendi mais sobre supervisão, supervisão escolar chamava, foi em Caxias, tinha algumas pessoas que tinham um conhecimento assim bem amplo, tinham outra visão. **A Senhora lembra mais ou menos que ano era isso?**

Fui para Caxias, 75, eu trabalhei em Caxias até 89, é... depois me aposentei, fiz novo concurso no estado e recomecei, mas aí como professora de história mesmo, trabalhei depois, na prefeitura em Caxias como professora municipal, mas aí eu fiz concurso, era... primário que chamava, séries iniciais, mas também trabalhei pouco nessa época, e aí eu fui, comecei a me preocupar com a metodologia da história e aí a delegacia de ensino, na época tinha uma orientadora, uma supervisora que era bastante interessada e começou a fazer alguns seminários e desses seminários, fizemos grupos de estudos, nos encontramos cada, uma vez, 2 vezes por mês, ou vinha um palestrante ou a gente debatia, enfim, trocava idéias, foi um grupo bem produtivo.

Nesse período já, aí já era 83,84 por aí, quando a gente começou esse trabalho com o grupo de estudo, também nessa época 84,85 eu trabalhei em colégio particular, o São Carlos, em Caxias também como professora de história, mas trabalhei só um ano, era muita coisa, eu não dava conta, tinha filhos já adolescente, mas... afinal não tinha condição de continuar com tudo.

Bom, deste período, aí em 89, nós voltamos a morar em Bom Jesus e neste período aí, eu vim para Bom Jesus e fui cedida do estado para uma escola municipal, a escola hoje, a escola municipal do ensino fundamental Irmãos Ramos, já tinha o 1º grau completo e fui como supervisora dessa escola, e a gente aí foi trabalhando, fazendo trabalhos em grupos, discutindo, fazendo reuniões por área, para estudar as possibilidades incentivando as professoras, que a maioria tinha só normal, ou magistério como passou a ser chamado e começamos a fazer esses grupos e sempre com aquela idéia de trazer alguma coisa que melhorasse a metodologia de ensino, e logo que eu fui para lá, uma dessas pessoas que trabalhavam, nós tínhamos o grupo de estudos, me telefonou que tinha assistido um curso, uma palestra aliás, em Caxias com um professor, Luis Alberto Marques, conhecido como Betinho, ele lecionava na faculdade de Osório. Lucila, eu acho que é o que nós estávamos procurando é o Luis Alberto, e ele vai repetir o trabalho dele, e ele tem uma outra palestra, aí eu fui a Caxias assistir e disse, era o que nós precisávamos, falei com a diretora da escola e organizei um seminário de estudos sociais que era de 1ª a 4ª série, e história e geografia de 5ª a 8ª.

Com o professor Betinho e com os professores de história e geografia da UNIJUÍ 1,2,3 dias não lembro, foi aberto para a região, não era só pro município, os professores do município de Bom Jesus e foi bem concorrido e o trabalho do Betinho, era uma visão muito diferenciada do que se trabalha habitualmente. Ele inclusive tem um livro, eu não lembro o nome, que ensinava a trabalhar com a realidade dos alunos, partindo de ouvir os alunos, de ouvir os familiares, de ouvir histórias dos lugares, a forma de dar, por exemplo: limites dentro de geografia, porque a gente sempre diz assim, Bom Jesus se limita ao norte, ao sul, a leste, a oeste.

Mas nunca, se trabalhava com o aluno a noção, o que é o limite. Então, ele explicou todo esse trabalho e feito o seminário, ele... a gente achou interessante, mas não sabia como trabalhar aquelas noções, então ele se propôs a dar um curso, então a gente fez esse curso, era aulas presenciais e aulas a distância. **Para as professoras do município de Bom Jesus?** Aí, só para os professores do município de Bom Jesus, não só municipais, mas do município de Bom Jesus quem quisesse assistir e era, ele 1ª série de atividade muito boa, muito prático no curso dele, ele era muito objetivo, era não, é, foi um trabalho muito bom ele convenceu do curso, bom agora vocês vão montar uma exposição com artesanato de Bom Jesus, com fotografias, enfim...

Com história de Bom Jesus. **Isso era que ano?** Isto foi 89,90, eu fui em 89, isso foi em 1990. E eu pensei assim, digo, olha, quando é que vai ter artesanato em Bom Jesus, imagina se tem artesanato, se tem coisas para uma exposição. Mas, ele pediu, que dividimos os grupos, cada grupo ficou encarregado de uma parte, olha Luciane, foi a maior surpresa que eu tive, surgiram todos os tipos de artesanato que você possa imaginar e fotografias e materiais antigos e novos e pessoas bordavam com perfeição e amarravam franjas e faziam não sei o que, e fotografias e cartas e documentos... Aí, nós fizemos o.. quando começou a reunir material eu e agora aonde nós vamos fazer essa exposição?

Fizemos no CTG, nós ocupamos o espaço do CTG cada grupo trazendo pessoas para demonstrar como é que se bordava, o artesanato em osso, em chifre, em corda, as várias tramas de bordado, de renda, de franjas amarradas, que a franja amarrada, nada mais é, que uma cramí, mas na região se chamava amarrar franjas, todo mundo sabia amarrar franjas. Então, foi uma exposição assim, um trabalho que pode se dizer que foi um sucesso total, até então o seminário tinha sido feito pela escola Irmãs Ramos, o curso, e com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **E a Sra. era só professora da escola, ou a Sra. exercia alguma..** Eu era supervisora, não lecionava. **Não lecionava, era supervisora?** Eu era supervisora escolar, aí eu fui na época... **Mentora do curso? Praticamente?**

Praticamente do seminário sim, o curso veio em função do seminário. E nesse meio tempo, a secretária de educação, Profª. Elaine Grazziotin Dutra, diz olha... até quando nós estávamos encerrando o seminário, ela foi convidada, e lá no seminário ela me convidou para assumir o serviço cultural da SMEC, para organizar os serviços culturais da SMEC. **Que não existia?**

Não existia, era das propostas do governo, que tinha assumido na época, tinha assumido em 89, organizar esse Departamento de Cultura, que existia, teoricamente ele existia dentro de uma subdivisão, porque a Secretaria Municipal de Educação e Cultura ainda não existia nada. **De fato não?** De fato não. Aí, eu fiquei assustada, o termo foi esse, eu fiquei assustada, meu Deus do céu, o que que eu vou fazer, o que que é patrimônio cultural, o que que é patrimônio histórico, o que que é isso meu Deus do céu, mas nunca fui de correr de briga, vamos lá e vamos aprender, aí saí, visitei museu em Caxias, arquivo de Caxias era muito organizado

para nossa realidade, já era longe. Fui a Antônio Prado que o museu já tinha sido organizado, é...

Como foi a secretaria de educação, a Prof^a. Corina Dotti, tinha um museu, tinha arquivo, trouxe algumas idéias, mas aquela idéia do Prof. Betinho ficou na minha cabeça, de trabalhar com essas realidades, aí eu propus um projeto para secretária e ela topou esse projeto.

TRANSCRIÇÃO

FITA 1 – LADO B- LUCILA – 21/09/04

Aí, pensamos muito e organizamos, montamos um projeto, que intitulamos resgatando nossas raízes, esse projeto então ficou resgatando nossas raízes e a metodologia, foi o primeiro objetivo dele, era conhecer a história do município de Bom Jesus, através de quem a viveu e de tudo que fez parte desse processo de formação histórica do município. Como, nós íamos fazer?

Aí, organizamos subprojetos, o primeiro subprojeto foi chamado reconstruir a história através da memória oral, ouvindo e lembrando, chamou esse primeiro su projeto, então partimos para uma... para um levantamento de memória oral, eu fiz um treinamento em Porto Alegre, um curso que teve de um serviço estadual de museus e li um xérox de um livro que agora eu não estou lembrada o nome, mas eu tenho em casa o xérox de como se organizar, compramos um gravador, fizemos promoções para comprar o gravador e a máquina fotográfica para secretária, que não estavam prevista no orçamento essas despesas, aí foi através de lei, o prefeito propôs uma lei, criando o Departamento de Cultura e estruturando esse Departamento de Cultura, não criando, que existia já, mas organizando, dando os objetivos, o que faria parte desse departamento, mas não tinha como fazer o tirar as fotografias, que nós pretendíamos e nem o vídeo, e aí nós selecionamos para entrevistar no mínimo 150 pessoas, de 65 anos para cima, independente de classe social, independente de grau de instrução, se era de zona urbana, ou de zona rural.

Como é que a Senhora selecionava essas pessoas para entrevistar?

Bom, quem é que tem mais de 65 anos? **Primeiro requisito?** Primeiro requisito e aliás o único que existia era esse, que ele tivesse mais de 65 anos, mas na realidade, a média de entrevista ficou acima 70 anos. **O que a Sra, a Sra. tinha um roteiro para essas entrevistas, o que a Sra. perguntava nas entrevistas?** Aí, primeiro como é que eram selecionados, tinha que ter mais 65 anos, raramente teve uma ou duas entrevistas que eu fiz duas eu acho que, com pessoas que estavam abaixo dessa idade, porquê? Porque não existiam outras pessoas para contar aquela história relativa a fatos sócio-econômicos de relevância para Bom Jesus, ou seja, a questão da ferraria, que se transformou em revendas de carros, a questão da construção da primeira casa de filhos imigrantes italianos nascidos em Bom Jesus, de uma parteira muito famosa que teve lá, que era a vó Joaninha, então só tinha... não existia mais essas pessoas, não tinha mais condições. Então, uma neta da parteira e a filha desse do Sr. Mário De Boni foi entrevistado, aí, a gente fazia uma relação, reuníamos umas pessoas, quem é que vocês conhecem, que tenha mais, que tenha... se enquadrem nesse perfil de mais de 65 anos. Ah, fulano tem 70, tem 80, tem 65, enfim. Aí, nós fazemos uma relação de pessoas e partimos para ouvi-las. Mas, você precisava ver o gravador que eu tinha, eu acho que pesava uns 8kg, a gente comprou o maior que tinha por achar que era o melhor (risos). **Quanto**

maior, melhor gravava. Melhor gravava... e lá íamos nós à pé, a rua afora, com o dito gravador, depois nós fomos descobrir que não tinha nada que ver, mas fizemos muita entrevista, no dito do gravador. Eu tinha um roteiro, eu fiz porque o objetivo era ouvir a opinião das pessoas, embora a gente saiba que interfere muito a questão da psicologia, do saudosismo, a memória até que eu acho que potencializa algum fatos, né? Aquelas coisas boas, principalmente quando as pessoas eram jovens, tinham bastante saúde, iam as festas, eu acho que isso aí, a gente sabe... Mas, o essencial era ouvir essas pessoas, então nós queríamos tudo que elas soubessem, então nós começamos, o nosso roteiro primeiro a gente fazia a identificação do projeto, a data, e... quem estava fazendo a entrevista. Uma outra coisa, a pessoa era esclarecida, de que essas fitas seriam da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, porque aí, ou a Prefeitura nos deu, ou nós fizemos promoção, mas enfim, dá... **O material seria...** Dá..., ficaria para o arquivo que ainda seria criado alias, foi, legalmente foi criado, não estava organizado, foi criado, museu, arquivo, nessa mesma lei que organizou o departamento, se previa a criação de museu e o arquivo municipal a biblioteca pública já existia de direito, mas não existia de fato.

Foi as três primeiras coisas que nós iniciamos o trabalho, foi esse. E um banco de memórias, então a gente fazia essa identificação, depois perguntávamos o nome da pessoa, e toda a genealogia dela, até onde ela lembrava. Filha de quem, neta pelo lado paterno, pela lado materno, com quem tinha casado a genealogia do marido, os filhos que teve, com quem casaram, porque isto? Porque nós queríamos ver a miscigenação que houve, não sei se é o termo correto, miscigenação. Mas, enfim as várias etnias, os grupos étnicos que tinham e como é que ficaram, porque, muitos parentes na história. Bom Jesus, tem uma característica diferenciada nessa questão étnica porque ele é povoado por portugueses inicialmente, os índios que já estavam lá né, os negros que foram com os portugueses, depois os alemães e italianos.

Mas, o grupo alemão e italiano, eu acredito que pelas distâncias e pelo grupo pequeno, ele... ele se aculturou de tal maneira, com os que já estavam lá, que eles perderam o uso da língua, nenhum italiano de Bom Jesus a partir da segunda geração falou italiano, **Ao contrário do... dos outros povoados da serra de... de Antônio Prado, Caxias...** Claro, claro, por transferência, todos os campos de cima da serra, os municípios considerados campos de cima da serra, São Francisco, Jaquirana, Cambará, Bom Jesus, Vacaria, Esmeralda, hoje São José dos Ausentes, que se emancipou de Bom Jesus, que eles tem essa característica.

Então, eu imagino assim, que chegou lá o alemão, ele tinha que oferecer seu trabalho pros portugueses, eles tinham que falar com eles, a Vila era muito pequena, as pessoas moravam nas fazendas, e então não tinha como, ele teve que aprender a língua, tanto os alemães, isso eu fiquei sabendo através da memória oral, tiveram dificuldade de desenvolver, de instalar a religião luterana, porque os pastores vinham da Alemanha e não falavam português, e eles não podiam falar com as comunidades que tinha lá. Os italianos também, por exemplo: Eu, na minha família tenho três partes italianas e uma apenas portuguesa, a minha avó falava italiano, meu avô também, mas nunca falou e ninguém tem esse sotaque, essa pronúncia carregada do italiano, não tinha, porque as pessoas aculturaram e hoje a gente, se for fazer uma análise da formação, fulano sabe dizer se tem. Fulano é de origem italiana, praticamente pura, é o termo que a gente usa, em caxias é italiano, não. É..Scott casado com Oliveira com Silva, De Boni casado com Finger, um "Tietbol" casado com uma da Silva, com uma dos Santos, então, é uma característica bem diferenciada.

Enfim, seu objetivo no caso, nas entrevistas, é justamente a genealogia, para conseguir perceber essas relações que se estabeleceram? Exato, para conseguir isso aí. **O que está, se enfatizando nas entrevistas?** Bom, aí feito isso, eu perguntava também, se eles sabiam da onde tinham vindo, alguns diziam olha, veio de tal lugar, outros lá de São Paulo, outros eram daqui mesmo, não tinham uma outra informação.

Aí eu passava não necessariamente nesta ordem, aí eu perguntava sobre o lazer, como é que era, sobre os costumes religiosos, sobre a alimentação das pessoas, sobre as profissões, sobre a questão da relação homem e mulher, sobre quem mandava em casa, quem não mandava, a educação, se deu um ênfase muito grande essa questão e se levantou dados bem interessantes, eu tinha que dar uma explicação, agora fugiu...

Ah, das profissões, sempre que alguém dizia minha profissão é essa, então eu detalhava, procurava tirar o máximo possível daquela profissão. Ah, eu fui tropeiro, então me fala sobre tropeirismo, como é que era? Por quê? Tropeirismo é muito importante na formação de Bom Jesus, porque os primeiros povoadores que chegaram lá, que pediram as sesmarias, foi porque os tropeiros levaram a notícia, tinha campos bonitos, água da boa, gado xucro a vontade. **Tinham vindo das Missões, né ?** Quando que os jesuítas tinham largado, largado lá nos Campos de Vacaria, tudo era Vacaria. Todo esse aspecto aí, a gente fez esse levantamento, e às vezes aí, conforme as pessoas falavam, as vezes elas lembravam de uma coisa que não tinha lembrado, as viagens, os meios de transporte, como é que eram feitos, os casamentos, como é que acontecia, as festas de casamento, enfim...

As pessoas iam contando a sua história. E eu perguntava, pontualmente algumas coisas, às vezes uma das palavras, foi um Senhor de origem alemã, ele foi trabalhar como carpinteiro e ele me disse eu fiz a "tocanissa" da igreja, e eu fiquei olhando pra ele, que palavrão é esse ? Aí que foi, ele me explicar e eu pergunto sempre que eu não sei o significado de uma palavra eu pergunto. Que significa isso? O que o Senhor quer dizer? Então, a pessoa explicou que tocanissa era o frontal da igreja, era a parte de madeira para fazer o frontal das casas, chamava tacanissa, eu nunca me lembrei de olhar no dicionário e ver se existe essa palavra e normalmente se gravava, poucas eu não gravei em 1 hora, todas são 2,3 horas. Teve pessoas que eu cheguei 2 a 3 vezes, a entrevistar, porque sentia que a pessoa cansava, voltava para o caso do meu pai, da minha mãe, 4,5 pessoas que tinham muito a dizer e teve uma pessoa, Sr. Vicente Ribeiro, uma pessoa fantástica, mas ele devagar, daqui a pouco ela fazia uma citação bíblica, e fazia a relação de alguma coisa com a bíblia, e às vezes eu deixava ele falar, até para vê essa formação religiosa, da pessoa não cortar, enfim.

Essas fitas depois foram para um arquivo? Todas registradas no arquivo com número e com uma ficha de acompanhamento, sabendo olha, a fita número 1, lado A, qual é a seqüência que tem, do lado B, a ficha 2 do lado A e do lado B e assim por diante. **Aí, já tava criado o arquivo?** Aí, já estava criado o arquivo, quer dizer, primeiro eles foram concomitante, ele tava criado oficialmente, mas não estava organizado.

Aí, depois foi a biblioteca? Bom o museu e arquivo, e aí no final, a gente não tinha... olha... meu museu, arquivo e biblioteca, nesse ano de, que eu comecei em 90, mas mais lá para agosto, setembro. Então, na realidade 91e 92, era uma sala 3x3, eu trabalhava numa salinha da própria secretaria de educação, e aí nós fomos colocando prateleiras e pedindo livros... e pedindo material, registrando é... consegui uma série de materiais mesmo para museu e para arquivo. Aí, em 92 a

prefeitura comprou o antigo colégio das irmãs e nós mudamos para lá e ainda assim, uma sala era biblioteca, e uma outra nós organizamos o museu e a outra era o arquivo.

Mas, já tinha 3 espaços? Três espaços. **Separados?** Separados. E nessas alturas nós fizemos questão de nos mudar, porque mudou o governo, e a gente quis deixar instalado para não correr o risco, como é comum de um faz e o outro desmancha. **E aí, ficou tipo uma lei municipal, criada pra essas...** Tipo não, uma lei municipal, criando o museu, o arquivo e organizando o departamento de cultura e repassando para o arquivo, o material que tinha na prefeitura, que era num sótão, que banho os papéis tomaram! Arrebentou uma caixa d'água e tava tudo lá.

E esses papéis eram registros da cidade, do quê? Era de tudo, pode se dizer, era os livros antigos de quando foram criados o município, que ele se emancipou em 1913 de Vacaria. Tinha de tudo lá, foi assim olha, nós pedimos um pessoal da obra, aí eles iam lá, pegavam tudo aquilo e jogavam dentro de um saco e despejavam, aí nós tínhamos uma salinha e despejavam dentro daquela sala, aí nós fizemos, uma pré organização, por secretaria, meio como dava, bem na verdade, porque era assim, final de administração, 1 mês e meio, 2, nós fizemos essas transferência, não, foi mais, 3 meses nós fomos selecionando, empacotando e registrando aquele material.

Aí, a prefeitura legalmente nos doou, nos doou os livros de registros antigos da prefeitura e ao mesmo tempo, nós começamos a recolher também o material das instituições, porque coincidiu, com aquela febre da Neuza Canabarro, de terminar e de fazer limpeza, com limpeza em papéis livros a biblioteca dos Capuchinhos, o ginásio era dos capuchinhos, foi cometido o maior crime, quando nos damos conta tinha sido feito, tinha uma moça que trabalhava na biblioteca, que tudo que a Neuza disse que era anterior a 60, não valia, tava numa sala para vender, tinha um caminhão para Caxias de livros, inclusive livros editados em Lisboa, dicionários, aquela riqueza da biblioteca dos capuchinhos... sim é, Tapera do Meyer, Alcides Meyer, foram loucura, e essa mesma pessoa, irmã era diretora do grupo escolar Conde Afonso Celso, resolveu fazer uma faxina nos papéis velhos do grupo e uma professora, professora Fátima, sabia que nós estávamos organizando e me chamou, disse venha cá ligeiro, então as coisas aconteceram assim, meio de susto em muitos casos.

Aí, vocês recolheram os objetos? Aí, foi lá no grupo escolar, eu disse, não, não. Antes de botar, não bota fora, bota numa caixa, tudo que vocês não quiserem, põe numa caixa. Era a história do grupo escolar dentro... **Que ia...** Lá para o fogo! E depois nós pegamos da igreja, todo aquela... **Isso era o que, 93?** Não 91, 92, isso aconteceu. Na igreja nos deram todas as alfaias que não usaram, eh...todas as roupas de rezar missa, anterior a 62, livros em latim, no próprio colégio Frei Getúlio, porque este ginásio dos capuchinhos, depois foi comprado pelo estado, e passou a escola estadual e levou o nome do Frei Getúlio, que foi uma pessoa de muita importância para Bom Jesus, em termos assim de evolução cultural e social, ele foi fantástico, Frei Getúlio então ele levou o nome, depois faleceu e foi dado o nome. E aí, tudo que tinha lá também, que ia terminar, não que a diretora quisesse pôr fora, mas tava lá, que numa limpeza ia.

Aí, eu fui lá, recolhi álbuns de fotografia, tinha um jornalzinho, chamado Ideal, que os alunos do ginásio escreviam, a gente recolheu todo aquele material, então eu recolhia, a minha primeira função foi recolher e recolher. Casas que estavam para ser demolidas, nós fomos num sótão duma casa, recolhemos preciosidades, tal casa

vai ser demolida, um casarão antigo, tinha uma casa comercial, uma bodega, que chamavam, e tudo que não queriam ia para o sótão, porque era com 3 pisos, né?

E aí, fomos para lá, minhas meninas, que eram gurias que trabalham comigo, são chamadas as meninas da Lucila. E lá, nós botávamos luvas, máscaras, guarda pó, ia todo mundo para lá recolher material, eu junto, ajudava separar, peguei junto sempre, não tem de eu não faço, e aí nós fomos organizando e nesses 12 anos, 12 anos não, 92, é 13 anos, nós hoje temos um espaço com museu, arquivo, biblioteca, falta muita coisa, muita coisa mesmo, material para a biblioteca, móveis, o próprio museu e arquivo, a gente vai devagarinho, porque depende muda a administração, às vezes os cargos que foram criados são desviados, vai lá dá um cargo, digamos de bibliotecária, tem uma bibliotecária, até tem uma nomeada, que já era criação da biblioteca, coordenador de museu, coordenador de arquivo, não lembro mais os nomes que tem lá, eles desviam, ficam em desvio de função, aí tu vai vê, mais onde, é que tá esse cargo, tá com o fulano que sei lá o que que ele é, sei lá motorista, é alguma coisa. Isso nós trabalhamos uma administração toda com a secretaria que tinha muito bom senso, Leda, que foi que substituiu a anterior e me deixou porque eu era para eu ter saído, mas como eu era professora municipal e nessas alturas eu já tinha feito concurso para professora municipal, eu acho que eles acharam que eu ia incomodar muito nas escolas não sei, me deixaram lá, foi muito bom, e ela me deu todo o apoio essa pessoa, nós já tínhamos trabalhado juntas, muito tempo no ginásio, a gente se conhecia bem, tinha uma amizade e ela enfrentou a barra de outro partido ter assumido e me deixar fazendo o trabalho.

Então, teve continuidade, mas eu trabalhei assim é... sobrava uma professora, voltava de uma licença, aquela ia trabalhar. **E aí, depois, então até esse tempo tava criado o museu, o arquivo e a biblioteca? É a biblioteca. Que outros espaços no transcorrer desse tempo foram criados, houve ainda se for analisar, até os dias de hoje, quais foram os outros espaços que... na sua cidade, que se constituíram a partir talvez dessa proposta dessa...** Nós temos um espaço que chama cantinho útil, onde se trabalha com crianças é... até... de educação infantil até 3ª série, do município independente se é escola municipal, particular, ou estadual, eles são, tem uma pessoa que faz contação de história, faz teatro é... conversa com eles, enfim faz uma série de atividades lúdico educativas, um trabalho tivemos sorte de pegar uma menina muito boa.

Feira do livro a partir de 90, começou a ser feita a Feira do livro. **89?** 89, eu não tava na secretaria, só participei assim ajudando, mas não fui organizadora, então foi essa administração 89-92 que pensou a feira do livro, aí nós tivemos até 96, 97, 2000 não foi feita feira do livro, porque aí a pessoa que coordenava o departamento, aí eu fiquei só trabalhando com minhas 20 horas de professora municipal, e tinha uma outra coordenadora fez um projeto muito bonito, só que ficou inviável financeiramente, daí eles preferiram não fazer a feira do livro. E agora em 2001, nós retomamos a feira do livro, e transformamos em feira municipal e regional, então a gente procura aglutinar a vinda daqueles municípios que não fazem feira do livro ainda.

Que ocupam esse espaço na cidade? Dessa feira do livro? Eles vem, eles vem e participam. **Quais são os municípios?** Jaquirana e São José dos Ausentes e Cambará do Sul. E este ano nós convidamos e vai participar, eles fazem feira do livro, mas vai participar Picada Café e Nova Petrópolis. Daí, eles levam um grupo de alunos para visitar, eles apresentam alguma coisa, teatro, músicas, esse ano vai ter uma contação de história por um grupo de São José dos Ausentes, vai vir o coral de

Nova Petrópolis, Picada Café não sei o que vai trazer, Vacaria vai trazer alguma coisa também. E realmente ele tá ficando regional, não é só o nome.

E mais algum outro espaço? Bom, nós criamos bibliotecas ambulantes, a gente chamava a caixa mágica, que não era nada de mágica, era uma caixa de papelão, onde vai para o interior e essa professora do cantinho lúdico tá nas escolas municipais, vai cada 15 dias, vai a supervisão das escolas, vão fazer reunião com os professores, e ela trabalha com as crianças, então leva livro, conta história, faz trabalho, faz o mesmo trabalho que é feito na cidade, no cantinho lúdico, que é uma sala especial, ela faz esse trabalho, com as... com os alunos. Tentamos criar as bibliotecas comunitárias, mas não deu certo.

E casas tombadas, teve alguma? Teve algum outro espaço de casa tombada? Tem uma casa que foi doada, é um outro fato inédito, a família De Boni, foi quem construiu a primeira casa, dos filhos imigrantes que foram para Bom Jesus, nascidos lá, foi o Sr. Mário De Boni, construiu uma casa, e depois foi embora, enfim, morreu. E a casa tava lá meio abandonada e eram tantos herdeiros que devia dá uma tábua para cada um (risos) e aí umas netas da vó Joana que era a mãe do Mário De Boni, deu a idéia e coordenou, nos deu a casa restaurada, isso foi o inédito.

A Senhora diz, deu para a prefeitura? Nos deu e a forma de falar deu para a prefeitura, deu este espaço para Bom Jesus. Então, essa é uma casa que não pode ser desmanchada, se desmanchar retorna para os herdeiros. **E o que tem lá?** Lá funciona, porque aí tem que ter um pouquinho da história da Joana De Boni, era uma pessoa que foi de Caxias para lá, o marido dela era ferreiro e morreu em 41, quando deu a gripe espanhola, ele morreu. Ela ficou com 8 filhos pequenos e grávida do nono filho. E o mais velho tinha 17 ou 18 anos, eu acho que não tinha nem 17 anos, eu acho que tinha uns 16 anos, que o mais velho era do Sr. Mário De Boni. E ela criou todos esses filhos fazendo artesanato da época, ele trabalhando na... continua com oficina, com ferraria, e a vó Joana, lavava roupa, abria lã, fazia cobertas, torrava café, socava café, o que era artesanato da época ela fazia com os filhos.

Então, o que essa neta dela que conviveu muito com ela, disse vamos transformar essa casa num espaço para desenvolver o artesanato que já tinha sido criado pela secretaria de ação social, mas depois foi dado continuidade através do departamento de cultura, a gente criou uma associação de artesãos e foi instalado nessa casa, então tem espaço para exposição e venda do artesanato da associação e um espaço onde conta a história da migração italiana em Bom Jesus. Tem esse espaço. Bem, que mais nós temos para dizer. Bom, da memória oral, essas fitas a gente tem bastante cuidado, ah...

Que mais tinha no projeto? Além, da memória oral? Depois, da memória oral, é isso, nós agora estamos entrando em contato, vê se o SEBRAE nós dá estagiários, ou pagos as horas, não sei como é que faz, para transcrever essas fitas, porque é bastante demorada a transcrição. Porque uma das coisas que a gente tem que transcrever, eu acho que isso é importante, é como a pessoa falou, que aí você fica com o linguajar da pessoa, as expressões, tudo isso tu tens condições de levantar, bom esse foi um dos subprojetos, que eu falei antes, que foi reconstruir a história, através da memória oral, ouvindo e lembrando, outro subprojeto foi reconstruir a história através de memória visual, vendo e lembrando, então aí foi o levantamento de fotografias, não só recolher as fotografias antigas que a gente conseguiu, como tirar fotografias de locais históricos...

TRANSCRIÇÃO

FITA 2 – LADO A – LUCILA – 21/09/04

Bom, o sub projeto 2, reconstruir a história através da memória visual, vendo e lembrando então aqui, retomamos os usos e costumes fotografando, filmando é... que depois mais adiante resultou em exposições e banners com os fazeres, em Bom Jesus. **Que exposições foram essas?** Esse foi exposição que era Bom Jesus passado e presente e garantindo o futuro, é uma exposição que nós fizemos com banners, com textos e foi feito a exposição, aqui na Mário Quintana, nós ficamos uma semana ali. **Na Casa de Cultura?** Na Casa de Cultura Mário Quintana, num espaço novo... **Em Porto Alegre?** Em Porto Alegre, que foi aberto para os municípios, nós fomos o primeiro a apresentar e foi sucesso, tanto que esse ano foi convidado de novo. **Qual foi o ano então, a primeira década? Foi em 2003?** Em 2003.

Esse ano não foi por uma série de contratempos, principalmente por falta de dinheiro da prefeitura. Isso que a despesa era trazer, oferecer um coquetel, enfim... Então a gente fez esses banners e as exposições tipo assim. Primeiro a história de Bom Jesus em banners, começando pelas fazendas, as tropeadas, e tudo depois um dia de, nos, chamamos que.. num sítio a gente tinha o hábito de dizer hoje é o dia de fazer pão e dia de carnear. **E vocês tem fotografias desses dias?** Foi feito um texto e nós reconstruímos isso, com pessoas que faziam. **Então vocês tem esses materiais dos dias na...** Temos, temos em banners. **Mas, só em banners ou tem fotografias, e como é esse material o dia de?** As fotografias nós temos no arquivo fotográfico e depois foi passado através de computador.

Como arquivo tem uma série de eventos que é o dia de e cada um é... Exato, torrava café eh, eh... **Como é que foi feito isso? Como é que foi feito o dia de, como é que vocês fizeram isso?** Dentro deste projeto, vendo e lembrando que é a reconstrução da história, através dos usos e costumes, então nos marcávamos assim. D. Fulana, a Sra. ainda tem forno de barro para fazer pão? Tenho. Então, a Sra. concorda em fazer pão para nós? Como era que a Sra. fazia pão antigamente? Aí a pessoa, ia lá, fazia fogo no forno, fazia o pão, assava. **E é uma equipe?** A equipe era uma equipe (risos), tinha uma equipe (risos). A gente vai lá, filma, só filmar não era eu, só as fotografias, ia uma outra pessoa para filmar, ah... o dia de fazer doce.

Eu lá numa casa, essa eu fiz na casa da minha mãe, já foi lá em 93 eu acho, 94 não me lembro, então desde ir lá no pé, recolher as frutas, aí não foi filmado, não tinha quem filmasse, eu só fotografei, ela colhendo as frutas, as mulheres ajudando, as crianças, como fazia mesmo. **Então, a Sra. reconstituiu vários fazeres?** Vários fazeres ...Vela, torração de café, carnação, eh... fazer doce de pacho, fazer pães, e uma série de fazeres...

Depois nós temos feito um trabalho muito grande com tropeiro, então reconstruir, eles tirando pendo para fazer laço, para trançar, trançando... **Seria quase um projeto, um sub projeto dentro do sub projeto?** Praticamente. **Por que nesse caso o sub projeto é vendo e lembrando e aí, dentro do vendo e lembrando tem os fazeres.** Tem os fazeres... **Hum, entendi. E o outro sub projeto?** O outro sub projeto é: patrimônio cultural, um caso de vida ou morte.

Que é a organização do museu e o arquivo municapado, a construção a guarda desse patrimônio cultural, esse foi um terceiro sub projeto, o quarto, bom aqui nós vamos ter que falar um pouquinho. O sub projeto foi, mangueirões de pedra,

patrimônio histórico do sul brasileiro, porque existia, era Distrito de Bom Jesus, hoje é município de São José dos Ausentes, existe ainda mangueirões de paipa, são muros de pedra, para quem não conhece, você conhece,mas enfim... Ah... enormes, e todo mundo discutia , eh... foi feita pelos índios? Foi feita pelos Padres Jesuítas das Missões? Foram feitas pelos tropeiros? Enfim... Eu sempre ouvi falar nesses mangueirões.

Fui lá visitar, são quatro mangueirões, ficam todos no Distrito de, era terceiro Distrito, hoje é município de São José. São mangueirões que cabem assim, três mil cabeças de gado lá dentro. São muito grandes, paipas que hoje ainda tem 2 metros de altura. **Estavam abandonadas? Ninguém lembrava que elas existiam?** Não, todo mundo sabia que estavam lá, duas são sedes de fazendas hoje, uma totalmente descaracterizada, teve gente do dono, se permitem dizer assim, construiu uma casa dentro da mangueira, o capataz, tendo uma área imensa de campo, ele construiu dentro da mangueira, desse mangueirão.

Outra não, tá ao lado bem conservado, e duas são assim num local completamente ermo, não tem fazenda, não tem nada, uma maravilha para gente vê. **E esses mangueirões, no caso do projeto, qual era seu objetivo com os mangueirões?** Era saber quem construiu esses mangueirões, que função tinha, estudar as origens e funções dos mangueirões. **Tens esses históricos, tens esses estudos?** Olha, foi tão discutido e não se chegou a ..teria que fazer uma escavação, né? Para ver o que que a gente encontra lá. Que isso ainda não foi possível, eu levei especialista, a secretaria no caso, que eu contatei, com arqueólogos, e levei lá para olharem, quem conhece os muros, as construções das Missões, vê se tinha alguma coisa a ver. E eles chegaram a conclusão que não.

Aquele tipo de construção das Missões, é um tipo de pedra bem diferenciado e um tipo de construção muito mais especializada, as nossas são construções rústicas, mesmo empilhar pedra uma em cima da outra, com uma tecnologia, que tá lá há 150 anos e não caiu. **E esses mangueirões são tombados pelo município?** Não são, não são. **Eles servem hoje de referencial de ponto turístico, tem visitação?** Ponto turístico, tem visitação. **E fica no município de Bom Jesus?** De São José dos Ausentes.

No município de Bom Jesus tem os corredores dos tropeiros, que é uma corredor de paipa, isso tem e a gente tá tentando tombar, para que não se desmanche, porque para tem mais um meio metro de pasto para o gado, eles são capazes de botar abaixo os mangueirões que mangueirões não, as paipas que formam os corredores, né? **Fica em que Distrito esses corredores?** Um, fica aqui no primeiro Distrito, para quem vai para casa Branca no terreno do Sr. Ari Becher, tem uns 5 km de corredor e tem outro fica lá na Dra. Regina, também é muito grande e são corredores, tem uma largura sei lá...10 metros de largura, quantos metros tem, sei lá... não me lembro, não medi, mas são muito largos.

E em função desses mangueirões, nós criamos aí, da atividade, possível atividade que tivessem dado origem a esses mangueirões, se criou o Seminário de Tropeirismo, a gente colocou o título como mangueirões de pedra patrimônio histórico do sul brasileiro no projeto, mas na realidade o que foi executado foi um seminário nacional sobre tropeirismo. **Que aconteceu quando o primeiro?** O primeiro em abril de 1992. Terminado o seminário foram aprovados as “moções” e foi pedido que se criasse uma lei institucionalizando o seminário, foi pedido do público presente. Nesse primeiro seminário quase 200 pessoas dos 3, dos 4 estados do Sul. Foi aprovado e o prefeito antes de sair, deixou criado a lei, atendeu ao pedido, a moção e se criou.

A partir daí, a cada 2 anos se faz um Seminário Nacional sobre Tropeirismo e hoje nós estamos no 7ª Seminário Nacional e 4ª Encontro do Conesul sobre tropeirismo, aí nos damos conta que o tropeirismo não é uma atividade brasileira, só, ou só dos Estados do Sul, é uma atividade de toda a humanidade, tem o seu ciclo de tropeirismo, e no caso a nossa está ligada diretamente ao Peru, com as Minas de Potozia, essa coisa toda.

Então, nós estamos fazendo e está tendo uma aceitação nos meios acadêmicos muito grande, a cada dois seminários a gente edita um livro, todo material e está servindo de referencial para outros seminários, nós vamos fazer sobre tal assunto, baseado no que vocês fazem em Bom Jesus. **O último aconteceu em 2003?** Em 2004, são os anos pares, este ano. **Já aconteceu?** Já aconteceu e segundo os pesquisadores, os estudiosos, os que tem vindo eles que ...realmente a gente sente, está cada vez vindo gente mais especializada, vem gente da Argentina, do Uruguai, do Peru, consulado do Chile, já nos mandou um e-mail pedindo com antecipação, porque ele que providenciar que venha pessoas do Chile, então para nós é ótimo, em questão cultural e educacional e agora nos estamos organizando um livro didático, porque os professores e alunos, começaram a se queixar que esses seminários, estavam numa linguagem que eles não entendiam.

E realmente tem algumas palestras que são bem especializadas, então nós organizamos uma equipe, vai ser escrito a várias mãos, uns vão escrever um assunto, outros , outros... Já estamos com 10 capítulos, uma linguagem bem mais simples, mais acessível, capítulos não muito grandes e com uma organização, porque os livros também são organizados por capítulos, então se trata de arquitetura num capítulo, usos e costumes vai ser um outro capítulo, sobre divisões, e vai ser um outro livro a parte desses 3, que já tem publicado. **É um livro didático sobre tropeirismo ou sobre municípios?**

Sobre tropeirismo, sobre tropeirismo e também nós estamos com um sub projeto para criar o museu do tropeirismo, estamos com um sub projeto muito bom, inclusive com com espaço temático, até eu vou a Porto Alegre tratar com a museóloga para nós encaminharmos para ver se a gente começa reunir dinheiro, para arrecadar dinheiro, nós estamos procurando parceiros de faculdade também que nos dê apoio, porque aí vai ser um projeto de fôlego. E ele vai ser um referencial turístico para rota dos tropeiros que está sendo criada, formatada a rota dos tropeiros, os Campos de Cima da Serra, e a culminância digamos, seria estes museu, este espaço. **Que também iniciou a partir de um sub projeto?** De um sub projeto resgatando nossas raízes. Aí, o outro sub projeto são os donos da terra esses desconhecidos, os índios, é um levantamento histórico, dos índios em Bom Jesus.

Esse primeiro trabalho foi chamar alguém, era assim, lá tem uma toca de bugre, tem um buraco, que que é isso? É um buraco de bugre, que diabo de buraco de bugre é este? Então, pedimos para um arqueólogo Prof. Pedro Mendes Ribeiro foi a Bom Jesus e olhar para ver se era mesmo. Aí, nos metemos numas grotas, meu Deus do céu... aí eu me arrepiei até onde nós andamos, as casas não, são chamadas casas subterrâneas, em locais bem, tem 1 km e pouco do centro da praça de Bom Jesus, mas tem alguns locais de enterramento, que fica nas grotas brabas . **Enterramento, o que seria enterramento?** Enterramento dos índios, só que esse enterramento é um céu aberto em... peraus, principalmente onde tem queda d'água... os animais... difícil acesso para os animais, pra tudo.

E este projeto já resultou esse sub projeto, e resultou um convênio com a UFRGS, onde a equipe de arqueologia, do Curso de História, já há uns 4 anos que pesquisa em Bom Jesus, foi feito um convênio, a prefeitura dá o alojamento e alimentação, e eles entram com os arqueólogos, estagiários, estudantes, enfim... Com o pessoal, com um grupo de trabalho.

A gente tem feito um levantamento muito bom e a Prof^a Silvia Culeva, a tese de Doutorado dela é sobre as casas, as moradias dos índios nos Campos de Cima da Serra, em Bom Jesus, não é nem nos Campos de Cima da Serra. Em Bom Jesus, em Bom Jesus, povoamento, enfim. Deste... teve 2 estagiárias, que hoje já estão formadas, se interessaram por arqueologia histórica e ela vai fazer a tese, a dissertação de mestrado e depois a tese de doutorado em cima do Passo de Santa Vitória que é no Rio Pelotas em Bom Jesus, onde tem as ruínas, onde era o registro das tropas, a contagem e a cobrança de impostos e a passagem do Rio Pelotas de tropas que vinham.

Desde Argentina, que iam para feira de Sorocaba em São Paulo, para depois serem distribuídas, principalmente nas Minas Gerais, por causa do ouro, de mulas. **Nesse caso mulas.** Mulas xucras. E tem todos os outros tipos de tropas, que uma outra história e... Um quinto. Sub projeto? Esse nós damos o nome de projeto, os quatro sub projeto são esses, que já têm em outros sub projetos. O que que a gente fez? Foi mudando a administração, a gente acrescentou mais coisas, mudou um pouco o foco ou acrescentou outros elementos, mas basicamente continuam. Então, cada vez aperfeiçoando seminário, essa questão com a UFRGS, a organização da memória oral, o arquivo, nós continuamos entrevistando, não tão intensamente, mas eu sempre faço 8 a 10 entrevistas no mínimo por ano.

Quando me lembro de alguém, ah fulano ainda não foi entrevistado, fulano sabe tal coisa. Eu dei enfoque agora neste último ano, as serrarias, ao trabalho das serrarias. Como eram tratados, como é que funcionava, como é que derrubavam os pinheiros, que é uma outra parte. Aí, nós fizemos um projeto SOS leitura, que era a instalação da biblioteca pública municipal. **Mas, já não tem biblioteca?** Ela existia de direito em 92, que esse projeto também é de 92, instalamos, damos um espaço, eu acho deixa eu vê, se tem mais algum, não. **Tá... mas esse eu não entendi esse SOS, é daquela época?** Daquela época SOS leitura biblioteca pública, antes de tudo uma necessidade. **É decorrência também daquele mesmo processo.** Daquela mesma processo, por quê? Se pode dizer, também apesar de ser um projeto a parte, é um resgate também, um reconstruir da história, porque o pessoal, principalmente do núcleo urbano, eles liam muito, eles montavam peças de teatro, eles tinham banda de música, eles é... tinham um vida cultura para época até bastante boa.

A Sra. sabe determinar mais ou menos, qual era a época que tinha isso? **Banda, peças?** De 1913, foi criado o município, mas já existiam pessoas que trabalhavam, teve jornais, vários jornalinhos pequenos que eram coordenados pelo Sr. Francisco Espeneli, que é os sumidades da criação do espiritismo, do desenvolvimento da doutrina espírita do Rio Grande do Sul, ele é italiano, veio para Bom Jesus morar lá, ele é imigrante mesmo, veio direto para Bom Jesus, então ele trabalhava muito, e através do Francisco Espeneli que eu acredito que foi das pessoas que lançou essa semente, digamos de leitura, faziam, viam, ouviam música, não tinham vitrola, não era vitrola, como era... manivela... **Gramofone.** Gramofone, eh... faziam peças de teatro, de canto. **Isso se constituiu num tempo, num tempo se fez isso?** Muito, muito a banda ela vai de 21 a 33, inclusive com, veio o maestro de Santa Catarina, não sei como surgiu lá esse maestro e outra pessoa aprendeu,

que foi o Sr. Vítor Xavier, que aprendeu e tinha, fazia muita serenata, que iam nas casas tocar, ouvir música... Depois, teve cinema mudo em Bom Jesus, teve também cinema mudo e os filmes eram mudos, né, e uma pessoa tocava piano, então o cinema tinha o seu piano, as pessoas tocavam piano para fazer o fundo musical para o cinema.

Mas no início a Sra. resolveu retomar a biblioteca? A biblioteca também. E o teatro nós estamos tentando criar um grupo de teatro, já foi teve, em Bom Jesus na década de 60 e...64 a 70 mais ou menos, foi sede do teatro estudantil, que baseado nisso aí, depois teve o Festival de teatro de Canela, tem o Festival de Gramado de Cinema, que depois fizeram um cinema, mas a origem começou aí, se baseando com Milton Baggio que criou o Festival Estudantil de Teatro, nós tivemos em Bom Jesus, com Carlos Magno, que foi para lá e outros artistas, depois em função que morreu Frei Getúlio, que era o suporte, isso caiu. Em 97, em 98, 99 foi uma outra pessoa dar aulas de teatro.

Mas, daí em decorrência do projeto? É, em decorrência do próprio projeto de aí, não está dentro desse aqui, é o projeto de uma outra pessoa que coordenou o Departamento de Cultura, mas funcionou 2 anos, depois a pessoa foi embora. Agora nós estamos com o Projeto de Oficina de Música, nós já estamos com uma banda de sopro, nós ganhamos 17 instrumentos do Linck, e são dois anos já que foi contratado, foi contratado um professor que ele dá aula de sopro, de orquestra de sopro e dá, criou oficina de violão e teclado.

Nós estamos tentando para o ano que vem, vê se além ah... nós estamos tentando pro ano que vem a continuidade desta oficina e criar uma oficina para coral e ver se nós conseguimos um teatro, mas com alguém de Bom Jesus, trazer alguém para treinar os de Bom Jesus, mas que eles assumam, nós queremos fazer teatros nas escolas e principalmente nas vilas, como forma de evitar que a gurizada fique nas ruas.

Que as bibliotecas comunitárias não funcionaram, as pessoas não iam ler, nós ficávamos lá, um dia por semana em cada bairro, fazíamos brinquedos, contação de histórias, mas não foi para frente. **E, que isso é cultural, né? É, que de repente as pessoas não tinham o hábito e não....** É... a gente não conseguiu, não conseguiu desenvolver este hábito, até porque o horário... De manhã não iam porque era cedo, de tarde as crianças que poderiam freqüentar, que teriam mais interesse estavam na aula, nós queríamos que os pais freqüentassem também, eles contarem suas histórias, fazer uma valorização das pessoas de cada bairro, mas não sei como a gente vai fazer para ver se continua.

O outro trabalho que vem deste resgate é... nós misturamos o vai e vem da moda, já nós fizemos 8 chás desfiles, se cobra o ingresso, se oferece uma fatia de torta doce e torta salgada e se desfila vestidos de épocas, nós fizemos vestidos de noiva, vestidos de debutantes, vestidos de festas, roupa de praia, roupa de dormir. E agora, o que nós tínhamos no museu e os que nos emprestaram de roupas de CTG, as primeiras prendas do CTG, nós estamos...

Já tem pessoas, olha eu tenho minhas roupas da década de 70, então aí nós vamos pegar uma década para que as pessoas se sintam valorizadas. Vocês precisam ver como as pessoas se sentem valorizadas, a memória oral é minha paixão, né? A memória oral é minha paixão, porque as pessoas se sentem muito valorizadas, além da história, é uma valorização do ser humano de idade, nós temos essa cultura, que velho já não mais o que fazer, só tem que esperar morrer. É uma riqueza de informações, claro que tem que ser trabalhada, muitas coisas tem que ser

comprovadas, dá para se fazer um cruzamento de informações, eu acho que esse cruzamento de informações é importante.

A Maria me contou que era assim, a Joana me contou que era também, a Antônia me contou que assim... Bom, se 3,4,5 contaram coisas semelhantes. E nessa memória oral são 2 aspectos que mais me chamam atenção. Tô indo e vindo, tô fazendo o vai e vem dos projetos, não é o da moda. É a questão... deixa eu vê o que que é... A relação homem e mulher, como a mulher pensava, pensa hoje, como ela se via, como ela era na época e como os homens a viam. Nunca esqueci de duas pessoas, uma Sra. de 90 e poucos anos, uma lucidez, ela declamou, ela sofrida coitada, que não sabia a história dela. Mas assim, um espírito alegre, um espírito assim, ah... minha filha mulher já veio para passar trabalho, a única função da mulher nesta vida é passar trabalho, não tem outra coisa.

E um homem me disse assim, como o Sr. vê essa relação, quem é que mandava, como é que era a relação dos homens e das mulheres na sua época? O Sr. Acha melhor naquela época ou hoje? Ah... minha filha, naquela linguagem bem simples, era muito melhor, era muito melhor, porque uma vez as mulheres eram honestas. Como eram honestas? Claro, elas obedeciam os maridos. E a questão da educação que a gente vê todo aquele pessoal eh... nas fazendas, pouquíssimas escolas, municipais, no interior, principalmente quando era Distrito de Vacaria.

E cada fazendeiro, cada família, contratava um professor, ou professora, mas o interessante é que tinha bastante professores. **Homens?** Homens, tinha bastante professores homens dando aula. Uma casa então, davam para os filhos da família que pagava, os vizinhos muitas vezes ajudavam a pagar para mandar seus filhos e os filhos dos empregados, então davam aula em casa, agora a formação deles, era aquilo, eles aprenderam a ler e a escrever e aí... **Isso, a Sra. observou ouvindo as entrevistas?** Ouvindo as entrevistas e eu mesma comecei a ser alfabetizada assim, né?

E tem ainda alguns professores que deram aulas, alguns, e amigos que deram aula nas fazendas, nos sítios. Então, isso aí, depois começam as escolas municipais, também muito funcionando pagas pelo município, mas funcionando nas casas e aí aquele que tinha feito até a terceira ou quarta série passava a ser contratado, porque ninguém queria ir lá para aquela grota, e adoravam. Nós, temos em Bom Jesus todo o corpo docente com formação, eu acho que a partir de 92, ainda mão, 92 se cria o plano de carreira e se exige o magistério, mas aqueles que eram professores continuam, muitos não fizeram magistério, outros foram fazer esses cursos de férias que eram oferecidas para habilitação de docentes leigos, eu acredito que a partir de 97. **E que se pode dizer que o município...**

Em 98, no mínimo todos tem o segundo grau, o... é magistério, e agora a grande maioria tem feito faculdade, são poucos que não tem faculdade, de Pedagogia, de Letras, de Matemática ou estão em curso ou já terminaram, claro que tem, mas a grande maioria. Mas, houve essa evolução.

A Sra. acha que esse projeto contribui, quer dizer, foi o pontapé inicial para toda essa... essa estrutura, todas essas relações que se estabeleceram, esses espaços, qual na opinião, a respeito da função da Secretaria de Educação e Cultura, dentro do município, para constituição desses espaços que se formaram, eu diria ao longo desses 10 anos? Doze anos, é, eu acho que a função da secretaria foi muito grande, o esforço, vamos dizer assim, e das secretarias, mesmo às vezes o Departamento de Cultura não funcionando lá como deveria ser e a falta de dinheiro, eu acho que foi muito grande e por quê? E aí eu defendo, sou contra, mas, os que muitos defendem que tenham uma Secretaria de

Cultura. Eu acho que os municípios pequenos funcionam muito melhor, Secretaria de Educação e Cultura, porque cria uma Secretaria de Cultura sem pessoal e sem verba.

TRANSCRIÇÃO

FITA 2 – LUCILA – LADO B – 21/09/04

Bom, tu perguntastes antes a função da Secretaria de Educação. Então, eu acho que é bom que junto, porque a Secretaria de Educação.... Porque a Secretaria de Educação, a educação tem por base a cultura, nossos problemas... Nós queremos dar essa idéia, temos esse objetivo, então se trabalha muito junto e, a educação tem dado todo o apoio, tanto é quando se faz eventos, o maior departamento de cultura, que faz o evento, quem coordena é a Secretaria de Educação, a gente coordena, eu como diretora hoje do departamento de cultura, que mudou a terminologia, de coordenadora, passou para diretora. Coordeno todo trabalho, mas quando tem eventos, toda a secretaria trabalha para dar suporte de pessoal e em função disso as escolas tem que... professores.

Ah... eu tô me espelhando em ti professor, você é a futura Lucila, elas brincam comigo, né? Pra... eu vou fazer história por isso, porque esse projeto é muito bom, pedem as fitas, os professores vão visitar o museu, levam seus alunos, fazem perguntas, a gente vai dar palestra nas escolas, e... nisso... agora funcionou nesta última administração, uma coisa muito boa, se trabalhou muito junto com a Secretaria de Turismo, se deu uma base para Turismo Cultural, eu mesma tenho acompanhado muita as excursões, que vão muitas visitas, grupos de turistas que vão, eu faço TUR na cidade, acompanhando, contando a história, levando para o museu, falando de tropeirismo, tem uma fazenda, que é a fazenda do Sírio, que tem um criatório de mulas, que teve em Bom Jesus, criatório de mulas tinha extinto, em função de todo esse trabalho de resgate eles também resolveram reativar o criatório de mulas e fazer o seu turismo cultural. **Então quer dizer, a gente pode dizer que outra dimensão, o outro braço que se abriu desse projeto, foi o turismo ser um parceiro da educação e da cultura?** Exato, ser um parceiro e ser um usuário, eu diria mais, eles usam como base do turismo a cultura, tanto nós estamos dando toda hora prestando informações para quem quer pesquisar sobre tropeirismo e fazer roteiros e fazer, organizar programas para televisão, enfim...

É... sobre tropeirismo vão a Bom Jesus, e agora como estão formatando, essa rota de tropeirismo do Rio Grande do Sul a São Paulo, a Sorocaba, os Campos de Cima da Serra, vão ser o projeto piloto, Paraná já está organizadíssimo, vai muito bem obrigada. Mas, pro Rio Grande do Sul, o projeto piloto vai ser os Campos de Cima da Serra e é baseado exatamente nesse trabalho, a reconstrução da história local e também a história tropeira, de museu, enfim...

A Sra. sempre foi coordenadora, durante esses 12 anos, a Sra. Sempre foi a coordenadora cultural? Não, inicialmente eu fui a coordenadora, depois de 93 a 96, eu sempre brinquei com a secretária que era a coordenadora de fato, mas não era de direito, porque foi nomeado o coordenador, aí ele tinha feito um outro concurso, e era concurso e compensava mais, para fiscal fazendário, ele deixou e o prefeito não nomeou um coordenador, houve um desvio de todas as funções do museu aí eu fiquei sozinha, e a secretária apoiou e sempre tinha um professor disponível. **Mas a Sra. tava, enfim na função?** Na função, na função. **E depois nas**

outras administrações? Depois na outra administração 97 a 2000, tinha uma coordenadora, mas eu continuei trabalhando e quem organizou o seminário de tropeirismo nessa penúltima administração, essa que tinha coordenadora, eu continuei trabalhando com o arquivo, com museu, fazendo pesquisas, organizando, eu continuei fazendo o trabalho, porém aí como funcionária. **Sem o nome de coordenadora?** Sem o nome de coordenadora?

E agora? Agora eu fui, e agora trocou a terminologia, passou a diretora dos serviços culturais, mas é o mesmo trabalho, agora eu sou diretora, tenho quatro pessoas que trabalham comigo, que são minhas meninas. **Que lhe auxiliam nessa...** Que auxiliam, todas tem que ter curso de magistério, é uma das... **Pré-requisitos?** Dos pré-requisitos, é o curso do magistério. Poderia ser 2º grau, mas foi colocado o curso de magistério, até porque eu acho que tem uma formação humanística, melhor.

Tem uma formação didática, para trabalhar e eu tive muita sorte, esse ano o pessoal pegou junto, agora eu peguei junto também, eu nunca fui, eu acho que isso tem sido importante, se tem um evento, se tem que limpar uma peça, eu não mando limpar, eu vou junto limpar, até posso limpar duas só, depois tenho que fazer outra coisa, mas eu faço junto, não acho ruim, é... sujar, botar máscara, botar luva ou não botar e fazer o trabalho pesado, carregar... Carrega o piano todos juntos, é... realmente nós temos atualmente, um trabalho de equipe, não só do departamento, mas da secretaria. ⁱ

Claro, que uns se deitam nas cordas uns e outros fazem que fazem o trabalho e fogem e se escondem nos cantos, mas são muito poucos. **A Sra. acha, na sua avaliação, os professores das escolas tanto municipais, quanto estaduais. O município tem escolas particulares?** Só da educação infantil. **Então, esses a educação do município em geral, ela aproveita esses espaços?** Aproveita, poderia aproveitar mais, poderia... mas, ela aproveita. No cantinho lúdico, vai de 1ª a 3ª série, no mínimo quando a gente monta alguma exposição temporária, eles vão. Levam os alunos, sempre tem uma exposição temporária, todas as escolas visitam. **E a biblioteca e o museu?**

A biblioteca tem tido muito usada, principalmente a leitura, pesquisa, o pessoal que é da escola 2º grau, escola, Colégio Frei Getúlio, hoje chama Escola Frei Getúlio, eles tem uma biblioteca bem boa. Mas, sempre eles vão lá procurar, quando tem algum evento, agora... Semana Farroupilha... Semana Farroupilha eles estão sempre lá, eles estão sempre lá perguntando. Tem concurso de primeira prenda? Eles vão lá, e a gente orienta. Agora teve o dia 19...ah...retomando a questão da Semana Farroupilha e no concurso de primeira prenda do CTG, todas as meninas foram visitar o museu, foram pedir peças, foram pedir orientação, me pediram para ajudar ah... a procurar informações, elas tinham fazer uma mostras. Cada um escolheu, uma fez mostra culinária, outra fez mostra de artesanato, uma falou fogões, a evolução de fogões. **Interessante.**

Então eu falei, ajudei o que sabia, né? Orientei onde buscar, se eu não tinha o material, então eu acho que a gente tem uma boa ...**Procura?** Procura, uma boa participação, e o pessoal ah... vocês fazem... Agora, uma coisa que eu acho ruim, é que eles relacionam museu, cultura com Lucila. Isso eu acho muito ruim, porque no momento, eu tenho muito medo no momento, que eu saia do palco, as coisas tendem a não darem continuidade, até porque nós temos um erro, que eu não consegui ainda, é fazer um concurso para o pessoal da cultura, são todos cargos de confiança, o que vale é cargos transitórios, tem só eu que sou nomeada, tenho insistido com todos os prefeitos façam um concurso, mas...

Não é uma realidade só nossa, todos os municípios de um modo geral no setor de cultura são... **É uma forma de ter cargo de confiança.** De cargo de confiança, de cargos políticos, ou a gente pega pessoas muito boas, apesar que numa nomeação, às vezes é pior, porque aí tu fica, uma peste efetiva lá, daí tu não sabe o que fazer (risos), não tem muita... Então, a gente conhece bem casos, né? E este projeto, eu posso dizer que ele mudou um pouco a cara, se acrescentaram coisas novas, mas ele continua o mesmo...

Ah, às vezes eles dizem o museu da Lucila, gente não é o museu da Lucila. A coisa velha eu não quero, chama a Lucila que ela leva essas coisas velhas. Mas, a gente nota que eles dizem com um certo carinho. Coisa velha, é para a Lucila, a Lucila se interessa por isso. Eu tenho procurado, as gurias que se interessaram este ano elas estão bem mais entrosadas que os outros anos, no primeiro... também, porque talvez eu sabia pouco, não tinha muita segurança, mas eu peguei umas barra pesada, peguei umas barra pesada, que não queriam saber de trabalhar, não queriam sujar as mãos, não queriam sujar as roupas e depois não... até tem o pessoal, bem esses desse ano são muito... boas mulheres, elas mesmas dão risada, eu de vez em quando eu perco umas coisas, me esqueço, elas vão atrás, elas tem muito carinho pela gente.

Uma coisa eu disse para elas, quando nós começamos, elas faziam cara feia, era o cargo, era o emprego que elas tinham, mas não era o que elas queriam. Não dou um ano, para vocês, vocês estão apaixonadas por esse trabalho. Bem capaz, Lucila. Hoje, elas mesmas, bem que você nos dizia e nós não acreditávamos. **Quer dizer tipo, hoje elas vestiram a camiseta?** Vestiram a camiseta, gostam e valorizam e sabem que é importante. **E a questão da valorização!** Da valorização, e sabem tão entendendo, então isso é bom. E outra coisa que me emocionou, foi que logo que nós abrimos, por estar iniciando o museu, eu falei na rádio sobre a importância das coisas antigas, de valorizar.

E um dia, chega uma menina, uma menina de 7, 8 anos, perguntou se eu queria falar com a Lucila, se era lá que ela trabalhava, era eu falei com ela. Sabe professora, desmancharam aquela casa lá e eu achei essas duas coisas e eu vim trazer para a Sra. uma era uma... não tinha importância, mas eu disse para a menina que era ótimo e a outra o único negativo em vidro que nós temos. **Negativo de?** Negativo de fotografia, em vidro que sobrou. Por que o fotógrafo que tinha, eram dois que trabalhavam com vidro, um os sobrinhos faziam guerra para ver quem quebrava mais e o outro com álcool tirava para fazer quadrinhos. Seria uma coleção fantástica, até dá para mandar revelar, né.

Ainda, se revelam, e a menina me levou uma fotografia muito interessante, que era dumas meninas vestidas de anjo numa procissão, e aquilo me emocionou, acho que só aquilo valeria todo o trabalho. **Impulsionou?** Ajudou, ajudou. **Bem, no início foi isso?** Bem, no início, lá por 92, por ali, recém no fim da administração, que a gente não sabia o que ia acontecer, quem é que ficaria ou não, e a menina foi lá me levar esse material. Hoje, as crianças me chamam... olha lá em casa tem um buraco de índio, a Sra. quer ir lá vê, se é buraco de índio, aí eu vou lá, a Prefeitura, a Secretaria me empresta o carro e nós vamos olhar. **E A Sra, assim, para nós finalizamos, a Sra. avalia que houve ou não, ou como é que a Sra. avalia todo esse processo dentro numa concepção de educação, nessa cidade durante esses 12 anos, de trabalho com cultura, como a Sra. avalia a questão da educação de uma forma geral? Relacionada, vinculada ao projeto? Teria como fazer essa avaliação?** Ai, eu não sei se eu sei fazer essa avaliação, vamos dizer assim, eu observo que há uma relação grande, embora que a gente sofra críticas,

principalmente nessa época de política, as pessoas... não existe cultura, não existe isso, não existe aquilo, nós vamos fazer o que é normal, principalmente em lugar pequeno, deveria ser feito mais, deveria, mas dentro das nossas possibilidades financeiras, que um município de arrecadação baixa...

Eu acho que houve uma grande evolução, ele vem crescendo paulatinamente, vem crescendo e cada vez mais, as pessoas procuram, já não põe muita coisa fora, claro que põe. E às vezes, quando a gente sabe, ah mas eu joguei fora aquelas fotografias, nem sabia de quem era, botei tudo fora. Mas, muitas pessoas mandam me chamar. Agora esses dias, faleceu uma Sra. já de bastante idade e a filha dela, nós trabalhamos juntas no ginásio, e ela disse tô lá com o material, um vestido de noiva de 1911, era da vó dela. **Ai, que bárbaro!** Aquele vestido lá, ela nos deu para o museu.

E outras peças, outros vestidos da mãe dela, dela, da vó, da mãe e da neta. Ela vai nós dá as 3 peças, então dá para se ver a evolução dos vestidos de noiva. **Esse vestido, era aquele do vai e vem da moda?** Aquele primeiro lá, aquele primeiro, depois a da Dona Julieta que era, que não teve naquele primeiro e o da Celma, que é neta da dona daquele primeiro vestido. **Estão no museu agora?** Ela, ainda não me entregou, mas vai me entregar. **Então, a Sra. avalia quê?** Foi positivo, de qualquer forma foi positivo, as crianças contam, elas vão lá no museu, ah professora lá em casa isso, então isso é importante? Vão lá e olham o museu as peças de fazer velas, de torrar café. **Eu então, eu quero agradecer, não sei se a Sra. teria mais alguma coisa para colocar.** Ah, se a gente começa falar, a gente se entusiasma, né? Até, fica chato, mas de repente vão surgir outras coisas que a gente pode conversar depois e ver se precisa mais informações. **Então, em primeiro momento, eu agradeço a sua colaboração de me dar essa entrevista e nós vamos encerrando esse trabalho hoje e numa próxima oportunidade podemos continuar se houver necessidade.** Agora, eu acho que esse trabalho que vocês estão fazendo para a tese, já é uma evolução, uma valorização do trabalho que a gente tem.

Para nós, enquanto Secretaria, enquanto município é muito importante, porque para aqueles que não acreditam ainda, serve para vê, não, ele é importante, tem pessoas que estão usando esse material para fazer uma tese e para aqueles que acreditam e colaboram e que apóiam também é um estímulo. Então, eu acho, que se ajuda você, nos ajuda também, pela valorização do trabalho. **Então tá, muito obrigada.**

FIM

ANEXO H - PROSOPOGRAFIAS (30)

Prosopografias

- 1-Adélia Kramer
 - 2-Adelino Vargas de Andrade
 - 3-Alcides De Boni
 - 4-Alvina de Lima Gonçalves de Camargo●
 - 5-Amadeu Antônio Semim ●
 - 6-Amália Baroni
 - 7-Amélia Zuanazzi De Boni ◇
 - 8-Argeu Ribeiro Velho
 - 9-Clori Camargo Grazziotin
 - 10-Clotilde De Nalle Dutra
 - 11-Doli Ciotta
 - 12-Edmundo Jacoby
 - 13-Emília Bosler Kuse
 - 14-Ernesta Mazzarolo
 - 15-Ilma Jacoby De Boni●
 - 16-Irma Santana
 - 17-Irmã Jane Toigo●
 - 18-Jeovanina de La Giovana Zuanazzi
 - 19- Joana Corso De Boni ◇
 - 20-Julia Kramer Acauan. ●
 - 21-Juvenal Grazziotin
 - 22-Linda Braguini●
 - 23-Luiza Spinelli Lima
 - 24-Maria dos Prazeres Ribeiro Velho
 - Maria Josephina De Boni Santos●
(Amélia De Boni, Geovanina de La Giovana Zuanazzi, Joana Corso De Boni, Mario De Boni ◇)
 - 26-Olenca Cancelo Paiva●
 - 27-Orizon Roque de Souza
 - 28-Rosa Maria Rosa●
 - 29-Sueli Dutra Panebecker
 - 30-Vicente Ribeiro Hoffmann
- Identifica os professores
 - ◇ sujeito cujas memórias foram contadas pela Dona Maria De Boni.
 - Professora Maria Josefina falou sobre seus pais e avós.
- ◇

1-Adélia Kramer de Araújo**Data de Nascimento:** 12 de fevereiro de 1912**Data da Entrevista:** Janeiro de 1991**Genealogia:****Local de Nascimento:** Segundo Distrito de Bom Jesus**Marido:** Júlio Martins de Araújo**Filhos:** Ilda Kramer de Araújo, Reni Kramer de Araújo, Clarinda Kramer de Araújo, Marilene Kramer de Araújo e Afonso Kramer de Araújo.**Pai:** Anibal Boeira de Abreu**Mãe:** Maria Emília Kramer**Sogro:** Frutuoso Luiz de Araújo**Sogra:** Clarinda Silva de Araújo

(...)

É.

Todo o seu nome Dona Adélia.

Adélia Kramer de Araújo.

A Sra. nasceu aonde Dona Adélia?

Bom Jesus. No Segundo Distrito de Bom Jesus.

Segundo Distrito de Bom Jesus?

É.

Em que data Dona Adélia?

Mil e novecentos... 19 de fevereiro de 1912.

1912.... Nome dos seus pais?

Anibal Boeira de Abreu e Maria Emília Kramer.

A Sra. Sempre morou aqui Dona Adélia?

Não.

Depois de casada não?

*Não. Morei ali onde para... Pra dentro do **Pinheiro Rota**, ali onde mora o...*

Sei... A Sra. Casou com quem Dona Adélia?

Júlio Martins de Araújo.

Em que data a Sra. casou?

Ai... agora que eu não me lembro... Dezesete anos.

Quando a Sra. Casou, a Sra. estava então com... Não tinha completado...

Os dezessete anos.

Os dezessete anos.

E ele era filho de quem?

Frutuoso Luiz de Araújo e Clarinda... Clarinda...

Bom, Clarinda Araújo?

Ela não assinava Araújo?

Silva. Acho que é Silva.

Silva... Deve ser Silva sim.

Silva de Araújo.

Silva de Araújo.

(...)

E o nome dos seus filhos Dona Adélia? Na ordem dos mais velhos até o mais novo.
Ilda... Ilda Kramer de Araújo.

Com quem casou a Ilda?

Laurindo Boeira da Costa.

Moram aonde?

Caxias.

Caxias... Depois?

Reni Kramer de Araújo.

Casou com?

Luiza de Lourdes Lima.

E esses moram?

Aqui.

Aqui perto?

É... aqui perto.

Depois? Depois do Reni?

Do Reni?... A Clarinda, Clarinda Kramer de Araújo. Casada com Ronaldo Chitolina.

Moram?

Moram ali naquela... Aquele lugar ali como é que chama? Rincão dos Turdilhos.

A Clarinda que é muito conhecida como Lala?

É.

Tá depois...

Santa Terezinha ali por os lugar que fica perto, né.

Aonde eles moram é Santa Terezinha?

Santa Terezinha.

Depois da... da Clarinda?

Depois da Clarinda, a Marilene.

Marilene...

Kramer de Araújo casada com Luiz Jacob Pereira.

Moram?

Moram na Fazenda dos Quatis.

Fazenda dos Quatis.

E de pois?

Afonso.

Casado com quem?

Afonso Kramer da... de Araújo, casado com Sinclair.

Fachin.

Fachin de Araújo.

E moram?

Moram aqui.

Moram aqui mesmo. Então a Sra. Mora com o Afonso e a Sinclair?

É.

(...)

Trabalho:

Bom, aqui sempre que você moraram aqui, era Casa Comercial?

Era. Agora que não é mais, mas sempre foi. Quando começemo morar aqui foi.

A Sra. lembra mais ou menos em que ano vocês vieram morar aqui... que começou

a Casa do Comércio?

1930 eu acho.

Mais ou menos aí por 1930?

Bom Dona Adélia, que tipo de comércio a Sra. tinha aqui? Como é que era o comércio na época?

Na época era... A gente vendia... vendia tudo de supermercado, né. Comida, alimentação, tecido, calçado,...

É o que chamavam Secos e Molhados?

É... Secos e Molhados... chamavam.

Miudezas?

Miudezas... Tudo vendia...

E o que era?

Comprava trigo. Grande quantidade de trigo, feijão, milho,...

Então, aqui nesses locais, aqui nessa serra, né? Produzia muito trigo?

Muito.

E esse trigo você compravam e depois faziam o quê Dona Adélia? Vendiam pra onde? Ou vocês tinham....

Vendia... Vendia pra fora. Levavam pra...

O comércio?

Caxias.

Caxias mais?

Caxias, São Marcos, ... Moia farinha e trazia para vender aqui... Farinha...

Produzia o trigo e aí trocava o trigo por farinha ou mandava moer?

É... mandava moer.

E vocês... O comércio era mais a dinheiro ou era mais a troco, Dona Adélia?

Ah... Troco! Vendia a prazo... Trinta, quarenta, cem dias...

Pagavam como?

Uma colheita na outra pra pagar.

O pessoal aqui era muito pobre?

Era muito pobre.

A maioria do... do.... Muito pobre?

Agora... Era muito povoado. Agora foram embora tudo quase... Não tem mais ninguém nessa terra.

(...)

Bom... Era nós falando então em termos que a Sra. comprava, vendia. Que muito era troco, recebia às vezes de uma safra pra outra.

É de uma safra pra outra.

E, vamos dizer assim... Se não pagavam na safra seguinte Dona Adélia, pagava juro, perdia a conta, como é que é?

Aqueles bem pobre assim como... Quando terminemo o negócio, aqueles pobre, nós perdoemo tudo, né. Não cobremo... não cobremo mais.

Em que ano vocês terminaram a Casa de Comércio aqui? Mais ou menos a Sra. tem assim uma lembrança de que época vocês fecharam mesmo? As... trabalharam muito Dona Adélia?

Trabalhemo muito. Costurava pra fora.

E dava conta do serviço?

Dava conta do serviço.

E de noite deitavam cedo?

Nois ficava até às duas horas da madrugada costurando, bordando. Bordava a mão pra fora.

E pra enxergar, Dona Adélia? Como é que era a iluminação?

Ah! Com lampiãozinho.

Lampião de querosene ou...?

É Aladin... Tem até outro lá... Lampiãozinho.

Que usava bastante?

É usava bastante.

Depois tinha luz de... motor, tinha luz assim.... luz elétrica.

Elétrica.

Agora faz três mês que temo luz.

A luz mesmo da CEEE, faz uns três meses que a Sra. está falando? Depois a gente verifica...

Dona Adélia, e o pessoal assim vinha... assim diariamente fazer compra?

Vinha, vinha. Carro de domingo era mesmo que um dia de festa... Tanta gente que vinha...

Então o sábado e o domingo em vez de ser o dia de descanso era o que dava mais...

É, dava mais sim. Vinha... vinha gente de cima da serra... Passavam o rio para fazer compra... A gente vendia mais barato, né. E não descia comprar comida pra aquele povo. Era um horror de gente... Meu Deus!

Desde o início, Dona Adélia, como é que chegava aqui, as compra que vocês faziam?

Ai... Tudo de cargueiro de animal. Não tinha estrada, carreta. Era tudo assim...

Vamos dizer assim... Dona Adélia, vocês queriam comprar... Não... não tinha viajante que viesse até aqui?

Tinha, tinha viajante. É depois que... que começaram a vir mais carga. Trabalhasse assim aquelas pessoas, que naquele tempo prefeito não faziam estrada. Tinha um imposto que tinha um terreno trabalha... Dava um dia de serviço na estrada. Então foi... foi... foi fazendo aqueles carreiro, né.

Então, o imposto era pago através do serviço?

Do serviço. Cada... Era um dia de serviço cada um, cada dono de terra, de pessoa. Tudo bem que não tivesse terra, cada um trabalhava um dia e...

Por mês? Por mês? Um dia por mês?

Um dia por mês.

Então trabalhava e foram abrindo as estradas e conservando...

É conservando.

E vocês tinham tropa de cargueiro?

Tinha. Meu marido comprou doze cargueiro... Tudo pra ir pra Torres buscar farinha de mandioca, açúcar amarelo, arroz. Depois outra viagem pra Caxias buscar açúcar, café, querosene... Tudo era de cargueiro e se pagava o frete pra aqueles homem que tinha o cargueiro, né.

E já faziam frete com o cargueiro como se faz de caminhão?

Depois, quando começou a plantar trigo ali, no tempo do Getúlio Vargas, ali daquela ditadura dele né... Ele ajudou muito a colônia. Ele deu adubo e dava o adubo e dava o trigo pra semente e plantava quantidade de trigo. Todo mundo plantava trigo.

E já tinham ajuda do governo?

Tinha ajuda do governo e aí a estrada descia caminhão aí muito ruim, mas...

Dava pra vir?

Já dava pra vir.

Mas quando vocês compravam em Caxias, vocês iam por este caminho?

Por este caminho aqui.

Caminho do Meio que chamam?

Do Meio é. Tinha balsa ali.

Passavam na balsa e depois iam pra lá?

(...)

Gênero:

(...)

Em termos de maioria?

De maioria. Alguns sim.

Claro! Sempre tem...

Tem umas menina que eu criei. Aquelas tão muito bem.

Tão bem?

Tão muito bem.

Depende também muito da orientação que tiveram antes de sair daqui.

É. Casaram bem... Indo bem lá.

(...)

Bom Dona Adélia, eu lembro quando eu era menina que a Sra. dava remédio também, né?

Dava remédio.

Como é que era... Que tipos de remédios a Sra. dava? Já tinha aqui na loja também?

Tinha. Dava remédio assim... homeopatia, né.

Como é que... No que a Sra. se baseava para receitar?

Eu tinha o livro! Eu tenho até hoje o livro de receita de remédio. Acho que ta por aí...

E depois tinha a menina morava aqui. Ela veio dar aula... uma professora... Quando fizeram esse colégio ali do estado... Ela me trazia... Ela trabalhava no hospital em São Leopoldo. Ela me trazia aquelas bolsa toda cheinha de remédio, antibiótico, remédio pra gripe... Assim... esses comprimidinhos que não...

Coisas mais simples?...

Simples, porque coisa injeção assim... Nada daquilo eu receitava pra ninguém, só remedinho.

Mais simples, mas que davam resultado?

É, curava. O que eu não curava, aqui que eu dizia, olha esse aí não cura. Leva pra cidade!

Então, a Sra. era bem conceituada como Doutora?

É... (risos).

Sempre lhe procuravam bastante, né?

Nossa Senhora! Traziam os doentes pra cá, pra mim cuidar, criatura! Ficava aqui com as crianças curando....

Ah... Quer dizer que funcionava até meio como hospital? Pode-se dizer... Porque vinham...

Não, a Sra. não só dava o remédio pra levar, como quando tava pior, a Sra. cuidava?...

Quando o doutor receitava injeção lá na cidade, uma pessoa doente ninguém... Só o meu marido que fazia injeção. Ele montava a cavalo e ia lá na costa das Antas.

Fazer injeção lá na costa das Antas?

É... fazer injeção naquelas pessoas.

Olha só... Esse... Essa parte eu não sabia. Sabia que a Sra. dava muito remédio, mas não... não que a Sra. assim cuidava do doente aqui também....

(...)

Porque a Sr^a casou tão jovem Dona Adélia?

Sei lá! Boba, né! Boba... Eu nem queria me ca... Mas tinha a Amélia, minha irmã, ela me ajeitava... "Não seja boba, porque tu não quer casar com o Júlio?" "Tu não quer... eu quero". Eu digo "Mas tu não é namorada dele". Ela dizia "mas não seja boba, mulher". E me ajeitava e me ajeitava e me ajeitava até que foi. Demorei... Não queria, não queria... Uma hora corria dele, outra hora... Depois deu certo!

A Sr^a acha que é válido, é bom casar tão cedo ou a Sr^a acha que a mulher... É melhor a mulher ter um pouco mais de idade, Dona Adélia?

Conforme... Conforme a moça é melhor casar mais cedo e conforme é melhor casar mais tarde, né?

Ou até nem casar...

Ou até nem casar, ficar solteiro. Eu agora aconselho minhas neta aí... que não case.

Por que Dona Adélia?

Hoje em dia tá tão sério pra casar...

(...)

Não.

Não.

Com que idade está essa sua neta mais velha?

Ela vai fazer dezoito.

Dezoito?

Ou dezenove.

É já estão moças, né Dona Adélia?

É... Não... Mas ela nem tem namorado.

Não pensa muito?

Não pensa muito.

(...)

Curiosidades:

Vamos ver se conseguimos Dona Adélia, rever aqui... Mais ou menos em 1932, vocês vieram pra cá com... e já começaram o comércio?

Foi.

Morando numa propriedade velha que tinha aqui?

É... É isso mesmo.

Que era do... de quem?

Do meu pai.

Dos seus pais...

Depois, vocês em 1940, foi construído essa propriedade que tem aqui. E aí,

segundo o que nós olhamos nos livros, tiveram comércio até mais ou menos 1955?

É.

Aí quando vocês terminaram então a Casa do Comércio, seria mais ou menos isso Dona Adélia?

É.

Depois de... de terminar com a Casa de Comércio, vocês ficaram morando aqui ou se mudaram?

Ficamo... Ficamo morando...

Só, sem comércio? Cuidando só da agricultura, de...

De agricultura, de gado, do pai...

Certo Dona Adélia. Então aí segue...

(...)

Política:

A Sra. tava falando Dona Adélia, então na... Que o primeiro candidato a vereadora aqui foi a Sra., né?

Foi.

A Sra. não tá lembrada a data?

Não. Não... mas eu acho que... faz uns 20, 30 anos...

Uns trinta anos? Então seria mais ou menos por 60?

É... Eu fui candidata a vereadora no Segundo Distrito. O que era do PTB. Fora que tive mais voto porque muita gente que era do PDS votaram pra mim, mas duas pessoas só que não pra mim. Só dois...

O que era do PTB?

O que era do PTB.

A Sra. se elegeu então?

Trezentos e oitenta e dois votos eu tive.

E a Sra., vamos dizer assim, atuou? Ia nas sessões?

Eu fui... Eu fiquei com meu marido que deu infarte.

Ah... A Sra. Não pode...

Aí tive que renunciar.

Teve que aí o José, teve que assumir porque o José não foi eleito.

Ele ficou como suplente?

Ficou como suplente...

Não pode... Não pode atuar porque seu Júlio deu infarte e a Sra. tinha que cuidar dele.

É tinha que... cuidar dele... Não deu mais. Até eu estava no hospital o dia que eles foram lá. Me chamaram pro dia que eu ia assumir que era pra eu ir lá pegar o diploma. O meu diploma não pude pegar.

Mas eu vou ver se acho o seu diploma. Depois vamos mexer no meu...

Eu não sei quem é que tem o ...

Bom... Depois da Sr^a?

Depois foi ele.

O Seu Júlio?

É.

Aí ele melhorou?

Não... Ele foi primeiro agora...

Ah! Tá...

Ele foi eleito vereador.

Antes da Sr^a?

Antes de mim.

Tá... primeiro foi ele.... Ele conseguiu atuar?

Ele ficou...

Completou o mandato dele?

Completou o mandato dele.

Depois foi a Sr^a?

Depois fui eu. No outro ano, na outra legislatura fui eu.

Aí a Sr^a não pode atuar porque não...

A Sr^a teria sido então a primeira mulher que foi vereadora em Bom Jesus, Dona...

Adélia?

Foi.

Foi a primeira mulher vereadora em Bom Jesus. Infelizmente não deu pra atuar, mas foi a primeira mulher. Eu tô me dando conta disso agora.

É. A segunda, a Terezinha.

E a segunda agora, a Dona Terezinha. As duas do...

Já Ilda Torres foi, mas naquele tempo eu fui, mas ela também... Ela fez uns trinta votos.

Tá. Mas não se elegeu?

Não.

Não. Tô me referindo mulheres que se elegeram.

É. Fui só eu mesmo.

Depois, aí a Sr^a foi pelo...

PTB.

PTB e agora Dona Terezinha era pelo...

PMDB.

PMDB. Ah... que às vezes... Pelo menos pelo lado contrário ao PSB.

É.

Isso... A gente pode estabelecer esse paralelo.

O Afonso também foi vereador?

Foi do PMDB.

Do PMDB. E ele conseguiu a ...

Ele...

Ele completou o mandato dele?

Completou o mandato dele.

A Sr^a lembra a época?

Ah meu Deus...

Há uns doze anos atrás que o Afonso...

É.

Que o Afonso foi vereador.

Eu não me lembro se ele foi da eleição do Nenzinho, como eu não sei se foi... Nós apoiamo o Nenzinho

É possível.

Do PDS.

Então teve uma época que vocês apoiaram o candidato do PSD, na época PDS, que era o Nenzinho, o Luiz Sgarbi Fonseca que foi...

É. É isso mesmo.

Foi a única vez que vocês apoiaram o adversário?

Foi. Foi a única vez... Nunca mais...

Não.

Agora foi o Geraldo, o Bruno tava nem aqui... Quando nem voltei, tava em Caxias. O Afonso também. Agora tô começando me...

(...)

Religião:

Dona Adélia, a Srª lembra das festas aqui de... de São Francisco, a capela aqui, né?

A Srª lembra desde a época que foi criada a capela?

Ai... não me lembro mais.

Mas eram as festas... Primeiro eram no Seu Cipriano, né?

Não. Quando começaram fazer já tinha... Fizeram a igrejinha primeiro.

Uma vez me disseram que faziam as festas lá no Seu Cipriano. Começaram a juntar o dinheiro pra depois fazer a igrejinha...

Não, nunca fizeram festa lá.

Não?

Não. Não me lembro não... não...

Que a Srª lembra, não?

Não... não... não faziam.

Depois que a Srª está aqui, não?

Não, nem quando tava aqui não... Nem falavam em festa.

A Srª...

Rezava a missa. O Padre vinha, rezava aqui...

Que já era a ... a bodega.... Era o ponto deles?

É. Já rezavam aqui a missa.

Depois foi feito...

Depois foi feito uma igrejinha pequeninha, aí começaram a fazer a festa.

Dava festas boas?

Dava, mas dava muita briga. Uma vez até sangraram um aí na porta da igreja.

Sempre foi meio de dar briga nas festas?

É. Sempre foi. O pessoal tomava muito, fazia comício...

Não era... assim muito... muito boas, não eram muito boas as festas em termos do pvo se... se...

É.

Tomava muito...

É. E agora uma misturada, né. Primeiro já deu boa. Agora já não dá mais.

Dá pior ainda?

Dá pior ainda.

Mas é isso Dona Adélia....

O que mais que a Srª tem pra nos dizer?

Depois que tu sair, que vou me lembrar...

(...)

2- Adelino Vargas de Andrade (seu Loca)

Nascimento: 17/07/1925 (nasceu na Capela São Francisco 3º distrito de Vacaria)

Data da Entrevista: 05/09/2002

Idade: 77 anos

Família:

Pai: Antônio Vargas Andrade

Mãe: Donata Maria da Conceição

Avô paterno: não recorda

Avó paterna: não recorda

avô materno: Manoel

Avó materna: Vicentina da Silva

Esposa: Benta Moreira

Filhos: 13 filhos naturais e 2 de criação

Trabalho:

“Desde cedo fui tropeiro, tropeava para o seu Silvino Castilhos, fazendeiro forte, marcava até 1200 terneiros por ano, depois trabalhei com madeireiras, numa firma que cortava pinheiros, foi por causa da firma que vim para Bom Jesus, aí economizando comprei as terras no governador, 2º distrito de Bom Jesus, na Capela São Francisco.”

“Comprei onze alqueires do Seu Simião Jacobi, e comecei a plantar milho, trigo e feijão, foi com isso que criei todos os filhos.”

Educação:

“Na localidade onde morava, só tinha até a 4ª série, quando as crianças passavam da 4ª série tinha que tirá pra fora, saía tudo do bolso da gente.”

“Quando os primeiros filhos tiveram que começar a estudar não tinha nenhuma escola na localidade, então durante três anos dei casa e comida para os professores, a sala de aula também era na minha casa, a prefeitura pagava os professores. Os professores que moraram comigo foram: Cacildo Faria, que ficou um ano depois saiu para estudar fora e Eunice Maciel que ficou dois anos.”

“Três anos eu dei esse proveito pros alunos daqui, os meus e o dos vizinhos.”

“Depois veio a professora Onira, mas aí já era numa escola pequena feita pela prefeitura.”

“Quando terminavam a 4ª série as crianças tinham que ir para a Cidade. [...] era muito difícil arrumar colocação, quem não morava lá tinha que pagar pensão, o estudo, era pago muita coisa.”

“Teve uma época, quando eu tinha o Bento e a Cleusa lá, eu me peguei com 600 cruzeiros de dívida do colégio, hoje até a 8ª série tem facilitação, naqueles tempo não.” [...] Era muito difícil pois era meio fraco de finança.” (Hoje na localidade tem até 8ª série.)

Política:

Religião

Curiosidades:

Observação

Essa localidade fica em terreno já considerado de serra, embora o município seja predominantemente de campos, é um local relativamente ruim de se chegar ainda hoje, imagine por meados de 1946 quando seu Loca foi morar lá.

Durante todo o tempo de escuta da entrevista, se ouve canto de galo e barulho do abrir e fechar do fogão a lenha.

3- Alcides De Boni

Nascimento: 29/12/ 1917 – Nascido em Bom Jesus

Entrevista: agosto/1994

Idade: 77 anos

Família.

Pai: Antônio De Boni (morreu de espanhola, foi um dos 1º a ser sepultado).

Mãe: Joana Corso De Boni

Avô Paterno:

Avó Paterna:

Avô Materno:

Avó Materna:

Teve 9 irmãos (perdeu 2 irmãos pequenos).

Irmão mais velho nascido em 1900 foi o 1º filho de imigrantes italianos nascidos em Bom Jesus.

Trabalho

Os pais vieram por que o pai era ferreiro, “*engenheiro mecânico de hoje*”. Primeira família de origem italiana. O pai morreu e um irmão assumiu a família. “*O Mario assumiu a família, depois o Hugo. Todo mundo trabalhava [...] O Mario casou e continuou trabalhando na ferraria e sustentou tudo nós*”.

Primeiro emprego: “*Fui fazer tijolo, esses tijolo da Igreja tem uma porção de meus [...] trabalhei muitos anos com isso [...] até a pele da mão sai sangue*”.

Seu Piazza foi o primeiro dono de Olaria e depois quem fez tijolo foi o Seu Vernier, veio da Itália, ele trabalhou com os dois. Trabalhava no verão, em Bom Jesus no inverno não dava pra fazer tijolos. Os tijolos quebravam por causa do frio.

Trabalhou co seu Inácio Maggem e Carlos Maggem carpinteiros que “criaram um estilo de fazer casa”

Teve uma revenda de carros em Bom Jesus, antes do seu irmão, que posteriormente teve uma sub agência da Ford em Bom Jesus. Depois teve uma agência da Chevrolet. Em 1933 trabalhou com táxi, depois trabalhou muitos anos com o Guerino Grazziotin. “[...] *foi meu patrão muitos anos, foi onde eu aprendi a ser comerciante, foi muito amigo*”.

Seu Guerino era uma pessoa muito conhecida na cidade por seu temperamento forte, era um comerciante próspero, a professora Lucila pergunta para Seu Alcides como era seu Guerino, que ela lembra dele sempre brigando, Seu Alcides responde “[...] *era tipo daquele italiano que praguejava, e daqui pouquinho pronto. Aparecia na loja de pijama e o Juvenal (irmão do seu Guerino) dizia hoje tamo mal [...] era muito enérgico com os empregados, mas era muito boa pessoa, se visse a gente doente já perguntava se não precisava de dinheiro [...] era amigo [...] pra blasfema era assim, mais que os outros irmãos. O Luizinho é que tinha medo*”.

“*Quando eu sai da loja, comecei meu negócio ele me emprestava dinheiro*”.

Contou que não achava ruim os antigos empregados terem seu negocio. Seu Alcides era concorrente mas seu Guerino ia na loja dele, iam nas águas juntos, na Guarda.

A esposa do Seu Alcides comenta no meio da entrevista: “*ele negociava uns retalhos bem baratinhos com a Irmã Branca para fazer acolchoados para os pobres, se alguém não tinha como enterrar ele achava um jeito de dar o caixão. [...] ele dava as coisas, o Juvenal era mais seguro*”.

Estudos

Comissão para construção do ginásio: *“O Osvaldo Barcelos, Irmão Suzim, Antonio Tessari e Juvenal, nos reunimos, achando que precisava de um colégio. Eu mesmo tinha que ir embora como é que eu ia educar meus filhos?”*

Compraram o terreno do Doutor Concelo. *“A comunidade comprou o terreno e depois se prepararam para fazer o colégio. Quem construir o ginásio foi à população e depois vieram os Capuchinhos para assumir”.*

“O dinheiro, a gente fazia uma festa, davam 20, 30 vacas, tudo davam e a gente ia construindo. Depois o Meneguethi, no governo dele, deu uma contribuição, não foi muito. Mas quem construiu mesmo foi o povo. A realidade é que quem fez mesmo foi a comunidade.”

“A situação financeira era outra o povo era mais abastado.”

“A situação foi a mesma pra construir o hospital, pra construir a igreja. A comunidade ajudava. E o colégio... Todo mundo precisava, se não tinha que tirar os filhos daqui faziam o primário no grupo escolar e tinham que ir embora.”

“O colégio era particular. Os capuchinhos receberam a construção da comunidade e depois a comunidade pagava pra eles. Ficaram de dono como Colégio Particular. Eles tiveram um grande mérito, trabalhavam muito.”

“A comunidade precisava da escola e eles contribuíram. O Frei Egídio, Padre Inácio, trabalharam muito a Dona Gilica nos deu as pedras todas do colégio”.

“A Inauguração do Ginásio foi uma festa muito grande. 1956 - inaugurou-se o Ginásio Nossa Senhora das Graças, foram os capuchinhos que deram o nome.”

“O Sr. Bispo não aceitou muito a idéia do ginásio. Achava que padre tinha que ser padre, tinha uns quantos padres”

Política

Religião

Curiosidades

“Os casamentos na família eram bem diversos, não eram somente entre pessoas de origem italiana.”

Os membros da comunidade, em caso de doenças mais graves e cirurgias, iam buscar médico, Doutor Ampí, em Antônio Prado, que vinha para Bom Jesus para fazer a cirurgia. O “hospital” era a casa do Doutor Concelo. Depois as pessoas da família do doente iam levar o Doutor Ampí em Antônio Prado.

Primeiras empresas de Ônibus, De Boni e Baroni, que ia pra Vacaria. E tinha uma outra empresa que ia para Araranguá. Existiu na época da guerra por volta de 1940. Depois se estabeleceu a empresa “Regis” que ia até Porto Alegre.

Observação

Pararam a entrevista para o Seu Alcides tomar remédio, ele comenta *“ela sabe o remédio eu não sei [...] ela me cuida muito”.* (Se refere a professora Ilma sua segunda esposa).

Falou de Getúlio Vargas: *“Eles ‘insavam’ os italianos, [...] eu apanhei muito só por ser italiano, seu Luiz Vernier apanhava muito, era analfabeto, fazia valo nos campos, analfabetos, faziam uma passeata levando cartazes, de patriotismo, contra a Itália.”*

“Os A ver que eram pedreiros perseguiram muito essas pessoas. Alguns italianos eram acusados de Quinta Coluna, [...] o que nós aqui tinha a ver com isso?”

A Liga da Defesa Nacional organizava essas perseguições com autorização das

autoridades superiores e perseguiram as pessoas “[...] *isso né? Aqui, 1940, difícil de chegar, o que nós ia sabe?*”

Seu Alcides participou da comissão para construir o hospital. Foi a comunidade quem fez a doação do terreno, seu Luiz Dutra tomou a frente dessa etapa.

Seu Juvenal e Seu Alcides eram da comissão das festas para angariar fundos. Ele conta que a comunidade colaborava muito, doava gado para as festas. Os fazendeiros em sua maioria colaboravam bastante.

Seu Luiz Dutra ficou muito tempo na direção do Hospital, posteriormente vieram as freiras de São Leopoldo. Seu Luiz Dutra era tinha relações em São Leopoldo e trouxe as freiras de lá. Eram Irmãs franciscanas.

Gênero

A entrevistadora junto com seu Alcides vai lembrando de algumas mulheres que determinavam a família: Dona Joana, Dona Tereza e Dona Joaquina entre outras “[...] *essas mandavam mesmo [...]a Dona Jardelina casada com Seu Vernier, era ela que determinava [...] A minha mãe dominava tudo nós*”

“A mãe tinha autoridade com as noras. Ela dominava tudo, mandava mesmo. Até o Mario, que era mais velho, de vez em quando, ela acabava brigando, ela falava meio misturado italiano e brasileiro, mas ela sempre teve aquela autoridade.”

“Pensão da Filomena era um hotel que tinha, a Dona Inês também teve pensão em Bom Jesus e depois a Dona Jardelina depois da Dona Tereza. A Dona Filomena era ela que mandava, vivia com o seu Brauer um alemão que era pedreiro.”

4- Alvina de Lima Gonçalves de Camargo

Nascimento: 28/01/1918

Entrevista: 21/07/1998

Idade: 80 anos

Família:

Pai: Teodoro Rodrigues Gonçalves

Mãe: Maria Gomes de Lima

Avô paterno: Manuel Bento Gonçalves, tinha o apelido de Biriba, porque veio de São Paulo. (natural de São Paulo, veio para Campos Novos em Santa Catarina)

Avó paterna: Ema Rodrigues de Jesus (natural de Santa Catarina)

Avô materno: Manuel Lemos de Lima

Avó materna: Gertrudes Lima (ambos de Bom Jesus)

Marido:

Filhos: Não perguntou quantos, mas do decorrer da entrevista dá para deduzir que são 5.

Trabalho:

“Fui professora particular, tinha uma licença para lecionar particular, lecionei na sala da casa dos pais, lugar que transformei em sala de aula. Comprei classes, da D. Jurací, que tinha sido professora, quadro negro e um mapa.

Os pais das crianças me pagavam particular.”

“Depois fui convidada para fazer concurso pela prefeitura para lecionar no Sítio, fiz concurso e passei, fui lecionar na localidade conhecida como Tremedal, meu marido comprou um terreno perto e me aposentei trabalhando nessa localidade.”

“Aposentei-me com 48 anos, lecionei durante 30 anos, contando com a época que dava aula particular.”

“Meu avô (paterno) era tropeiro de mulas, em São Paulo eles construíam povoados e eram chamados de Biribas, até hoje a família é conhecida como os Biribas, meu pai era taipeiro, trabalhava nas fazenda, trabalhou com os Kramer... as taipas eram medidas em “braças”, correspondia a os braços abertos.”

“Meu marido era carpinteiro, lidava com madeira, tirava tabuinha para fazer coberta de casa.”

Estudos:

“Estudei em Bom Jesus com as Irmãs Ramos, até a 7ª série, acho que venha a ser o ginásio de hoje, ficamos estudando em 3, o Vilásio, aquele Vilásio Lima, o Romeu Suzim e eu. Ficaram os 3, a D. Inês das Irmãs Ramos, que era as professora, disseram que tiramos até 7ª série, tinha 17 anos quando saí do Colégio.[...]Terminei os estudos mais ou menos em 1935.”

“Os primeiros professores que me lembro em Bom Jesus são : seu Eduardo Gans, o “diretor”, seu Nemésio Fernandes Gay, e as Irmãs Ramos, isso na “Cidade”, no sítio lembro do seu Marcírio que era professor particular e seu Arcírio que era professor municipal e sua irmã dona Abelardina que também era professora particular no sítio.”

Política:

Religião:

“Sou espírita, meu pai mudou de religião e criou a família na doutrina espírita.[...] Casei na igreja católica pois meu marido era muito católico e eu não me importei de casar na ‘igreja’.”

A profª. Lucila pergunta se casou de vestido comprido responde. “[...]casei com vestido curto e um veuzinho pequeno, a religião na exigia, meu pai tinha passado

para o espiritismo.”

A prof^a. Lucila pergunta das festas , “Eram festas católicas, as pessoas dançavam, arrematavam presentes, [...] aquelas que tinham namorado ganhavam presentes dos namorados, tinha um grupo de pessoas com uma bandeira que iam nas casas pedir. A bandeira era bem colorida e tinha a imagem do santo da festa.”

“Uma festa grande com baile, era a de São Sebastião no ‘segundo’.” (segundo distrito de Bom Jesus).

Falou da construção de outra igreja em Bom Jesus que ficava mais retirada era a Igreja Nossa Senhora de Fátima.” Quem ‘inventou’ a construção foi o Padre Getúlio, e meu marido tirou as tabuinhas para fazer a cobertura.”

Curiosidades:

Fala de outros tipos de festas que eram conhecidas como “surpresas”, os vizinhos e compadres batiam surpresas de noite nas casas uns dos outros, as moças iam dançar e as mulheres mais velhas iam fazer comida.

Quando lhe é perguntado quem mandava na casa , diz que eram os dois, a mulheres mandavam na cozinha e dentro de casa e o homem mandava no serviço mais grosseiro, de fora, na educação dos filhos participavam os dois. “[...] meu marido não tirava os guri da escola pra trabalha com ele, só depois que eles chegavam, depois do meio dia é que eles iam pro mato ajuda a tira tabuinha”

Observação:

5-Amadeu Antônio Cemin**Nascimento:** 24/10/1919**Entrevista:** 12/01/1994**Idade:** 75 anos**Genealogia:**

Todo seu nome:

Meu nome é Frei Amadeu Antônio Cemin.

É o nome religioso ou é o nome civil?

O meu nome civil é Antônio Cemin, mas como eu sou mais conhecido pela vida do trabalho, também sou mais conhecido como Frei Amadeu.

Certo... O Sr. é filho de quem?

Os meus pais foram João Antônio Cemin e Vitória Laís Cemin, naturais de Caxias do Sul.

E o Sr. também?

Eu também sou natural de Caxias do Sul.

Nascido em que época?

Eu nasci em 24 de outubro de 1919.

Os seus pais são de origem italiana ou eles são natos na Itália?

Meus pais nasceram em Caxias do Sul e os meus avós é que vieram da Itália e se... radicaram na cidade de Caxias do Sul.

Qual é a região da Itália que eles vieram Frei Amadeu?

Eu não tenho bem assim um levantamento exato da cidade de onde vieram os meus antepassados, mas pelo que eu tenho conhecimento eles vieram da cidade de Padova.

Trabalho:

Certo... O Sr. se ordenou sacerdote quando e onde?

Eu fui ordenado sacerdote em Garibaldi no dia 26 de dezembro de 1943.

Bom... de 43... o Sr. trabalhou em que locais?

Em 1944 eu fui designado para professor no Seminário Diocesano de Caxias do Sul e em seguida eu recebi uma ordem para ir trabalhar em Portugal.

Uma coisa não lhe perguntei antes... A sua Congregação, qual é?

A minha Congregação é dos Freis Capuchinhos.

(...)

E a sua vinda para Bom Jesus?

Quando eu voltei de Portugal eles me mandaram lecionar no Seminário de Vila Ipê, onde um dos alunos foi também o padre Zemiro. Fiquei professor lá uns dois anos e em seguida, em 54, aliás 53, 54 já vim pra... pra aqui pra Bom Jesus com a finalidade de fundar e construir o ginásio. Naquela época chamava Nossa Senhora das Graças.

Religião:

Tinha alguma parte religiosa?

Tinha a novena, chamo novena, o tríduo na matriz e em seguida lá no local onde era construído o ginásio era feito um leilão, comidas e bebidas e eu sempre me lembro que o leilão é uma festa aí em que começaram a vender um galo vermelho e botaram o lenço vermelho no pescoço e esse galo foi num valor muito grande. Depois de leiloá-lo foi oferecido novamente aos festeiros e leiloado por três vezes, sem que nesse... nesse galo vermelho nós já ganhamos talvez o suficiente para pagar os operários uns três meses.

Só com esse galo?

Só com o galo.

E o lenço vermelho, o que era? Tinha alguma conotação política?

Tinha uma conotação política, porque aqui haviam todo mundo já deve ter conhecido Abdão Balaud, que era um grande propagador do PR. E o PR, como vocês sabem traz o lenço vermelho e com a incentivação, com as... do Abdão é que se conseguiu fazer essa brincadeira que rendeu. Assim teve uma boa renda para o colégio, pro ginásio.

Olha só! Uma brincadeira que saiu muito bem!!!...

É.

É esse tipo de coisa que...

Bom, tinha baile nessas festas?

Às vezes tinha baile no Salão Paroquial, porque lá não tinha condições, né. Então organizavam também bailes, festas, outras festas, assim com relação aos colégios... colégios, os próprios ginásios que também promoviam festas.

Menores?

Menores.

Mas essa festa da Padroeira não era com baile então?

Não. A festa da Padroeira não era com baile; era com leilão.

Durante o dia? E de noite então?

Não. Durante... de noite, mas era depois.

Mais de noite?

la até altas horas da noite, até a madrugada. Eu me lembro que as primeiras festas que foram feitas aqui o... Primeiras festas, talvez dois anos depois que se começou o ginásio no Salão Paroquial foi feito uma festa em que o Frei Getúlio terminou a festa do salão, veio rezar a missa aqui na Matriz, que era domingo, né.

E isso sem baile mesmo?

Sem baile, sem baile.

Mas tinha música?

Tinha música, tinha bebidas, comidas, muito leitão assado, galinha assada.

(...)

A capela também foi montada, não sei se é bem esse o termo, também através de doações?

Também através de doações. E a Paróquia também colaborou muito para instalar a capela no colégio que era a parte central onde hoje parece estar aí a Secretaria. Era a capela do colégio onde os Freis que trabalhavam aí se reuniam de manhã para as orações e à noite, apesar que nós ajudávamos também como colaboradores aqui na Paróquia.

Ah... também faziam... na parte religiosa. E a parte de moradia dos Freis também foi mobiliado da mesma forma? E o dormitório dos internos, essa coisa toda?

Ah.. uma parte a Paróquia ajudou, né. Que nós no começo quando eu cheguei aqui. Minha moradia era aqui na Casa Paroquial junto com mais um Frei que nós começamos aqui. Aqui era a Casa Paroquial. Depois quando houve condições de poder transferir para o ginásio novo, nós com nosso trabalho nós é que mobiliamos os quartos dos Freis para eles poderem trabalhar.

Educação:

A história do ginásio Nossa Senhora das Graças inicia em 1954?

Não... ele começou em 1949, né... mas funcionava na escola, no Salão Paroquial aqui de Bom Jesus.

Mas já com nome de ginásio ou era uma escola menor? Como é que era?

Não. Era sempre já ginásio e formação né... Já tinha em 1953... já tinha começado a primeira turma. Eu tinha cinquenta alunos já.

A primeira turma de ginásio?

De ginásio.

Na época 1ª Série?

É. E assim que a gente começou o ginásio funcionando no Salão Paroquial e começou ao mesmo tempo a construção do novo ginásio que foi construído enquanto a gente já preparava as primeiras turmas, primeiras inscrições. Já foi dado andamento a construção.

Pera aí... Eu achei que o Sr. tinha sido a primeira pessoa que veio para criar esse ginásio.

Não. Já o ginásio tinha sido organizado e também tinha...

A questão jurídica, digamos já estava feita?

Já estavam. Já tinha sido feita pelo Pároco naquele tempo que era o Frei Argentino, Argentino. Sei que era o Pároco daquela época, né. A parte jurídica já estava sendo organizada; não tava completa ainda, mas já começou o ginásio. Começou já trabalhando em 1953 e com a licença já da Secretaria da Educação.

E o exame de admissão, que na época tinha exame de admissão, foi organizado aqui mesmo ou veio... Tinha alguma outra equipe?

Tinha umas Irmãs, as Irmãs Franciscanas. Elas... elas é que estavam... Eram responsáveis pela fundação do ginásio.

Humm...

Mas como as Irmãs de São Leopoldo elas não... não puderam assumir a direção e ao mesmo tempo a organização, elas fizeram os papéis junto com o Pároco. Fizeram toda a organização assim jurídica e entregaram pra mim já assim, já em andamento.

(...)

Então vamos ver um pouco dessa história. Como é que foi para construir esse colégio... um colégio grande... Não deve ter sido muito fácil, inclusive a questão financeira. Como é que isso aí... A Ordem entrava com uma quantia? Como é que funcionava isso aí?

A parte econômica não era propriamente comigo, havia uma comissão, né. Logo que se pensou em fazer o colégio, havia uma comissão aqui do Juvenal Grazziotin, Alcides de Boni, o prefeito que era o Atilio Lima.

Atilio Lima foi prefeito.

Atílio Lima. Em seguida Adílio Palmo Velho, acho que era... E eles trataram de falar com o superprovincial para trazer os Freis aqui para começar que as Irmãs... as Irmãs não queriam, não quiseram assumir. Aí, quando eu cheguei já havia uma quantidade de pedras que foram trazidas por carros de boi, carroças, etc... Logo pensamos em comprar um caminhão para fazer o transporte do material e com esse caminhão se começou a amontoar material suficiente para começar a obra. A obra foi entregue a um empreiteiro de Caxias, né... que ele se comprometeu a construir por através do pagamento, um pagamento pra ele; uma diária mensalidade e para os operários que deveria trazer lá de Caxias do Sul.

(...)

E esse dinheiro, como é que vocês foram conseguindo?

O dinheiro foi conseguido através de festas, leilões e ofertas do povo. Nós não tínhamos nada em caixa. A gente gastava aquilo que arrecadava mensalmente, através de ofertas, de leilões. Quase todos os anos tinha duas festas para a construção do ginásio, além da festa da Paróquia, então...

E o pessoal colaborava?

Colaborava. Não havia quase fazendeiro que não desse uma vaca, um boi, um bezerro... terneiro pra as obras. Eu só me lembro que houve duas pessoas que se negaram. O resto nunca tivemos negativa nenhuma.

E o terreno, foi doação ou foi compra?

O terreno foi comprado pela comissão que foi organizada depois e pela prefeitura. Eles doaram o terreno às Irmãs Franciscanas para construir esse colégio. Como as Irmãs Franciscanas não quiseram assumir... Disseram que não puderam, não podiam assumir então a Ordem Capuchinha através do provincial assumiram a construção do ginásio.

E aí, passaram legalmente pra... Passaram legalmente pra a Ordem dos Capuchinhos e quem mais tarde a saber essa... essa posse do terreno com toda a construção foi vendida ao estado.

É uma contingência, né?

É.

A questão vai mudando. E as festas, como é que eram organizadas? Que tipos de festas eram feitas de um modo geral?

Nós marcávamos a festa da Nossa Senhora das Graças, que era a Padroeira e depois escolhíamos festeiros e depois os festeiros, aí juntamente comigo, nós íamos visitar as fazendas afim de angariar gado pra isso e geralmente as festas eram de três dias.

E o quê que eram feitos nesses dias?

Nesses dias...

(...)

Mais ou menos que período levou para que esse colégio pudesse ser usado?

O colégio começou em mil novecentos e cinqüenta e... no fim do 52 pro 53.

Aqui na... a construção?

A construção.

Certo...

Em mil e novecentos e... no fim de 1953 por aí, ele já estava em condições de poder tratar da inauguração. Foi em... em na formatura da primeira turma em 1954.

54?

54 porque em 52 já a turma tinha começado, né. E em 53, 54... 54... fim de 54.

Com a formatura, né?

Com a formatura da primeira turma que foi comunicado ao governador, naquele tempo era o Meneghetti. Veio o representante da Secretaria de Educação, Dr... como chama? O pessoal foi convidado por essa parte pessoalmente das pessoas da Congregação da Ordem, o prefeito Atilio Lima, era naquela época, e todo o pessoal que colaborou. Quer dizer, foi uma festa muito bonita, mas esperamos o representante da Secretaria de Educação na entrada do município; trouxemos até onde foi feito. A inauguração oi feita na frente do colégio e depois ao meio-dia o almoço foi feito aqui no Salão Paroquial.

E de noite?

De noite festas.

A formatura em si ou não?

A formatura foi feita à noite e depois em seguida a festa.

Então a inauguração coincidiu com a formatura da primeira turma?

Primeira turma. Além disto quero recordar que naquela altura a Câmara de Vereadores me concedeu a mim o título de "Cidadão Bomjesuense".

Olha... não sabia, mas merecido.

Obrigado!

Um coisa que a gente não tinha conhecimento...

Bem, essa primeira turma era uma turma grande, né?

Era uma turma grande, tanto assim que talvez deveria ser... deveria ser separado o primeiro ano com o segundo ano que estava funcionando em 52, o primeiro ano, né. E então a gente não tinha salão. Não tinha salas no Salão Paroquial. Nós dividimos e fizemos duas turmas. Ia ser duas turmas de cinqüenta ou cinqüenta, sessenta alunos em cada uma.

Nossa! Então digamos, os formandos da primeira turma ultrapassavam os cem?

Não, a primeira turma foi dividida em duas.

Mas não foi feito no mesmo dia a formatura?

Foi feita no mesmo dia. Só que no fim..., no fim não chegaram os cem. Parece que a primeira turma chegou por aí uns cinqüenta e poucos porque muita gente desistiu. Não estavam acostumados a um ensino mais... mais apurado, mais... então muita gente desistiu.

Por que o nome Nossa Senhora das Graças? Por que esse foi escolhido Nossa Senhora das Graças como Padroeira?

Porque era uma devoção já talvez dos primeiros Párocos daqui, né. E depois achavam que Nossa Senhora das Graças devia dar a graça de nós conseguirmos o colégio, aqui o ginásio e conseguirmos assim construir um prédio adequado, capaz para receber os alunos.

(...)

E pra mobiliar o colégio?

Bom... o mobiliário foi feito através de doações, muitas famílias doaram os... Houve aí famílias que doaram, por exemplo... doaram, parte de porta, janela. Outros doaram as cadeiras e também foi feito campanha aquilo que faltava para mobiliar o colégio.

Classes...

Classes, armários e cada... Acho que foi feito até grupos de famílias que se uniram

para mobiliar cada classe para poder funcionar. Outras... outras salas que não foram possíveis mobiliar através desta campanha. Já eram classes velhas que estavam no Salão Paroquial.

(...)

Vocês tinham uma remuneração?

Não tínhamos ordenado, mas o que sobrava do trabalho da... do nosso trabalho e um pouco também uma colaboração do estado nós tínhamos o suficiente para viver e também o ensino não era totalmente gratuito. O ensino era pago, né. Então o que sobrava do nosso trabalho era para justamente para mobiliar os quartos, as salas onde nós morávamos.

E o pagamento das mensalidades revertia pra continuidade da melhoria pra completar a obra do colégio ou ficava... Como é que funcionava isso aí?

Bom, a mensalidade dos alunos, ele era para a manutenção dos professores. Nós tínhamos que pagar professores, leigos que não tínhamos pessoal suficiente para manutenção, para comida dos Freis que viviam no colégio e também para comprar mobília que precisavam para poder mobiliar o colégio.

Era aplicado aqui mesmo?

Aqui mesmo. Nunca saiu nada daqui para outros lugares. Sempre o que sobrava era para o melhoramento do colégio.

É interessante isso porque às vezes as pessoas colocam que essas mensalidades, né... Voltava para a Congregação.

Não. A Congregação... do colégio eu não recebia nada. Recebia do serviço, às vezes da Paróquia, né. O que era do colégio era exclusivamente para a manutenção e o melhoramento do colégio.

E o internato?

O internato... Internato funcionou por alguns anos, né. No começo havia diversos, diversas famílias que moravam abaixo da serra, como diziam, que queriam colocar os alunos aqui para poder estudar. Aí que nós então abrimos um pequeno internato. No começo foi um pouco difícil porque não tava bem mobiliado, mas começamos com poucos alunos com... Que viviam no interior.

A parte da serra que o Sr. Diz é Santa Catarina?

Santa Catarina.

Começaram vir pra cá?

É. Aí eu me lembro do Rocha, interno. Até um caso interessante que me sensibilizou esses dias, vendo o Ferreira que está agora em Vacaria. Um dia chegou lá na portaria para vender queijo, vender também manteiga e perguntei: "Por que você não estuda? Já está na idade de você estudar!" "Eu não tenho dinheiro". O nome dele era... Ele foi funcionário da DAER um tempo. Hoje ele é professor lá em Lagoa Vermelha, Vacaria.

Professor da onde?

Do colégio, colégio. Amir. Ele me disse assim: "Eu não tenho dinheiro, não posso estudar". Eu disse pra ele: "Olha, você quer estudar?" "Eu quero". "Então vamos fazer o seguinte: eu vou conseguir uma bolsa de estudos para você. Você vem aqui, fica interno e vai começar a estudar". Aí ele ficou satisfeito. Largou seu serviço lá no interior que ele trabalhava numa fazenda e veio estudar como interno. Se formou. Hoje ele está completamente, totalmente agradecido ao colégio e a mim porque conseguiu fazer o curso de segundo grau, conseguiu tirar a faculdade e hoje está satisfeítíssimo. Na minha missa cinquenta anos na Caxias do Sul. Eu tive assim a

satisfação de vê-lo lá presente todo satisfeito. Ele, o irmão dele também e a mãe já velhinha... Oitenta e tantos anos. Muito satisfeito com aquilo que ele aprendeu aqui em Bom Jesus.

Ele era de família aqui de Bom Jesus?

Ele é de família de Bom Jesus, mas no interior. Não me lembro mais onde é que ele trabalhava numa fazenda como agregado e... vinha vender queijo e também manteiga principalmente para poder se sustentar.

(...)

Algum problema com mão-de-obra pra construir o colégio, pessoal que não era especializado, coisas desse gênero?

Como o empreiteiro era de Caxias ele trouxe diversos operários que eram operários dele também. Alguns operários aqui parte de construção assim de material e foram operários de lá. Agora o que podíamos utilizar daqui, o que se podia aproveitar daqui nos aproveitamos. A parte por exemplo de marcenaria, de carpintaria, todos dessa área: Antônio Tessari, Hugo que ainda está aí Hugo Tessari lembro sempre. E tenho que notar mesmo para chofer ele precisava de transporte de material. Eu me lembro bem do Barcelos. Falecido Osvaldo Barcelos, Hugo Tessari que saiu de caminhão para trazer o material e outras pessoas daqui que ajudaram pra que a obra não parasse.

Mesmo tendo o caminhão que vocês tiveram que comprar, os outros tinham que ajudar?

Tinham que ajudar porque às vezes faltava o chofer que o Frei Egídio foi o chofer que veio mais tarde, né... e às vezes não podia ir. O Frei Egídio foi um dos grandes colaboradores nessa ponte de trazer material para a construção. Mas também Osvaldo Barcelos, Hugo Tessaro e outros, pagavam o caminhão e iam buscar o material.

E as estradas?

Hi... as estradas estavam péssimas, mas o material, principalmente areia, tijolos e era difícil as estradas. Muito difícil de passar. No inverno era difícil. Mas sempre houve possibilidade de trazer o material para não parar a obra.

(...)

E as janelas e vidraças foram feitas aqui em Bom Jesus ou foram compradas?

Não, as janelas... Foram contratados, acho que foi uma firma de Caxias que vinha trazer as janelas porque tinha um formato... Eles achavam o formato isquisito, né. Aquele formato metade janela era de madeira e outra metade de vidro. Mas foi feito assim justamente porque os alunos sempre têm a curiosidade de olhar pela janela e assim não haveria possibilidade deles estarem na janela olhando.

Não se distraírem?

Não se distrair na época da aula.

E tudo tinha o seu objetivo?

Tinha tudo o seu objetivo, né.

Bom, os professores que trabalharam com o Sr., principalmente no início, o Sr. Falou a Leda Costa que hoje é Secretária da Educação do município.

Dra. José Arisoli Xavier.

Lecionava o quê a Arisoli?

Português.

Português?

É. E eu lecionava Línguas, né. No começo lecionei... Lecionava Línguas e dirigia as obras e o colégio. E tinha mais um Pároco daquela época. O Pároco Argentino.

Também lecionava?

Lecionava também. E o desenho, acho que era a Leda.

Deveria ser.

A Leda, depois tinha a Ilma Jacob.

A Ilma trabalhava com as classes dos pequenos ou era...

Ela trabalhava com os pequenos e ajudava também no ginásio que aí todo... toda o pessoal, qualquer pessoal que tivesse capacidade, tinha que ser utilizado que não tinha um professor formado, né.

Então, no início professores religiosos não eram muitos? A maioria eram leigos?

Eram leigos. Religiosos, só tinha dois no começo. Mais tarde que veio o Frei Getúlio, que era formado também. Ele era formado em Literatura, Inglês e Português e Línguas Neo-latinas. Depois veio o Frei Ermeto, Frei Gentil antes ainda, Depois veio o Frei Ermeto antes ainda. Veio o Frei, um outro Frei que veio de Matemática. Ah... o que eu quero dizer também que o Arisoli lecionava Português e Matemática porque não tinha outro professor e...

Deu certo?

Deu certo, né. Tinha que começar com aquilo que a gente tinha. Não tinha... E nós nos sujeitamos naquela época a um tal exame de suficiência para poder lecionar. Então havia cursos. Ministério da Educação todos os anos fazia cursos, chamados de suficiência e nós freqüentávamos.

Inclusive o Sr.?

Inclusive eu.

Mas com toda a formação que o Sr. Tinha?

É, mas tinha que se sujeitar a uma aprovação da Secretaria para poder lecionar.

E não era, digamos assim...

Eu não tinha curso universitário no Brasil. Eu tinha curso universitário lá de Coimbra ou de Porto, mas não tinha daqui, né. Então tinha que me... me sujeitar ao exame de suficiência.

E os outros, tinha faculdade? No caso Arisoli, mas não... não dava direito a lecionar? Não dava direito a lecionar. Então, mas quem constava diante da lei era as Irmãs Franciscanas (risos).

Bom, a questão da biblioteca, desde o início foi preocupação em ter uma biblioteca ou isso veio mais tarde. Como é que era?

Nós tínhamos trazido uma pequena biblioteca quando começamos o trabalho. Aí tendo uma biblioteca pessoal dos frades de Caxias do Sul. Então começou a pequena biblioteca, começamos depois a compra de livros, etc... Angariamos em diversos lugares, livros, para podermos constar aquele na biblioteca que era uma necessidade, né. E começamos a trazer livros de outra, de outras casas.

E esses livros que vocês trouxeram quando vieram pra cá eram mais livros religiosos pra formação de vocês ou eram livros pra consulta dos alunos?

Era mais pra consulta dos alunos, né. Principalmente questão de... Naquela época não se fazia muita pesquisa, né, mas principalmente para os professores. Os professores tinham uma quantidade de livros necessários para poder consultar, poder estudar, etc. Os livros religiosos que nós tínhamos era mais aqui para a Casa Paroquial. Utilizávamos a biblioteca da Casa Paroquial.

Alunos que se destacaram na época... Na época, além desse Ferreira que o Sr. Falou, algum outro aluno ou alunos que tenham se destacado?

Bom, eu me lembro que havia diversas pessoas. Uma das pessoas que eu me lembro bem era o Baggio. O nome dele agora esqueci... O Milton Baggio.

Milton?

Milton... Milton Baggio. As Grazziotin... Tinha diversas... a Berenice, outras meninas que também eram bem... A Belan, a diversas pessoas... O Antônio, chamava Toninho Xavier... Quem mais? Deixa eu ver se eu me lembro... Eram todas as pessoas que eram bem aplicadas, inteligentes, né. E tinha uma série em cada... Em cada curso tinha sempre uns quatro, cinco que se salientavam bem inteligentes. Uns que já hoje são médicos, advogados. Todos os que realmente saíram daqui, das primeiras turmas, fizeram... fizeram o exame de faculdade e se saíram bem.

E professores que se destacaram na época. Os Sr. lembra assim que às vezes...

Bom, o Frei Getúlio era uma pessoa muito preparada, tinha Línguas, Português, né. Tinha o Frei Valentin. Era muito preparado em Matemática, que veio mais tarde. O Frei Ermeto; também muito bom em Matemática. Em outras Ciências assim. Daqui mesmo a Dr. Arisoli deu uma mão muito forte no começo, mas a Leda também foi...

A Leda foi da primeira turma de ginásio, né?

Primeira turma. Ela foi aluna e professora ao mesmo tempo.

Era isso que eu ia lhe perguntar. Ela foi aluna e professora?

Foi aluna e professora.

Tudo porque o nome era das Irmãs que estava lá?

As Irmãs estavam agüentando com a parte...

Legal?

Legal.

Certo...

Bom, por que colégio misto, né? Porque na época não era comum... Tinha o colégio dos gurus e o colégio das meninas e aqui foi misto desde o início. Por quê?

É porque no começo, quando se falou em fundar o colégio, as Irmãs disseram que elas não aceitavam colégio misto. E também quando se foi falar com o Sr. Bispo, que naquela época também disse que não aceitaria que os Frades assumissem o colégio misto. Mas quando a comissão falou com o Sr. Bispo, ele disse assim: "Olha... então nós vamos entregar esse terreno e a construção para um grupo". Um grupo que não é da Igreja Católica para que ele se responsabiliza para ter um colégio misto. Aí o Sr. Bispo disse: "Não... Se é para entregar para outra... outra religião, então vamos aceitar colégio misto". Aí que o provincial aceitou e se começou assim, já desde o começo com o colégio misto.

Então a comunidade não tinha condições de construir dois...

Dois... Que as Irmãs deveriam ter assumido toda a parte feminina e os padres a parte masculina.

Isso era da época tradicional?

Tradicional. Mas como não havia possibilidade de as Irmãs assumir e... e nós também sem a licença do Sr. Bispo não podíamos assumir, aí houve essa discussão; condição com o Sr. Bispo. E o Sr. Bispo deu licença e aí que se começou o colégio misto.

Certo... O Sr. ficou aqui até que época Frei Amadeu?

Eu comecei em mil novecentos... no fim de 52. Acho que foi em julho no 52 e fiquei até 1958.

(...)

6- Amália Baroni**Nascimento:** 19/08/1918**Entrevista:** 07/11/1990**Idade:** 72 anos**Família:**

Não fala dos pais e avós.

10 filhos

Terezinha Nancy

Célia Terezinha

Silma Terezinha

Miriam Terezinha

Cenira Terezinha

Denise Terezinha

Nádia Terezinha

Simone Terezinha

José Luiz

Zulmir

Trabalho:**Estudos:**

“Estudei aqui (Bom Jesus), com o professor Edmundo Schiler, o diretor era seu Balduino, na escola onde era seu Leone, (um dos locais onde funcionou o Grupo Escolar) era o Grupo, eu estudei pouco. Depois fui pra Porto Alegre, pro Paula Soares, fiquei dois anos [...] era estadual, mas meu pai não pode me manter, tinha o material, um sapatinho, mais uma roupinha e era época do Guaspar,i do Renner, as pessoas começaram a comprar roupa pronta e ele ficou com pouco serviço [...] era alfaiate sim, depois ele colocou um barzinho.[...] aí não pude terminar o primário, meu sentimento, não pude mais estudar, eu gostava muito.”

Política:**Religião:****Curiosidades:****Observações:**

A professora Lucila conhece a vida da Dona Amália, assim como de muitos dos entrevistados, ela comenta alguns aspectos específicos da vida dessa senhora, como o caso da personalidade da sogra de Dona Amália, que foi conhecida na comunidade por ser autoritária. Essas intervenções acontecem também com outros entrevistados, muitos são parentes ou amigos da família, o que proporciona um certo grau de intimidade descontraindo o entrevistado e dando-lhe confiança . O tom da entrevista é nitidamente diferente, se comparado com entrevistados cujo contato com a entrevistadora foi mínimo ou inexistente antes da entrevista. Um aspecto que chama a atenção é a forma do entrevistado se dirigia a professora Lucila, quando a intimidade é maior tratam-na de Lucila, em caso contrário a forma de tratamento é professora.

Gênero:

“Casei e fui morar com a sogra, morei 33 anos [...] no meu caso a sogra mandava e eu obedecia e como obedecia, [...] minha sogra era uma pessoa muito boa muito caridosa, ajudou a criar meus filhos, mas era uma ditadora, não tinha negócio de tirar um prego daqui e botar ali. Eu me sujeitei, porque não tinha o que fazer, eu namorei o Zulmir desde s 13 anos e casei com 17 [...] sim, já sabia que tinha que morar junto.

8- Argeu Ribeiro velho**Nascimento:** 15/12/1913**Entrevista:** 1993**Idade:** 80 anos**Família:****Pai:** Major Antonio Inácio Velho**Mãe:** Esmênia Batista Ribeiro Velho**Bisavô:** Antônio Manuel Velho – *“veio de Laguna, era comerciante lá e veio pra cá depois de adquirir a fazenda dos ausentes.”***Filhos:** 10 filhos**Trabalho:***“[...] sempre lutando no campo, com a pecuária, tropeiei bastante tempo, com gado e com cargueiro, pra trazer provisões pra fazenda. Levei gado pra Taguara e pra Criciúma quando abriu as mineração[...] levei de 20 cabeça até 160 [...] ia em três, dois tocando o gado mais o madrinheiro, quase sempre era um gurizote de 10, 12 anos [...] eu mesmo fui madrinheiro[...] se acostumava com o barulho do cincerro.”**“[...] cada cargueiro carregava 90 kilos de mercadoria, era 6 arroba por cargueiro, [...] preferia gado, com cargueiro fiava com calo nos ombros de carregar e descarregar peso.”***Estudos:***“Meus filhos tiveram professor em casa, paguei professor particular pra Lecionar, chamava-se Pedro Henrique Magaldi, apelido Totinha, era de São Joaquim, mas criado em Bom Jesus ele lecionou em duas localidades, eu me mudava muito, deu aula em Monte Alegre e na Fazenda São Luiz.” (Década de 40)**“Estudei Até o 4º ano do primário em São Jacó, Hamburgo Velho, dos Irmãos Maristas, os alunos que moravam distante eram internos. Meu caso, nós aqui de cima da serra, ia a cavalo demorava três, quatro dia até o ponto onde tivesse trem de ferro. No caso era taquara, até lá viajava-se de a cavalo, de lá pegava-se o trem, [...] Os animais ficavam nos poteiros em taquara, a comitiva que nos levava pro colégio, trazia de volta. [...] os peão da fazenda iam me levar, e compravam o que necessitava trazer.”***Política:***“Tenho vivas recordações do meu pai, quando foi intendente em Bom Jesus, a recordação maior foi quando partiu pra quela noite trágica em 1923 (fala da batalha do Rio das Contas quando foi morto na revolução de 23), antes dele partir fiquei segurando o cavalo dele enquanto ia se despedir da minha mãe. As últimas palavras foram ‘Deus te abençoe meu filho’.”**“Era republicano do Borges de Medeiros, [...] se reelegeu intendente, morreu no local conhecido hoje como Morro do Bombeiro. [...] Recordo-me quando passaram por aqui as força contrárias, as força do Fabrício”.***Religião:***“Para angariar donativos pra igreja, distribuía umas lista pra cada localidade, os conhecidos visitavam os amigo, pra pedi donativos, angariava bem, os fazendeiros davam gado...porco, essas coisas.”***Curiosidades:***“A vida passa tanto, agente tem tanta coisa que de momento devia citar, mas esquece, não se recorda”**“Eu que agradeço pela oportunidade que eu tive de ter essa entrevista, agradeço muito.” (professora Lucila comenta)*

Observações:

Seu Argeu foi vice-prefeito na gestão do prefeito “Nenzinho” Sgarbi.

Lembrou o nome dos 10 filhos e com quem eram casados.

Pelos cálculos que foi possível fazer, segundo as suas informações, freqüentou a escola nos anos de 1927 a 1929.

Teve professor em casa, para dar aulas para seus filhos, na década de 40.

Gêneros

A professora Lucila pergunta como era a relação marido mulher, quem mandava?

“Quem mandava eram os proprietários [...] quase sempre o homem, a mulher se envolvia com as lidas domésticas, os homens com as lidas de fora.”

Ela insiste perguntando se decidissem passear, se a mulher só avisava ou tinha que pedir autorização e se o marido não deixasse ir, numa tentativa de ver se ele reforçaria a idéia de que o homem mandava, mas pode-se observar pelas respostas que essa idéia (do homem que decide tudo) não se confirma.

“[...] essa é uma parte meio delicada pra gente responder né? Os casais naquele tempo eram muito amigo, se davam, quase sempre tinha concordância, os casais se dava muito bem”

E para os filhos estudarem? Quem decidia era o pai?

“Os pais decidiam junto...fulano tem que ir pra escola, e não tinha professor contratado, tinha o vizinho que tinha professor, aí iam na casa do vizinho[...] os casais iam junto. No meu caso ia a mãe, pois já era viúva, mas quase sempre era o casal que combinava”

9- Clori Camargo Grazziotin (D. Lili)**Nascimento:**14/04/1933**Entrevista:**29/05/1997**Idade:** 75 anos**Família****Pai:** Teodoro Borges de Camargo.**Mãe:** Elvina velho Camargo**Avô paterno:** Antônio Vieira de Camargo**Avó paterna:** Gabriela Borges de Camargo**Avô materno:** Joaquim Inácio velho (neto de índia)**Avó materna:** Valeriana Ricardinho (portuguesa de Coimbra)**Marido:** Olívio Grazziotin**Filhos:** teve 10, perdeu 5.**Trabalho**

“Sou bordadeira, me sustentava só com os bordados, fiz doces para festas de casamento, tive salão de beleza, mudei-me para Porto Alegre (1940), continuei com o salão, abri nessa época uma pensão, que durou 6 anos, fiz cucas para fora para poder pagar uma aposentadoria mais alta. Pinteí tela e porcelana expondo inclusive nos EUA.”

Estudos

“Iniciei meus estudos em casa , na fazenda onde morava com meus avós. O professor era seu João Talantino (alemão), a aula era particular, o professor lecionava na cidade para muitos alunos e vinha para a fazenda dar aula só para mim.”

“Com mais ou menos 12 anos fui para o internato São José em Vacaria onde fiquei dois anos, as aulas do professor Talantino permitiram que eu acompanhasse o internato. Não concluí o ginásio, pois queria casar com o Olívio, minha avó era contra pois tinha preconceito com “gringo”, dizia que eles maltratavam as mulheres, faziam as mulheres trabalhar muito, sai do internato com 15 anos para casar.”

“Quando fui para Porto Alegre fiquei amiga de pessoas influentes, por indicação da dona Neusa Brisola entrei na escola de Belas Artes, mesmo sem ter curso superior, entrei para a associação de artesãos e vendi minhas pinturas, fui para São Paulo e Buenos Aires para aprimorar meus estudos em pintura. Pinteí em tela, tecido e porcelana.”

Política**RELIGIÃO****Curiosidades****Observações**

Tem coisas que eu gostaria de perguntar, fico curiosa a respeito de coisas específicas além daquelas que a professora Lucila perguntou.

Gênero

“Estudei violino no internato com a irmã Alice, e meu avô queria que continuasse estudando depois de casada, pagou um músico da cidade “seu Bite”, para continuar dando aulas, mas meu sogro não permitiu, dizia que isso era coisa de mulher de cabaré, que agora eu era casada e tinha que trabalhar e cuidar de filhos.”

10- Clotilde De Nale Dutra

Nascimento: 29/06/1917

Entrevista: 23 /07/1993

Idade: 76 anos

Família:

Pai: Vítório de Nale (único dos irmãos nascido no Brasil)

Mãe Marieta Cântara. (nasceu em Verona na Itália)

Avô paterno: João de Nalle (veio de Asti, na Itália)

Avó paterna: Rosalina de Nalle

Avô Materno: João Cântara (veio da Itália, no Brasil se estabeleceu em Antônio Prado)

Avó materna: Rosa Cântara

Trabalho:*“Eu não trabalhava fora, era dona de casa, costurava para toda a família”**“Meu marido trabalhava em fazenda, era fiador, depois foi comerciante e depois foi fiscal sanitário, foi como se aposentou.”***Estudos:***“Entre no colégio em 1923, estudei o 1º e o 2º ano numa casa na praça, onde moravam as Irmãs Ramos, elas tinham na parte da frente da casa uma sala, que era sala de aula, depois foi estudar numa casa verde, onde era o Baggio, depois fui para Grupo, onde fiz até a 6º série e não pude mais estudar pois não tinha quem ajudasse meu pai na loja. a continuação dos estudos era só em Vacaria.”**“A primeira professora foi D. Julieta Ramos, depois D. Irene Ramos, a D. Nair ajudava elas mas não era contratada, era sobrinha das Irmãs Ramos.**Na casa verde os professores, além das Irmãs Ramos eram seu Balduino, e seu Nemésio Fernando Gay, que era também diretor.”**“Tinha também numa época o professor Telatim, que era professor particular.”**“Na praça a D. Ermelinde Naponiam ensinava corte de costura, pintura e bordado a máquina.” (D. Clotilde aprendeu corte de costura com ela mas nunca costurou para fora só em casa..)**“Minhas irmãs (Alba , Eni e Mary) fizeram até a 6º série em Bom Jesus, depois foram completar os três anos que faltavam em Vacaria no Colégio São José, habilitava para ser professora. Elas tinham aula de latim e francês, e a aula era, manhã , tarde e noite.”***Política:***“Meu pai era borgista e na revolução de 23, o Castelo Branco que era assizista mesmo assim, avisou que ia ter um grande tiroteio na cidade. Levaram os colchões para o porão e teve um tiroteio na cidade que só terminou quando clareou o dia. Até hoje tenho pavor de política.”**“Na 2ª guerra o ,seu Domingos Spinelli era muito visado, porque falava o que pensava, sofreu muito pois tinha bar e se irritava de ter que apagar a luz, e falava, sofreu represálias, quebraram as portas de seu estabelecimento a cacetadas. Numa ocasião , nessa época, minha mãe estava na praia e tinha um posto militar no local, descobriram que meu tio e minha mãe eram italianos, eles tiveram que se retirar do hotel e subir a serra.”***Religião:** *‘Era costume levantar sedo para ir na missa das 10, antes agente*

passava no instituto para fazer um penteado, saia da missa e ia para casa fazer almoço. Quando o padre era camarada e não fazia sermão muito longo ainda dava tempo de fazer um passeio na praça.”

Curiosidades:

“Seu Vitório meu pai, veio para Bom Jesus, já casado, trabalhar de Seleiro, perdeu todo o curtume devido a uma enchente.”

“Abriu depois um barzinho e depois uma loja se secos e molhados. Criavam porcos, vendiam banha obtida da carnação dos porcos, pão feito na hora em forno de tijolo. Vendiam até bijuterias.”

“Acho melhor o tempo de hoje, não tem tanta repressão, tem mais diálogo entre pai e filho.[...] Não gosto dos agarramentos de hoje, mas acho bonito a liberdade de falar francamente, criei meus filhos com liberdade para falar.”

Observação:

11- Doli Geni Zanetti Ciotta**Nascimento:** 26/03/1926**Entrevista:** junho/1997**Idade:** 71 anos

<p>Família</p> <p>Pai: Luiz Zanetti (Carlos Barbosa) Mãe: Tereza Suzzin Zanetti (Caxias) Avô Paterno: Pietro Zanetti (veio da Itália e casou-se no Brasil) Avó Paterna: Emília Guerra Avô Materno: Luiz Suzim Avó Materna: Luiza Brasus</p>
<p>Trabalho</p> <p><i>“Trabalhavam com serraria, fundaram outras serrarias, mudavam-se quando terminavam os pinheiros.[...]Seu Juvenal tinha parte na serraria. Se refere ao marido</i></p>
<p>Estudos</p> <p><i>“As mães que ensinavam os filhos, ensinavam a ler, escrever, fazer continha, o pouco que eu sei foi minha mãe. Depois quando eu já era mocinha o papai justou uma mocinha para ensinar os outros mais novos. Professora Gessi Castilho ficou um ano lá em casa. Naquela época ensinavam a ler, escrever e matemática. O papai trouxe uns mapas do exército, ele serviu naquela época da revolta de 23, e ele explicava pra gente.”</i> <i>“No Carauno (localidade onde morou) ia uma professora, a Julia e outro que foi professor do Carauno.”</i> <i>“Foi morar na cidade para as crianças estudar, mas os guris não quiseram estudar, os dois mais velhos já foram trabalhar.”</i></p>
<p>Política</p>
<p>Religião</p> <p><i>“Naquela época as mães ensinavam, se reuniam duas ou três famílias rezavam o terço. Primeira comunhão, crisma. A mamãe ensinava a catecismo em casa. Depois a gente ia nas casa dos avós e o padre ia lá fazia revisão na gente e já se fazia a primeira comunhão.”</i> <i>“Não lembro de missa e padre em serraria, onde viu foi no Carauno, era a Paróquia da Igreja de Bom Jesus. Já na Capela de São Manuel, eu ensinava em casa.”</i></p>
<p>Curiosidades</p> <p>Casou em 1947. Conta a história de seus avós. <i>“O pai do Luiz Suzim se chamava Mateus Suzzim, ele nasceu no mar, em águas brasileiras quando vieram da Itália. É naturalizado italiano e os filhos são naturalizados. Nasceu e criou-se na Boca da Serra em Caxias, entre Vila Seco e Ana Recke. Tinha serraria. O avô materno fazia carretão de boi, era carpinteiro, tinha 3 filhos que ajudavam na serraria.”[...]Quando terminou a guerra meu pai ficou numa serraria em Cazuza Ferrera.</i> Dona Doli se casou com Pedro Ciotta filho de João Ciotta e Joana Rizzon, e era de são Marcos, também trabalhava em serraria, também com o marido em vários lugares dependendo de onde tivesse pinheiro, seu pai sempre era sócio. 11 de julho de 1950 vieram morar em Bom Jesus. No final a entrevistadora agradece e ela diz: <i>“Eu que agradeço, agora bobagem saiu bastante aí.</i> Percebe-se a felicidade de ter participado e ter sido entrevistada</p>
<p>Observação</p> <p>As serrarias por serem comunidades pequenas se bastavam, se ajudavam, pouco saiam. <i>“[...]não havia doença, eram casais novos, os homens eram fortes tinham saúde. Nem as crianças não adoeciam.”</i> <i>“Pra comer de “esporte” se comprava rapadura de Três Forquilhas, os tropeiros traziam pra</i></p>

vender nas serrarias, rapadura, barril de cana (cachaça), farinha de mandioca, polvilho, laranja, vergamota, banana, tudo da Serra.”

Apresenta algumas características específicas na oralidade em decorrência da descendência italiana.

Gênero

“Na serraria: as moças daquele tempo eram dedicadas a fazer crochê, macramé, algumas iam engradiar madeirinha, comparação, daquele cabinho de madeira, tinha poucos meninos, empregado de serraria era sempre casal novo. Mas a dona de casa tinha muito serviço no sítio você sabe, tinha que ter vaca de leite, porco, galinha, tem que fazer café pro patrão cedo, fazer almoço na hora certa, café da tarde, lavar roupa, naquele tempo era assim na tábua. Faziam costura em casa, tocava tudo pra ela fazer serviço, por que o patrão tinha que trabalhar na serraria.”

As pessoas de origem eram muito interessadas, faziam roça, lavravam.

Seu marido era gerente da serraria

“Eu ensinava as Donas de Casa nova, que gostavam de se dedicar a esse serviço, que não sabiam fazer essas coisas eu ensinava corta uma peça de roupa, fazer um crochezinho, eu sempre tive uma vida muito comunicativa na serrana.

Os que moravam na serraria são tudo gente que são do bem. Saía nos domingos se enlotavam umas quantas, as crianças iam fazer sapecada, colher fruta no mato, mas moça era muito pouca, sempre moça era muito pouca.”

A professora Lucila pergunta como se divertiam

-Homens: “[...] iam caçar e no verão iam pescar ou iam jogar baralho, quatrinho, se ficavam por casa ajudavam na lavoura, ai arrumação na casa era só no domingo, trabalhavam sábado até 4 da tarde.”

-Mulheres: “[...] Saíam com as mães catar fruta, no verão tem muita fruta, guabiju, goiamum, amora, pitanga, aveia. Elas gostavam de fazer seu crochezinho, bordar ponto cruz.”

“Os namoros de uma vez não eram que nem os de agora. Os rapazes vinham posavam na casa, chegavam sábado e posavam, vinham de muito longe. Dali um mês voltavam. Beijo muito escondido.”

Conheceu o mando que trabalhava em outra serraria perto.

“Foi expedicionário, chegou a ir pro Rio de Janeiro, mas não embarcaram pra Itália. Ficou 3 anos fora. Fiquei esperando, chorando, rezando, como era triste, voltou em 1945. Em 1947 casamos. O importante o padre nos casou na igreja.” Descreve e faz gestos, desperta a curiosidade, alguns casos a professora traduz os gestos.

Quem é que mandava em casa?

“Há era o homem.”

Como era isso?

“A gente era muito submissa ao pai, a mamãe dizia que tinha que falar com o pai, mas em casa não, se fazia o que era preciso, ela sabia o que tinha que fazer. Se fosse pra compra, ou pra sair, alguma coisa, tinha que falar com ele (marido). Não é como agora. Eu nunca fiz nada sem combinar com o Pedro. Até uma roupa pros filhos eu participava.

Naquela época acho era melhor do que agora, as pessoas querem ser muito independente, não tem diálogo, cada um quer fazer o que quê, e fazem as burradas que querem e depois não tem remédio. Eu achei bom aquela época não posso me queixar. Não me senti sacrificada.”

“Teve casos que se deixaram, [...] a culpa de ambos. Tudo muito cabeça ruim, me lembro de muito pouco casamento desfeito na serraria.[...] Na serraria não tive conhecimento que os casais se agredissem, que brigassem era tudo perto. Quem trabalhava com serraria eram casais selecionados, distintos que queriam progredir, trabalhar.”

12- Edmundo Jacoby**Nascimento:** 19 de junho de 1912 – (nascido em Bom Jesus no Pascoal)**Entrevista:** 08/07/1994**Idade:** 82 anos**Família****Pai:** João Carlos Jacoby**Mãe:** Florência Hoffman do Jacoby**Avô Paterno:** João Pedro Jacoby**Avó Paterna:** Luiza Henriqueta Voges**Avô Materno:** Frederico Hoffman**Avó Materna:** Balbina Hoffman

Teve 9 irmãos todos nascidos em Bom Jesus: Balduino, Carlos, Edmundo, Silvio, Bento, Maria Luiza, Elim, Balbina, Cassildo e Nisa.

“Cinco gurus, não vinha uma menina, sabe naquele tempo era bom que tivesse família grande pra ajudar, uma menina, o pessoal daquela época acreditavam numa coisa que hoje a gente não acredita, mas disseram que se colocasse o nome de Bento vinha uma menina, e maior coincidência, depois do Bento a mamãe teve a Maria Luiza”.

Trabalho

Profissão: Carpinteiro e Tropeiro. Carpinteiro aprendeu por boa vontade, não tinha professor. A professora Lucila pergunta se o avô era carpinteiro, marceneiro.

“Não é profissão difícil. Gostei desde rapazinho novo, dizia pro meu pai: quero trabalhar de carpinteiro, com 16 anos quando eu saí, da aula nos trabalhava na roça, aí ele (seu pai) dava um mês pra trabalhar pra nós, o tempo que ele me dava eu trabalhava pra mim, trabalhei no picão na estrada, construí casa na cidade eu e o Carlinhos que era influído.”

Ele comenta de outra ocasião que a professora Lucila o convidou para participar do Seminário de Tropeirismo e dar depoimento e não pode ir.

“Aquele veio rogado, eu vou lá, ajeito ele, ele não vem. Mas eu tava muito doente”.

1936 – fui sorteado noivo da Nena.

“Em 36 fiquei noivo da Nena. Em 37 fui sorteado pro exército e a Nena me esperou. Servi o exercito em Vacaria na Serra de Pelotas. BR 116 foi feita a pá, picão, marreta, broca, foi o exercito que abriu. O batalhão veio de Cachoeira do Sul.[...]Alistei com 21 anos e com 22 ia fazer estrada.”

Contado mais sobre as profissões que exerceu. Lembra da época que construía casas.

“[...]a minha fui eu que fiz, depois fui ficando velho não pude mais. A casa do Domingo Spirelle, tinha café, eu que fiz, mas não fiz sozinho, Inácio Moggem e Afonso Ramos, foram professor meu, eles entendiam mais que eu. Caxilho eu fazia muito”.[...]A Nena me ajudava a fazer caxilhos, nos encaixe, ela ajudava, era uma companheira pra tudo..”

Conta sobre os costumes de sua esposa, entre eles o de fazer queijo.

“Pra desacostumar e fazer queijo foi...Se você casasse com um brasileiro, não desfazendo da origem, veria, desses bem relaxado como a gente conhece em certos lugar, isso dá em todas as origem, mas em brasileiro da mais. “

Continua relatando suas atividades.

“Trabalhava com couro, eu devo muito ao Carlinho, pra ir a festas, surpresa tinha que ter encilha boa, arreo bom. Ele canhoto, eu direito, e a gente fazia aparelho bom, um rapaz bem a cavalo era muito enfezado pelas moças, fazia reio (relho) pra

dá de presente, não pra negócio, mas era pro dia de chuva, é muito custoso.” (Esta se referindo que é difícil fazer relho)

“Agora não posso mais fazer, a vista não ajuda eu tinha óculos forte. Vou te mostrar uma trança de 22 tentos”. (se refere a trança de couro usando vinte e duas tiras de couro)

“Fazia balaio, peneira, pra casa, pras meninas, balaio de costura. Aprendi com o Manuel Ofrásio, veio de Passo Fundo Trabalhava fazendo balaio, aprendi com ele. Era muito pobre. Não esqueça de perguntar pro teu pai e pra tua mãe do Manuel Ofrásio, era do Segundo.” (se refere ao segundo distrito de Bom Jesus, lugar de origem da professora Lucila e seus pais)

“Fazia gamela, fazia taipa, só não fui domador, mas o Carlinhos foi, um irmão que deixou história, história pra nós, deixou exemplo.”

“Sabia fazer, foi muito bom, quando fui fazer pra mim sabia fazer, sabia mandar e sabia o que era bem feito.”

“O Bento era tropeiro.”

“Sabendo ganhar a custa, sabe onde boto o dinheiro, não desperdiça depois”. [...] No nosso caso o papai sabia fazer e nos ensinou, o alemão não podia ver a gente de verde”. 9 quando fala “o alemão”, se refere a seu pai”.

“O meu plano, quando eu casei, era formar todos, mas não pude, nem todos dá pra isso. Só fui mal com o genro, tu sabe disso, separou o casal, minha filha ta melhor agora.”

“Tá frio, vou fechar ali que fica maisquentinho.

A professora Lucila pergunta sobre a profissão de tropeiro.

“Com 10 anos já era madrinheiro, se tiver outro, daqui a dois anos, se tiver troperismo (se refere ao Seminário) conte comigo, se tiver meio bom, tenho alguma coisa pra dizer.”

Continua contando sobre as tropeadas.

“Levava nosso mantimento, e trazia a tropa pra Caxias, se reunia com os vizinhos, levavam queijo, cabelo de gado sedenho (cola e crina de animal), vendia bem o sedenho. Mel pra Caxias.”[...] Trazia sal, açúcar branco, só pras visitas, açúcar amarelo, todos os mantimentos, no verão. E no verão ia Serra a baixo, três forquilhas, trazia rapadura, açúcar amarelo, farinha de mandioca, polvilho, cachaça. 50 kilos, 6 arrobas por mula, 45 de cada lado, com o arame carregava 115 kilos. Fazia estoque de sal em cesto. Farinha de trigo trazia de Caxias, arroz com casca, trazia da Capela. Tinha pouso certo de tropeiro.”

No meio da entrevista ele diz “experimenta o queijo esse foi a Nena quem fez, como eu tava te falando...” (se percebe a intimidade com a entrevistadora e o entrevistado)

“Pergunta uma hora dessas pra Lilo, pra Anita como que era? Era assim desse jeito”

Estudos

“O problema maior foi o estudo, pra nós, aqui era uma época que não tinha aula, aqui não tinha grupo escolar, foi uma dificuldade, nós se criava trabalhando ajudando o pai em toda a lida e estudá também.”

“O saber não ocupa lugar, um dia você vai aproveitar”. (o pai de seu Edmundo flava e ele cita).

“[...] eu vi foi mais tarde, quando entrei na política já me fez falta o estudo quando fui vice-prefeito em exercício, que exerci muito tempo, também me fez muita falta. e eu tirei o quinto ano.”

“O primero professor, era escola particular pago pelo pai, era Valter Peixoto, bom professor, eu tinha 8 anos. Depois vieram pra perto já tinha escola municipal. Os professores era Ladislau Tietböl, irmão do Maximiliano era lá no Pascoal e Otávio

Silveira, os dois municipal. Outra era a aula no Suçuaiá, tive aula com o teu tio Edgar, era o Fundo dos Almas, antes um pouquinho.”

“O outro (professor) perto do Fortunato, ali era uma escola municipal, era bastante alunos, uma grande parte iam a cavalo era muito distante dali (onde moravam). Eu sempre fui muito curioso, e muita gente entenderam que eu era muito inteligente, temos que dar mais estudo pra ele’, eu e o Carlinhos ia mais ou menos bem de aula. Mais ou menos 1928, 15 para 16 anos, eu já estudava aqui na cidade, já no Afonso Celso, funcionou 1º no Juventude, 2º na padaria (onde é hoje a padaria) e 3º onde é o Seu Joanim. Aí vieram os Irmãos Ramos. O 3º ano era da Dona Julieta, Dona Irene era do 4º ano, Inês 5º ano, dedicadas ao ensino. Antes de eu vir pro grupo 1924/25 não me lembro se já era estadual.[...] As irmãs Ramos eram dedicadas, não é de varde que tem aquela escola com o nome delas, é muito merecido, se dedicaram. Nenhuma casou-se, moravam lá mesmo, lecionaram em dois lugares e depois foi feito este.” (Se refere a sede atual do Grupo)

O Porcínio Pinto, se dedico muito pra fazer esse prédio do Afonso Celso, era de uma casa na outra, lugar muito impróprio. Vinha professora de outro lugar, de fora do estado, lecionar aqui, era muito aluno, por exemplo 3º série tinha 2 turmas, dava 30, 35 alunos, manhã e tarde, na mesma sala, as vezes com outra professora. Osoreulina, era uma professora, Ondina Tavares, vieram de fora.

Seu Edmundo sai, diz: “só um momentinho”, abre o fogão e depois diz “podemo tocar”.

A professora Lucila pergunta: Sentiu falta, por que não continuou estudando?

Ele ri. “Os pais não tinham condições, era muito difícil naquela época, na minha idade, filho de pessoas daqui irem estudar fora. Me lembro só do Nardinho, nem me lembro se tem mais algum.”

“Naquele tempo era difícil, mais lá o que eles puderam fazer foi dar o 5º ano pra cada um de nós. Já fizeram muito. Tinha que estudar tinha que ajudar em casa, papai tinha recurso, mas muito filho”.

Fala do professor Ladislau Tiebtöl “[...] não dava aula em alemão, papai falava alemão, mas mamãe não, nos ninguém aprendeu nada.” [...] Acho que se ambientavam com os daqui, nem Becker, nem Kramer, Tietbool, não sei de ninguém que tenha aprendido.

Destaca as Irmãs Ramos na Educação, Dr. Cancelo e Dr. Nunes, como médicos “O Nunes era melhor, não era brabo, melhor o Dr. Simões.”

Política

“Em 1952 fui vereador (tomam um cafezinho), quando criaram o PTB. Vereador não ganhava nada, o PTB era visado aqui, diziam que nos era comunista. O PTB era pequeno aqui. Quando o velho Getulio criou o PTB, a família Jacoby se filiou, nos era muito Getulista, antes era PSD. Era tão pequeno que o PTB não botou candidato a prefeito era recém nascido, mas elegemos 3 vereadores.

Por que deixaram o PSD?

“Por que o Getulio que era PSD, ele criou o PTB, como nos era Getulista, achamos que devia acompanhar ele.”

“As mulheres não tinha atuação na política.”

“Em 1962 não tínhamos ganho nenhuma eleição até aqui. Perdemos 2 vezes com o Alviduino Machado. A decepção muito grande que eu tive, quando fui vereador, eu pensava que nós íamos trabalhar junto com o adversário para o bem do município, fomo eleito pra isso, mas infelizmente não é assim, Nós estava com um projeto bom, mas nós perdíamos, eles maioria não queriam deixar os outros crescer.”

“Política foi o Diabo que inventou. Quando Deus fez a religião o Diabo fez a Política,

já tinha visto falar disso?”

Teu tio Onório não era de vocês (se refere que é sabido que a família da entrevistadora não era PMDB), assim ele entrou com o projeto para uma ajuda de custo pros vereadores que vinham a cavalo de longe e tinham que pagar hotel e hospedaria e milho pro cavalo, hoje é um ramo de negócio a política. Passou o projeto, os da cidade não, mas nós do sítio retomamos a favor.

“A Nena não gostava, em 1962 eu era presidente do partido, sabe cachorro ovelheiro só que mate pra deixar de pegar ovelha, mas eu não precisei morrer, to muito decepcionado com a política de hoje.”

Nesse ano, o Odilom Guazzeli era presidente do partido, vi que a coisa tava caindo pro meu lado, eu não fui na reunião, no outro dia vieram 6 políticos aqui em cas e disseram: ‘O Dilon disse que aceita ser prefeito só se o vice seja você’, pedi 2 dias para pensar, falei com meus irmãos aí, vamos comer a carneira, eu aceitei, naquele tempo o vice tinha que fazer os votos dele, não ia no garupa do Homem. E fomos pra campanha, tive o privilégio de ser o mais votado, fui mais votado de todos até que do prefeito, fiz 220 votos a mais que o prefeito, votaram no velho Otílio e votaram em mim. A diferença foi de 60 e pouquinhos votos.

A professora Lucila comenta: O Enor (seu marido era mesário lá na goiabeira e disse: Ganhou do Ararê com mais de 600 votos de diferença.

“[...]tem uma parte do PSD que votaram no velho Otílio e votou em mim. Tive esse privilégio. O Odilom saiu mais da metade do tempo e eu assumi.”

Sofremos muito com a revolução, o Golpe Militar, nos perseguiram muito. Gente amiga, aqui, nos perseguindo, não tinham motivo perseguiam. Respondemos três inquéritos, dois do exercito e um do DOPS aqui, mas não tinha motivo.”

O senhor chegou a ser preso?

“Não por que eu não tava em Bom Jesus, tinha ido visitar os filhos. Três filhos estudaram em Hamburgo Velho, na fundação evangélica. Eu e a Nena, nós era um casal que sempre andava junto.”

Conta que quando chegou tinha um ordem de ir pra delegacia.

“É pro senhor ir já pra delegacia, antes que venham buscar o senhor. Cheguei lá a coisa mais triste. O Bêpe (italiano que era vereador do PTB atuante, não gostavam dele) e o Valdemar dos Santos Boeira, com muito prestígio, no distrito calçado numa arma.”

“Pode avisar que o vice-prefeito tá aqui, o delegado pensava que eu tava foragido, aí os dois ali preso no meio de dois praça. O Alfredo Reis tava respondendo inquérito. Ninguém me segurou. Demorou muito, não deixaram ir pra casa. Aí o Dilon mandou fazer janta.

O Delegado perguntou: Por que o senhor é PTB? Eu sou Getulista, o Getulio fundou o PTB e eu acompanhei. Mas o senhor é fazendeiro PTB não é só de trabalhador? Não, aqui tem diversos do PTB que são de tudo que é classe. Eles queriam achar um jeito de tirar nós (se refere aos adversários políticos da cidade) pra eles tomar conta da prefeitura. [...]Essa gente não se conforma, eles tavam há 30 anos no governo, olha, agora o Paim ta sofrendo, eles achavam que só eles sabiam governar. Nós com o Dilom, sofremos menina. Ficamos 5 anos. Queriam que eu fosse, agora vocês vão ter paciência, a Nena pediu, ela via o sofrimento a perseguição. Saíram dizendo que eu era governado pela esposa, não tem problema, ela é minha esposa, não tem portância é uma honra pra mim. Nós dois sabemos o que era melhor pra nós. Os companheiros ficaram muito brabos comigo. Daí ,não conseguimos achar candidato.”

Fizeram a convensão era Arena. Ganhou o Leandro “Agora vou te contar esta parte”,

aí o Nenzinho [...] ativou uma segunda legenda. O MDB tava muito desgastado, aí eu disse: eu sei o que vou fazer, vou apoiar o Nenzinho. O Leandro tem uma dividazinha comigo, na época da perseguição, ele era um, junto com o Borcinio, que chegava aqui, Vocês não tiraram os homens... era um dos que queria muito pegar a prefeitura”

“Nenzinho, eu vou te apoiar e arrumar voto por ti, nós temos que derrubar o Leandro.[...] Não ia a palanque, nem a comício, mas vou apoiar você. Uns companheiros ficaram brabos comigo, mas não tem portancia.”

“O Nenzinho ganhou, ninguém sabia que o MDB ia apoiar o Nenzinho. O velho teu sogro dizia: se essa PTBzada votar no Nenzinho eles vão ganhar a eleição.

Era voto a cabresto, tinha um líder eles acompanharam, os filhos votaram com os pais.[...] Esses Grazziotin, diziam: nos votamos pro Ararê e nossas mulheres votaram pra você.

“Eu não comprei voto, comprei campo, nunca precisei comprar voto. Hoje é uma pouca vergonha.”

“O Nenzinho foi um dos melhores prefeitos. A educação foi ele que fez, esse sistema de trazer alunos pra aula mais competente.A primeira ponte de material foi ele que fez.”

Religião

Com relação a Igreja Católica, relata

“[...] os católicos faziam festa, os fazendeiros fortes eram festeiros. Tinha a parte dos brancos e dos pretos. O baile da festa era só dos brancos. Os pretos não iam às festas dos brancos. Mas os brancos iam às festas dos pretos.”

Os bailes separavam de acordo, dependendo do local. No diário, era festa de São Sebastião, de dia dançava os brancos e de noite os pretos. No Chico Manco é São Sebastião Também. Tinha muitas festas católicas no interior, com baile, levava até dois dias de festa.[...]A comunidade Luterana era muito pequena, não era organizada então nós íamos a tudo que era festa.”

Com relação a Igreja Luterana conta:

“Meu avô era Luterano, quando veio de Três Forquilhas, aqui não tinha nada, o pastor vinha de Três Forquilhas de tempos em tempos. E ia os filhos dele pra lá se confirmar. Lá tinha professor bom. De vez em quando vinha pastor pra casar, pra confirmar os filhos dele.”

“Em 1975 é que foi construída a comunidade Luterana. No começo os pastores não falavam português só alemão. Quando eu fui batizado já falava português. A comunidade sempre foi crescendo devagar. Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Agora tem muito brasileiro, preto, esses pardos encheram a igreja, confirmou muita gente. Antigamente o pastor vinha ficavam 15 dias dando instrução e confirmação.”

Curiosidades

A família do se Edmundo veio para Bom Jesus, de Três Forquilhas, o bisavô veio da Alemanha. Vieram com a 1º imigração alemã, épocas do D. Pedro II, chegaram em São Leopoldo. Os bisavós foram fixados em Três Forquilhas, trabalhavam fazendo rapadura, cachaça, polvilho. “[...] quando viram que não dava, que a colônia era fraca, pegaram o dinheiro e vieram para cá se dedicar pra pecuária, contado pelos meus pais, pra mudar de profissão, lá não havia estrada, não dava.”

Com relação aos seus avós quando vieram para Bom Jesus conta:

“Se alguém do meio da gente já não disseram, eu vou te dizer como que aconteceu. Não iam pra frente, Lagoa Vermelha, Vacaria, ficar aqui, mas aí adoeceu perto do Chico Manco, naquela região de vocês, ali perto do Chico Manco_e seu João Alves ofereceu o terreno”.

“Comprou uma fazenda grande eles vieram de lá, com um dinheirinho bom de lá 1902 quando vieram de Três Forquilhas pra cá.”

Se um dia eu achar aquele formal, acho que tá no meu arquivo”. (se refere a um documento de partilha que vai dar pra o Arquivo.

Relata um costume da região o Pichuru.

“Pichuru de foice, roçado o dia todo, no rincão dos tordilhos. No Estacilho Valim, pichuru de enxada, carpia junto com as moças, faziam roça num dia e dançava a noite toda. A dança tava incluída no pichuru. No Rincão dos Tordilhos tinha bastante moça.”

Observação

São quase cinco horas de gravações, ele é super disposto, lúcido, entusiasmado. Voz forte é contagiante ouvir suas gravações. Eu não o conheço, mas ao ouvi-lo senti vontade de conhecê-lo.

Gênero

Com relação ao casamento:

“Os alemão não usavam o sobrenome da mãe, os Italianos também não faziam assim?”.

Fala dos sogros:

“A parte que eu sei, eu convivi com eles, eu casei com a condição de morar com eles, a Nena era filha mais nova, e ela precisava ficar em casa, ajudando a mãe. Eu herdei 12 milhão de campo e fiquei com 37, tripliquei.

Deu de criar os filhos, faculdade praqueles que quiseram estudar. Mas devo muito a esposa é a chave da casa, como a mamãe já dizia a chave da casa é a esposa.”

“Se a esposa é trabalhadeira, ajudava em tudo a casa anda [...] se o marido trabalha de um lado, a esposa esbanja de outro, não vai pra frente. A Nena era trabalhadeira, igual a mãe, dava conta de tudo.”

A professora Lucila pergunta:Relacionamento de marido e mulher, da família alemã, quem mandava.?

“A parte dela era com ela, atender em casa, fazer compra, se não tava em casa ela ia buscar. Dava conta de tudo em casa.O homem dava tudo em casa, não deixava faltar nada.”

O casal tem que ser[...] tem que mandar igual ao marido, ela não é escrava né? Se ela dizia quero ir em tal lugar, eu não podia, ela ia prontamente, tu sabe o relacionamento do casal,[...] tem que ser certo, não funciona se começassem a se implicar por causa que ela compro ou porque não comprou isso, se comprou era por que precisava, ela comprava tudo, roupa pra mim, só terno que não, terno eu mandava fazer no alfaiate.

“Em negócio, (se refere a adquirir campo e para isso ficar devendo), eu contrariei um pouco, essa parte de comprar e ficar devendo, pagando juro, eu ficava devendo, pagava juro, eu ficava devendo, comprei campo e fiquei devendo quase tudo. Eu comprei em 46, não havia dinheiro, época ruim. O Dutra tirou dinheiro de circulação, mas eu tinha credito, a mulher não gostava que devesse, mas não me arrependo. Dava de comprar, o juro era barato 11% ao ano.”

“Comprava fiado no Guerino, vendia a prazo, quando eu não estava ela se abastecia ali no Guerino. Tinha liberdade de usar o dinheiro como ela queria. Era uma parceira, ela fazia as coisas dela. Ela fazia as compras dela do que queria, como queria, Temos duas casas montadas, com tudo, eu dizia pra ela como ficou boa nossa vida na velhice numa daquela... a maior tristeza que eu já passei na minha vida, perdi pai, perdi mãe, sogro, sogra, uma filha que tu sabe com 36 anos, eu achava que era a maior tristeza que eu podia passar, mas perder a companheira é

*pior, nunca se esqueça disso, é um pro outro, olha que os dois juntos é uma coisa.”
(Se sente na voz a emoção)*

“Quando eu tropeava a Nena ficava chorando, era muito nervosa [...] ela não ficava sozinha éramos muita gente, criei filho alheio e muita filha alheia. Criei o Sidoca com 7 anos se confirmou no luterano.”

Com relação aos namoros relembra:

“[...]Jera muito de respeito, era difícil andar sozinho, quando era mão dada já tinha compromisso pro casamento. Alguns pais nem deixavam a moça enfestar.”

“Enfestar é ficar com a moça conversando entre uma música e outra, tinha pai que não deixava.”

“Tinha alguma que dava pena, ficavam fazendo crochê, não eram dançadeira, outras mais sem sorte pra namorar, alguma meio feia, tinha moça do cômodo bom, eram dançadeira uma barbaridade.”

13 - Emília da Fonseca Bosler Kuse**Nascimento:** 06/01/1909 na fazenda das Almas no 2º distrito de Bom Jesus.**Entrevista:** 13/09/1993**Idade:** 85 anos**Família:****Pai:** Emílio Boschi (era de São Francisco de Paula)**Mãe:** Maria Paz da Fonseca Bosler (nascida em Bom Jesus)**Avô paterno:** João Bosler (era alemão)**Avó Paterna:** Maria Marculina de Albuquerque (era de São Francisco de Paula)**Avô materno:** Amâncio Ivo da Fonseca**Avó materna:** Maria Jacinta do Espírito Santo**Marido:** João Kuse: (filho de alemães)**Trabalho**

“Na fazenda, eu tirava leite e fazia queijo e fazia os serviços domésticos, lidava também na lavoura.

Costumavam, jantar as 06:00 para ir dormir cedo pois começavam o trabalho na fazenda as 05:00”

Estudos

Falou dos estudos de seus filhos

“Aprenderam a escrever com sabugos, faziam as letras com sabugo, a primeira aula foi em roda do fogo, os pais e os tios que ensinavam os filhos, o tio mais velho era responsável por cuidar de todas as crianças.”

“Aprendiam com o tio o alfabeto fazendo todo o alfabeto com sabugo de milho.”

“Não tinha colégio, meu marido ‘justava’ um professor em casa e juntava os vizinhos para dividir as despesas.[...]O primeiro professor contratado na fazenda das Almas, para ensinar meus filhos, foi seu Alfeu ele era do 8º distrito , além de professor era também artesão de chifre.”

“O professor morava na fazenda, ganhava casa e comida e cada vizinho pagava para seu filho.[...]Pra fazer o admisão nós justava um professor mais sabido”.

POLÍTICA**RELIGIÃO****Curiosidades**

Casou em 1927, só no civil, não tinha padre pra fazer o casamento, casou no religioso muitos anos depois quando faleceu o sogro.

“O escrivão era seu José Lemos que comprou o cartório do seu Nô, eu tinha 18 anos, mas ele colocou na certidão que eu tinha 16, por que uma irmã minha tinha casado com 14 e ficava muito velha com 18, então colocou que tinha 16.”

Observação:

14-Ernesta Maria Mazzarolo**Nascimento:** 1/02/1915- Veranópolis**Entrevista:** 05/11/1994**Idade:** 79 anos**Família****Pai:** Antônio Mazzaolo – nasceu em Treviso na Itália, veio para o Brasil com 8 anos.**Mãe:** Carmelina Piazzente Mazzarolo- – nasceu em Treviso na Itália, veio para o Brasil com 5 anos.**Trabalho**

Veio para bom Jesus em 1950 a convite do Padre Ângelo - frei Capuchinho vigário da paróquia Nosso Senhor Bom Jesus – para trabalhar na casa paroquial como doméstica, segundo ela. Trabalhou até 1981, quando se aposentou, no entanto permanece até hoje envolvida com assuntos e obras assistenciais da paróquia. Dona Ernesta, além do seu trabalho como doméstica durante todo o tempo que o exerceu, também desempenhou diferentes funções junto a comunidade, sempre vinculadas a Igreja, tais como: responsável pela Pastoral da Saúde, ministra da eucaristia, trabalho assistencial com pessoas carentes como coordenadora e instrutora de um grupo que ensinava ofícios e trabalhos manuais gratuitamente à pessoas da comunidade, em especial à carentes. *“meu trabalho sempre foi gratuito, quando trabalhava com os Capuchinhos tinha um ordenadinho, quando saí de lá, me aposentei”*. Até o momento da entrevista continua trabalhando como voluntária junto a Igreja.

Estudos

Dona Ernesta relata diferentes aspectos relativos a Escola Paroquial Frei Geraldo, práticas e fazeres vinculados a essa instituição.

Foi fundada a escola paroquial Frei Geraldo (ela não lembra o ano), inicialmente funcionou no porão, atendia crianças carentes, ela lembra que tinha uniforme o primeiro uniforme era *“listadinho de azul e branco, depois eram guarda-após cinzas abotoado na frente com bolso do lado,[...] iguais para meninas e meninos das meninas mais comprido. [...] as irmãs vinham lecionar na paroquial, quando fechou, os alunos mais pobrezinhos foram para as irmãs (se refere ao colégio das irmãs).[...] ganhavam caderno, livros, tudo de graça e merenda também era de graça, as pessoas davam, não sei como padre conseguiu.”*

A escola de trabalhos manuais foi uma continuidade da escola paroquial, pois essa se chamava “Escola Paroquial e Educativa Frei Geraldo” a irmã Branca era diretora da escola e Dona Doca Gay ajudava muito a irmã. Não tinham quase verba para manter a escola de artesanato para pessoas carentes, quem ajudou muito, segundo ela, foi o frei Getúlio *“tinha muito conhecimento, era da ordem dos Franciscanos seculares,[...] aí o padre fez convenio com uma entidade e mandavam uma verbazinha para os pobres”*. *“Depois a escola foi tirada, porque não tinha espaço pro recreio sei lá e aí ficou só a parte de trabalhos manuais, e continuou ainda o convênio por uns tempos e aquelas que podiam traziam alguma coisa, depois elas iam levar pra casa mesmo”*.a entrevistadora pede para dona Ernesta falar do frei Getúlio. *“Me representa que era diferente das outras pessoas , tinha um coração que não guardava mágoa, era alegre, expansivo, gostava de cantar, ir a festas nos clubes. Os padres criticava ‘por que você vai lá?’ ele dizia: ‘enquanto eu for lá todo mundo se comporta bem, eu não digo nada, só minha presença chega’ . Não tinha maldade, falava com as criança com os velhos. Eu digo uma coisa ‘era mais fora do comum...’ com a amizade dele qualquer coisa ele resolvia, com o governo, com*

qualquer um. Não tinha cansaço, passava a noite acordado, dava um cochilão na cadeira e depois voltava trabalhar. Quando tinha o Ginásio trabalhei muito no ginásio. Eu chegava e dizia 'o senhor não vai dormir?' ele dizia: 'hoje não deu'. Trabalhava, trabalhava na secretaria.

Quando começaram a construir o ginásio os professores (padres) ficavam na paróquia. Quando o Ginásio ficou pronto quem tinha de fazer comida? Cozinhas? Arrumava? Como? Os professores se transferiram lá pro ginásio e na paróquia ficou só o vigário e o coadjutor. Aí os dois iam para lá para baixo eu fiquei seis meses lá. Com relação ao trabalho com a paróquia.

D. Ernesta formou uma equipe de voluntárias que trabalhavam com pessoas carentes, ensinando diferentes tipos de trabalhos, ensinavam a cozinhar, boas maneiras, tricô, crochê, corte de costura, fazer flores em tecido e palha. As professoras eram:

Terezinha Bandeira e Ana Lima: pintura

Nair Boff e Helena De Bonn: crochê

Onira e Nelda: corte de costura

Irmã Ilda: culinária

Terezinha Bandeira: orientação para mães, boa educação:

A prefeitura cedia, a Dona Nilda para lecionar corte de costura, ela recebia da prefeitura, era funcionária, as alunas não pagavam nada e aceitavam todas que quisessem freqüentar.

"Muitas dessas meninas que saíam da costura, iam pra Caxias se empregar nas fábricas. Deu muito resultado, muitas se defenderam quando iam estudar fora, o pai não dava dinheiro e elas faziam almofadas, bordados".

A Dona Ernesta fala das Irmãs Ramos.

"O que elas fez, essas criaturas aqui em Bom Jesus, eu conheci bem[...]a D. Irene foi minha zeladora de apostolado [...] quem cuidava do altar eram elas, as três, mais a D. Irene e Inês, a D. Julieta era meio dormentinha, quem metia a mão eram elas mesmas".

Política

Religião

D. Ernesta fala sobre como era a religião "os padres andavam só a cavalo o padre Dionísio que comprou um jipe velho, mas não sabia dirigir, aí ficou empreitado para dirigir o tal de jipe o Grazziotin eu acho . (Dionísio era o padre)

Os padre tinha um cavalo muito bons, uma vez o rio não dava passo, e aí mandaram o Luiz (que era sacristão) 'se ele conseguir passar nós também cassamos' .

Na paróquia tinha três cavalos, uma era do sacristão, porque eles (os padres com a ajuda do sacristão) tinham que levar tudo, porque rezavam missa nas famílias, não tinha quase capela, acho que tinha a capela do Lajeado, quando iam, ficavam até um mês pra fora. Quando iam rezar missa nos Ausentes aqui na costa... Porque até chegar... aí tinham que levar vestimenta, tudo para a missa e levavam santinho rosário e tudo o que as pessoas desejavam, porque quando é que iam de novo? Saía 28, 30, 35 Dias o cristãos e o padre, uma vez cada um se trocavam quando um ia para a Costa, Ausentes, o outro ia pro Governador, pra casa Branca, quando um chegava o outro já tava se aprontando para sair (se refere aos padres). O Abdom cuidava dos cavalos, da comida, dos animais. Era uma vida sacrificada. Onde tem o salão agora, era as cocheras, (dão uma gargalhada) era sempre dois, nunca tinha dois padre juntos .

A professora Lucila pergunta que ano era.

"Era mais ou menos 1954. Quando saíam, levavam capa, levavam tudo, era inverno

e o frio... uma vez eu pensava que o padre morresse de tanto que era frio que ia pegar, vieram chamar ele para um doente, lá pro lado da Várzea 5º distrito. Naquela época era jejum da meia-noite e até a hora da comunhão mas era frio, frio, era frio do inverno, aí o falecido o Hugo De Boni foi até onde podia andar com o carro, tinha carro de praça, aí os familiares foram buscar o padre chegaram era quase meia-noite e não podia comer nada, depois e ele tinha que rezar a missa, chegou de madrugada amarelo de frio, encarangado, e não pode comer nada, porque tinha que rezar a missa.

Quando conto essa história até parece história, mais eu fui testemunha dessas coisas. O que passavam de trabalho e essa gente, os padres naquela época, com tosse, com gripe. Depois do concílio Vaticano 2º, ficou melhor, agora tem mais facilidade para fazer o bem. O padre Ângelo passou muito trabalho. Andavam a cavalo de batina uma mais remendada do batente. Com o padre, para atender os doentes, não tinha tropeço ele ia e pronto.

Com relação à Escola Paroquial a professora Lucila pergunta se ensinavam religião e se cuidavam da questão moral.

“Sempre entrava um pouco de religião, oração, principalmente boas maneiras era ‘o que não quer que faça pra ti não faça pros outros’[...] quando se ensina boas maneiras se ensina religião [...] não se fazia distinção de preto, branco, pobre ou mais rico, eu gostava de misturar pra que essas meninas não tivessem esse complexo, por que é pobre, é uma maneira de viver melhor a religião”.

Quando ela foi trabalhar na canônica moravam o Padre Ângelo, seu Abdom que era um leigo e o quadjuntor que se chamava Felipe de Maurício Cardoso, depois na seqüência os vigários capuchinhos foram: P. Dionísio (Antônio Prado), P. Juvenal (Guaporé), P. Vitório (Vilas Boas), P. Amadeu, P. Valério, Frei Alcides (São Bernardo), Frei Nadir (Sananduva). Em 1981 mudaram os Vigários da ordem dos capuchinhos para os diocesanos, que estão até agora.

Curiosidades

Dona Ernesta relata alguns aspectos da vida do frei Getúlio, entre eles a entrevistadora pede pra ela falar da sua morte *“[...]quando ele morreu é muito triste falar disso, ele tinha combinado que ia subir para rezar a missa e não vinha não vinham o padre Valério veio rezar a missa. Deu uma ventania, ficamos no escuro, um chorava num canto, outro no outro. O povo sentiu muito, foi o enterro de mais gente que eu já vi, tinha muita gente, era uma tristeza terrível.”*

“O Getúlio era uma criança velha, brincava com os guri na rua, era um troço fora do comum. O Damião era mais reservado eles dois se combinavam entre eles dois, eram íntimo entre eles.”

A entrevistadora pede para falar do padre Damião

D. Ernesta diz *“O Damião era expansivo, professor de português, era bravo, tinha um gênio... muito trabalhador, não era muito da sociedade, como era o Getúlio e dizia para o Getúlio ‘como você suporta isso’?”*

As instrutoras da escola paroquial faziam cursos na Fundação Gaúcha do Trabalho, para diversificar e aprender outros cursos. *“A gente ia fazer curso na Fundação Gaúcha do Trabalho, eles mandavam instrutor pra cá, foi um sacrifício, mas Deus recompensa”.*

Observações

A Dona Ernesta ficou solteira, a Dona Lucila pergunta se ela nunca quis casar, *“ri, nem vou contar (pode contar), não, nem vou contar”.*

Memória

“Quando conto essa história, parece história, mas eu fui testemunha disso”.

“Parece que a gente vive uma era diferente, era uma outra coisa o que existia lá [...] daquela época e agora, tem uma diferença, em pouco tempo, 30, 40 anos, nossa! Não existia nem rádio”.

Dona Ernesta tem forte sotaque italiano, típico de pessoas originárias da serra, de cidades como Caxias, Bento, Veranópolis e região.

Ilma Jacoby De Boni:
Nascimento; 28/08/1930
Entrevista: 1994
Idade: 64 anos

Família

De origem alemã, os bisavós vieram da Alemanha e se estabeleceram em Três Forquilhas, os avós nasceram no Brasil.

Pai: Deolnodo Jacoby

Mãe: Adolfinia Grosman Jacoby

Avô paterno: João Pedro Jacoby

Avó paterna: Maria Henriqueta Voges Jacoby
 sete irmãos.

Trabalho

Professora iniciou sua carreira em 1954 no atual município de São José dos Ausentes, antigamente distrito de Bom Jesus. A professora Ilma conta que, uma vez formada fez concurso, na época era concurso de títulos, valiam as notas do ginásio e do normal. Segundo ela, obteve uma classificação muito boa dentro da região e teria direito a ficar na cidade, especificamente no “Conde” (Grupo Escolar Conde de Alfonso Celso) única escola estadual da época, no entanto por questões políticas lhe foi dito que não haviam vagas nessa escola. Outras duas localidades eram suas opções, a “Boca da Serra” e “São José dos Ausentes”.

“[...] fui nomeada para São José dos Ausentes, local mais distante de difícil acesso. Me mudei com meu pai para São José em 26 de abril de 1954, assumi uma primeira série com 56 alunos de 6 a 16 anos, uns liam e não escreviam, outros, escreviam mas não liam, outros só faziam contas, é que eles iam até outubro, porque depois era época de plantação, de trabalhar com o gado, mas acho que fiz um bom trabalho”.

Na escola trabalhavam além da professora Ilma, mais duas professoras, Maria De Boni e Maria Ilza .

Em setembro, do ano em que foi nomeada, a professora Maria de Boni saiu para ganhar nenê e em outubro saiu professora Maria Ilza. Ela, então, ficou sozinha com as turmas de 1ª a 5ª séries, tendo um total de 106 alunos. Era professora e diretora, em outubro veio ajudá-la a professora Iradi Kramer Luz.. *“A secretaria de educação na época não permitiu que “desdobrasse” os turnos, ou seja: dividir as turmas entre manhã e tarde, assim trabalhava das 8h às 10h, primeira e quinta séries, das 10h às 12h, segunda, terceira e quarta séries.”*

“Em 1955 me prometeram transferência, meu pai não se deu lá, era muito frio, aí voltamos. Chegou março e nada. Aí por questões políticas, disseram que não haviam vagas novamente, se contasse Lucila, não acreditaria. Meu pai era PSD, muito definido, fiel, mas não era dado a manifestações. Mas eu tinha uma amiga que me mostrou. (se refere ao documento que indeferia sua transferência para a sede do município) Voltei pra lá de novo (fala de São José dos Ausentes), aí fui morar com a Maria do Nelson (esse casal são concunhados respectivamente da professora Lucila), o Gabriel era pequeno, eu ajudava a cuidar dele. Em setembro a Maria se transferiu, a Ilza ganhou nenê e meu pai ficou doente, fiquei lá sozinha de novo [...] em 1956 continuei em São José. Mas aí o Ginásio tinha passado pro prédio novo. A prefeitura dava uma professora, o município outra e o colégio pagava outra, assim o frei Amadeu solicitou minha cedência, foi como eu vim, cedida, em 17 de abril de 1956. Aí peguei uma turma do admissão, eu tinha

experiência, dava muita aula pro admissão em casa e os alunos se davam bem, acho que os alunos é que eram bons e creditavam a professora[...] sim eu vim para o Ginásio Nossa Senhora Das Graças, que era particular, mas cedida pelo estado[...] fazia parte da secretaria, direção do primário e a admissão. Fui a primeira professora estadual a trabalhar no ginásio. As turmas eram muito grandes , no primeiro ano eram 38 alunos só do admissão [...] os dois primeiros anos era só admissão, eram crianças que não tinham passado no admissão, depois ficou regular ”

“No Nossa Senhora das Graças, os meninos faziam o primário. As meninas estudavam o primário nas “irmãs”, (Colégio Nossa Senhora de Fátima), o ginásio era misto.”

Ela conta que algumas poucas meninas fizeram o primário no Nossa Senhora das Graças “[...] eu tive algumas meninas, que os pais quiseram e pediram uma exceção para escola, eu lembro da Elena Suzin, da Salete filha da dona Benta Aguiar e da Dagmar Suzim[...] era uma em cada ano.”

“Cheguei a ter até 52 alunos no admissão, dois sentavam na mesa comigo, não tinha lugar na sala[...] não se reclamava Lucila. (se refere a número elevado de alunos) Os alunos de todas as escolas vinham fazer no ginásio(fala do exame de admissão), faziam as inscrições e apresentava um atestado de conclusão de 5º série, alguns da 4º podiam fazer também, desde que com atestado de dois professores que os julgassem apto.[...] Quando terminou o admissão não tinha mais razão de ser, de estar ali, daí iniciei no Grupo e fiquei ali, como contratada, professora particular pelos padres, dava matemática e economia doméstica [...] quando precisavam, eu nunca disse não, sempre servi quando fui solicitada”.

“Cheguei no conde e peguei um primeiro ano de que ninguém queria, iam fazer um sorteio. Eu disse: pode me dar, me chamaram de louca, diziam bem se vê que você não tem experiência, foi antiga turma que viria a ser a turma especial, em maio eu tinha um Gurizinho alfabetizado daquela série. Mas eu consegui formar hábitos com as crianças, eu cantava, a dramatizava[...] eu sempre tive um hábito quando professora de crianças e adolescentes, eu nunca mandava a criança fazer alguma coisa, sempre convidava.”

“Quando, eu estava com aquela turma, veio para mim uma bolsa de estudos para a classe especial em função de um trabalho que eu tinha feito em Vacaria, ainda na escola normal, que uma professora tina me inscrito, eu não podia ir, como a que eu ia? Deixar o país sozinho? Aí foi a Carmem Dora. (Carmem Dora foi professora de classe especial até se aposentar, seu nome ficou conhecido na comunidade como referência no trabalho com classe especial).

“Fui cedida 1964 para Escola Paroquial no final do ano tive quase 100% de aprovação”.

(fala das crianças com carinho, falando no diminutivo, lembra detalhes de nomes de algumas crianças, cita o valor que as crianças obtiveram nos testes, imagino que seja teste ABC fala dos graus 12,10, que são notas obtidas pelas crianças. Conta que teve concurso de “reentrância”, assim deveria ficar seis meses na escola onde era lotada)

“[...]Nesse tempo voltei para o Grupo e continuei dando matemática no ginásio, que era particular. Em 1970 fui intimada, convocada a assumir a direção do grupo escolar chorei muito, fiz coisas ridículas para não aceitar a direção da escola mas não teve jeito, eles impuseram Lucila”.

“A direção é muito desgastante se eu tivesse sala de aula não teria pedido aposentadoria, a direção desgasta a pessoa, a imagem, não era o que eu gostava, tínhamos que fazer promoções para comprar giz, papel, tudo, às vezes eu pagava

as coisas e depois em maio fazíamos a primeira promoção eu era ressarcida , há, ainda além da direção, dava matemática pro segundo e terceiro ano da escola normal com as mesmas horas, saía do grupo ia pro ginásio.”

A professora Ilma fala da Escola Paroquial do Frei Getúlio e das Irmãs Ramos:

Escola Paroquial:

lembra do surgimento da a escola espírita e da escola paroquial

“[...]surgiu justamente para desviar a clientela do centro espírita”. Segundo ela chegou uma freira na cidade, madre Branca, que praticamente fundou a Escola Paroquial.

“[...] as professoras inicialmente foram Linda Braguini, Eulália e Nenzinha eram fornecidas pela prefeitura, e até então lecionavam na escola do centro espírita, por ocasião do surgimento da Paroquial, foram transferidas para lá. Essas professoras eram pagas pelo município e cedidas à essas entidades. “

Lembra de outras professoras que lecionaram na Paroquial: Eni, Elaine Rigon, Zaira, Terezinha Belan, Judite, Iracema, além dela.

Relata que na Escola forneciam merenda, quando a professora Lucila pergunta como a escola se mantinha ela relata que a Irmã Branca ganhava muita coisa das firmas, pois era muito conhecida.

“[...]conhecia gente rica recebia ainda donativos da Caritas, vinha muita coisa dos EUA, [...] umas farinhas que eu nunca vi, era a cozinha mais bem equipada que eu já vi. O padre Geraldo equipou”.

Fala também de algumas entidades como Rotary e o Lions que ajudavam manter a escola.

Descreve o uniforme, que era cinza com gravata vermelha. *“[...] seu Abdon quis dar as gravatinhas vermelhas, ele era muito libertador”.*

Comenta então que a escola paroquial era mantida pela paróquia e pela comunidade, que o nível de ensino era muito bom, um problema era a falta de pátio para recreação, sendo esse um dos motivos de sua extinção.

Frei Getúlio;

A professora Lucila pede que ela fale do frei Getúlio.

“Era dinâmico, lutador, fazia de tudo para conseguir o que queri,a tinha muita fibra. Valorizava os professores dele, tinha muito conhecimento e também tinha franqueza de perguntar o que não sabia. Tinha uma personalidade marcante [...] algumas pessoas não aceitavam bem a idéia de um religioso freqüentar os ambientes sociais (os quais ele freqüentava), mas a maioria tinha muito carinho e respeito”.

A professora Ilma também lembra do Frei Amadeu.

“[...] era muito enérgico. O que ele pensava era aquilo. Tinha a sua opinião era o que valia. Tinha senso de administração... Padre Getulio não tinha administração, era mais professor mesmo.”¹

Irmãs Ramos:

Segundo ouviu dizer , foram nomeadas para cá e que por um tempo tentaram conseguir transferência, porém isso nunca ocorreu e elas resolveram se erradicar em Bom Jesus.

“[...] fizeram um trabalho edificante, não era só ler e escrever, era a pintura, o desenho, , o teatro, valores humanos. No aspecto religioso elas arrumavam a igreja, preparavam o coral, preparavam para a primeira comunhão, eram a alma.”

¹ Essa frase foi retirada da entrevista do senhor Alcides De Boni, a professora Ilma é esposa dele e durante a entrevista com seu Alcides fez algumas participações.

Estudos

A professora Ilma conta que foi alfabetizada pela mãe, pois morava no interior.

"[...] minha mãe era muito culta pra época, a primeira frase em francês quem me ensinou foi ela, uma citação bíblica 'o homem não vive só de pão[...] toda palavra que sai da boca de deus'."

Depois de um tempo veio do interior e foi estudar no grupo chamava-se Grupo Escolar Bom Jesus, lembra o nome de algumas professoras que lecionavam no grupo na sua época citando: Ione Santos, Dejáir Santos, Delma Scott, Alba zambelli, Eni Varela, Irmãs Ramos, Lissa Ramos, Ilda Torres, Emérita Santos.

fala que muitas delas vinham de Vacaria. *"[...] tinha inclusive uma de Bagé que veio lecionar em bom Jesus."*

Concluiu a 4ª série e foi fazer o admissão em vacaria nessa época a o curso complementar estava sendo extint,o era o último ano. Assim após o admissão ela entraria no primeiro o do ginásio. A preparação e a prova de admissão era feita no colégio São Francisco em Vacaria e o ginásio propriamente dito era no São José.

A professora Lucila perguntou o que era o complementar, ela explica que depois do primário fazia-se mais três anos o que correspondia ao curso Complementar e aí habilitava se a ser professor.

passou no admissão e foi fazer o ginásio, interna no São José em Vacaria.

"[...] eu enfrentei muita dificuldade para poder estudar, e interna, com pouco dinheiro, naquela época internato era para filho de fazendeiro e não para quem tinha poucas posses, mas sempre foi muito bem recebida, nunca foi discriminada. Eu era muito estudiosa, talvez não falte com a modéstia mas eu acho que também era vantagem ser minha amiga mas enfim nunca foi discriminada"

na seqüência ela relata que sempre teve vontade de ir para o convento, assim, com a morte da mãe e por estar muito perdida, resolveu concretizar a idéia e foi para o convento em Garibaldi, essa época ainda não havia concluído o Ginásio, como nessa instituição não havia 4º série ela não pode continuar os estudos regulares, no entanto, relata que estudava piano e estudava Ensino Religioso e francês que foi muito produtivo. Também lecionava para as outras noviças o correspondente a segunda e terceira série. Quando estava para receber o hábito adoeceu, em função de sua condição de saúde, teve que largar o convento e voltar para casa, era então mês de outubro.

Em função da sua condição de saúde, ficou este ano e o ano seguinte sem estudar, após esse período concluiu a 4ª série do ginásio em Vacaria.

"[...]nessa época teria que fazer vestibular para cursar a escola normal, mas meu pai não tinha condições financeiras aí as freiras não cobraram a inscrição fiz o vestibular e passei."

"Sempre quis ser professora, com mais a menos sete anos e eu já brincava de ser professor e já sabia que queria ser, quando brincava com as meninas e eu era menor eu sempre era professora"

Relata que mesmo tendo passado, não podia freqüentar e nas férias quando foi para casa não voltou para estudar.

"[...] eu fiquei com uma vontade enorme de voltar, mas eu sabia que não tinha condições de voltar, meu pai não podia pagar. E também tinha problemas porque meus irmãos também não tinham estudado. Elas fizeram condições muito boas. Já no ginásio elas faziam um abatimento grande. Aí já era mês de abril, as outras colegas vieram para a páscoa e aí elas mandaram uma cartilha para meu pai, que me mandasse para o colégio e não se preocupasse com a parte financeira que eu pagaria depois com meu salário, não ia gastar com nada, nem livros, nem nada. Elas

achavam assim que eram uma vocação que estava se perdendo, eu gostava mesmo, bom mas aí morávamos só eu e ele, (o pai) mas ele quis que eu fosse. A roupa eu comprava com meu salário Lucila, de professora particular, mas eu tava com um mês de atraso, mas recuperei.”

“[...]já no segundo ano do magistério eu comecei a lecionar na própria escola, dava matemática para os finais, tinha uma turma minha. [...] trabalhava, lecionava no mesmo turno, aí elas fizeram assim, que eu perdesse a aula nas horas de Pedagogia que era mais fácil, aí em vez de receber eu já ia descontando a mensalidade,[...] assim eu consegui fazer o normal”.

Política

Religião

Curiosidades

Alguns aspectos interessantes da época em que ela e iniciou seu trabalho como professor, conta que as provas vinham prontas da secretaria de educação na época Caxias do Sul, as provas eram lacradas e as professoras que tinha que buscá-las . No seu caso, que lecionava em São José dos ausentes, era sempre ela que ia buscar, por ser solteira, vinha entregar as provas e receber o salário pelas colegas. Diz que o transporte era muito ruim, havia somente um ônibus por dia quando não estava quebrado e mesmo assim não recebia o difícil acesso.

“[...] as provas serão aplicadas em dias pré-estabelecidos anteriormente, duas professoras aplicavam as provas em cada turno. Liam as instruções após o término recolhia colocava no envelope lacrado, depois de todas as provas aplicadas era feita a correção as provas eram corrigidas pela colega, nunca pela professora da turma. Havia uma chave de correção também vinda da secretaria de educação.[...]já depois de uns dias vinha para a escola, que era uma planilha que vinha considerando cada item e o que poderia ser considerado correto, diferente da chave de correção. Eu lembro, por exemplo, duma situação, as crianças daqui, são diferente das crianças de Porto Alegre né? Eu lembro que numa ocasião tinham um edifício na prova e as crianças acharam que era uma caixa de fósforo, nunca tinham visto o edifício aqui em São José” *“[...] eram muito bem feitas as provas, só passava quem sabia, e nós sabíamos que tínhamos que dar todo o programa e que alguma coisa daquilo vinha na prova. Tinha o lado positivo, se fosse feito em termos de delegacia, seria muito positivo até hoje, porque abrange os mesmos hábitos de uma região aqui não é tão diferente de Vacaria, Vacaria não é tão diferente de Esmeralda.*

“[...] aprovava por disciplina, lembro que na primeira série, estudos sociais não reprovava,, e a leitura pezava muit,o era feito um teste de leitura se não tivesse 50% na leitura, já não entrava na prova escrita. [...] o ano letivo encerrava até primeiro ou dois de dezembro, nessa época tinha que estar tudo pronto, prova tudo, aí vinha na escola fechava tud,o e aí as provas. E eu de novo com as planilhas, tudo para a delegacia de ensino. Acho que se houvesse desconfiança elas revisavam as provas, não eram a lápis, era ainda pena molhada então na 3ª série composição já era com caneta. Aí ficávamos no máximo dois mediadores.”

Observações

Durante a escuta da entrevista percebe-se que a professora e uma pessoa muito calma, fala pausadamente, de forma correta. O relato, ao contrário de outras gravações não é interrompido com frequência pela professora Lucila, Essa raramente intervém com perguntas. A professora Ilma vai contando de forma gradual e pausada, toda sua experiência como aluna e professora.

Fala do professor de Telatim e diz que sua esposa era alemã, dizendo que esposa do professor da Telatim ia conversar com sua mãe em alemão.

17- Jane Toigo¹ (Irmã)

Data de nascimento: 04/02/1922 – nasceu na Itália, em Deluno, veio para o Brasil em abril de 1922 com 11 meses de idade. Seu nome de batismo era Dina Toigo.

Data da entrevista: 27/08/1993.

Idade: 70 anos.

Família

Pai: Giovane Luigi Toigo

Mãe: Ângela Genoveva Nicoletto Toigo.

Ambos trocaram de nome na época em que foi proibido o idioma italiano no Brasil ficando conhecidos como João e Joana Toigo.

Irmão: Frei Getúlio Toigo (Romano Lino Toigo)

Data de nascimento: 1926 – Vacaria

Falecido: 15/12/1968

Ordenação: 1950 quando foi nomeado para Bom Jesus.

TRABALHO

Trabalho do seu irmão

“Religioso, professor de Letras Clássicas dominava latin, francês, grego e Italiano (dialeto Vêneto).”

Estudos

“Frei Getúlio, estudou no colégio São José, devido a sua dedicação foi ‘pego’ de coroinha, pelo Frei Daniel, com isso sempre que surgia oportunidade viajava com os freis para fazer visitas no interior do município, com o convívio ‘surgiu a vocação’, freqüentou o juvenato dos capuchinhos em Veranópolis, após foi para Porto Alegre onde freqüentou o Seminário São Boaventura dos capuchinhos, concomitante a formação teológica cursou de letras clássicas na PUCRS. Ordenou-se em 1950, sendo Dom Cândido Maria o bispo de Vacaria nessa época. Voltou pra Porto Alegre para concluir o curso de Letras, época em que rezava missas no Sèvinhé. Após a conclusão de seus estudos foi nomeado para Bom Jesus.”

Política**Religião****Curiosidades****Observações**

Seus pais ao chegarem ao Brasil se instalaram em Antônio Prado onde residiram por 4 anos, após mudaram-se para Vacaria, onde permaneceram. Seu pai tinha o ofício de pedreiro e foi um dos construtores da catedral desse município, faleceu em 1934 aos 40 anos de idade.

¹ A irmã Jane não morou em Bom Jesus, sua entrevista trata da vida de seu irmão de seu irmão, Frei Getúlio, já falecido, pessoa de destaque na comunidade de Bom Jesus, principalmente no que se refere à educação.

18 - Irma Santana

Nascimento: 16/03/1905

Entrevista: 1993

Idade: 88 anos

Família

Pai: Domingos Piazza.

Mãe: Ema Dal Médico: vieram de Gênova na Itália já casados, ela era de família de elite, se casou muito cedo. Migraram para o Brasil ficando inicialmente em Caxias, posteriormente estabeleceram-se em Antônio Prado e em função do trabalho de seu marido mudaram-se para Bom Jesus onde permaneceram e criaram os filhos.

Marido: Jovedino Fonseca Santana.

Trabalho

Foi dona-de-casa, mesmo seu marido sendo político não participava muito, afirma que: *“naquela época as mulheres não entravam na política [...] e sempre foi uma mulher muito retraída muito quieta quem trabalhava mesmo era ele[...] ia a algum evento social para acompanhar”*.

Estudos

Relata a que o primeiro professor de quem lembra foi Eduardo Ganz, era professor estadual. Estudou com as irmãs Ramos principalmente a dona Ignez Ramos. *“Estudei com Eduardo Ganz, não na particular, era do ‘governo’ depois com as Irmãs Ramos, principalmente Dona Ignez, era do ‘governo’ também[...] era religiosa realmente, trabalhava muito pra Igreja[...] Não concordava com os bailes nas festas da Igreja [...] elas promoviam teatro os alunos eram os artistas”*. Essas professoras, segundo seu relato, eram estaduais e tinham muitas habilidades, davam aula de pintura e de artesanato, nesse caso cobravam particular.

Política

Seu marido foi político, exerceu vários cargos, foi delegado escolar e prefeito nomeado na época do Flores da Cunha. Na revolução de 23, tinham posto de tenente, em 33 foi promovido a coronel. Faleceu em 1973.

Religião

Era católica praticante, fala que os padres paravam em sua casa e que seu confessor foi padre Jaime.

Curiosidades

“Minha mãe trabalhou como professora em Antônio Prado, o consulado italiano arrumou essas aulas, dava aula em italiano”.

Observações

A dona Irma está muito esquecida, a entrevista muito truncada, a entrevistadora tem que fazer várias perguntas ela não lembra de muitas situações, vai só concordando com o que a entrevistadora diz, quando essa insiste em algum ponto muitas vezes ela não compreende e concorda. No final a professora explica novamente pra ela o propósito da entrevista “Essa entrevista vai ser posta no papel e mais adiante quando alguém quiser pesquisar vai ter suas informações também”.

GÊNERO

“Naquela época mulher não entrava na Política, eu sempre fui uma mulher muito retraída, muito quieta, quem trabalhava mesmo era ele.”

“[...] como mulher do prefeito só participava de algum evento social”

A entrevistadora pergunta se nos dias de hoje os casamentos são melhores?

“Naquele tempo mandava o marido e a mulher tinha que obedecer. Naquele tempo se tu aceitava muito que bem, mas tinha que aceitar, melhor seria uma igualdade, acho melhor hoje, ter uma igualdade.”

A professora Lucila continua questionando sobre as questões do relacionamento marido e mulher, perguntando por que, se as mulheres não estavam felizes, não se separavam?

“Para ter uma vida em família a mulher agüentava firme. [...] as mulheres que trabalhavam fora de casa não garantia nada, eram submissas igual, muitas mulheres agüentavam o que não podiam, mais agüentavam”.

20 - Júlia Kramer Acauã

Nascimento: 30/07/1905

Entrevista: 12/12/1990

Idade: 85 anos

Família:

Pai- Antônio Manuel da Fonseca Velho “Seu Antônio Sinhô”, (vindo de São Paulo, era Português).

Mãe- Paulina Kramer Fonseca (vinda de São Leopoldo, imigrante alemã)

Marido – Joaquim Marques Acauã, (Seu Nô)

Irmãs – teve 8 irmãs, sendo que duas delas também foram professoras: Julieta e Guilhermina.

Trabalho:

Fui professora, iniciei ajudando as Irmãs Ramos, que pediram para eu e minha irmã atender o 1º e o 2º ano, no turno da manhã. Depois de um tempo passei a dar aulas para uma prima na casa de uma tia, dei aula até o 4º ano em casa, quem pagava era o município. Tinha dois meses de férias no verão e não tinha férias de inverno.

Quando casei meu marido trouxe um professor para dar aula em casa, mas o professor bebia e eu despachei o professor e comecei a dar aulas pros minha e pras outras crianças, com registro até a 4º série. Tirei o primeiro lugar quando o município fez o 1º concurso para professores. “1º aula classificada”.

Após a morte de meu marido fui lecionar no 2º distrito de Bom Jesus, tive até 60 alunos todos juntos, de 1º até 5º série, saíam de minha aula para fazer admissão. Muitas alunas meninas moravam comigo, morei no local da escola, e os meninos vinham a cavalo. Era fã de matemática e meus alunos não rodavam no admissão.

Estudos:

Meu pai tinha professor em casa “Seu Aníbal” que dava aula para as meninas de dia e para os meninos dentro de casa à noite, fui colega do Arthur Ferreira nessa época (que futuramente viria a ser lider político do município), depois para completar os primeiros anos a professora era a Dona Serafina que foi para Bom Jesus vinda de Araranguá, nessa época o Professor Eduardo Gans dava aula para os meninos e dona Serafina para as meninas ainda em casa, na cidade não tinha escola. Depois vieram para a cidade as Irmãs Ramos que eram professoras estaduais. Fui estudar com elas. Pela manhã ajudava as Irmãs Ramos na 1º e 2º série sem ganhar salário para isso, à tarde estudava com elas, a turma da tarde era dos mais adiantados e era pago a parte.

Política:

Meu marido, foi convidado para assumir a prefeitura, impus que fosse construída uma igreja, o nome da paróquia foi escolhido pelo doador do terreno, que tinha feito uma promessa que se voltasse com vida da guerra do Paraguai faria uma igreja para Bom Jesus de Guapi.

Meu pai foi do Conselho Municipal e organizou as primeiras leis municipais.

Fui colega nos primeiros anos de aula em casa do “Arthur Ferreira”, ele foi chefe do partido republicano na cidade de Bom Jesus.

Meu marido quando foi prefeito exigiu que as professoras fizessem um “curso”, para entrar no magistério, quem organizou esse curso foi o Arthur Ferreira.

Religião:

Sempre fui muito católica e devota de Nossa Senhora Aparecida, havia muito festa de igreja, nessas festas o festeiro recolhia donativos e a comunidade comia de

graça. as mais animada era as do 2º, quem organizava era o Chico Manco, que era líder político e tinha uma bodega. A D.Ínes é que negociava, vendia mercadoria, trocava com quem não tinha dinheiro por outras mercadorias.

Curiosidades:

Fala de algumas pessoas do 2º distrito onde morou depois de casada entre elas a esposa do seu Chico Manco, Dona Ínes, que era quem atendia, da bodega ela viajava para Caxias para vender carne, na volta trazia sapato e roupas com defeitos para vender na zona rural, “era excelente comerciante”. Trabalhava também na base da troca com pessoas de baixa renda que levavam produtos.

Seu pai tinha hotel e farmácia e sua mãe tinha sala de costura, ensinava outra moças a costurar, trabalhava para seu Francisco Spinelli que era alfaiate.

Seu pai fazia poesias, fez uma para cada estado do Brasil.

Diz que a principal meta do governo devia ser a educação, que dói muito ver uma criança sem vencer o ano, sem o conteúdo para ser vencido.

Diz que não acha certo professor fazer greve, que mesmo sem ganhar muito não se deve fazer greve e deixar uma criança sem estudar e vencer o programa do ano.

Observações.

Lembranças pontuais de situações específicas vão sendo evocadas a medida que a entrevistadora vai fazendo perguntas.

Quando relata algo mais impolgante fala no presente, quando a entrevistadora insiste no passado, usa o tempo verbal no passado só por um curto tempo, depois volta a falar no presente, fala naturalmente dando a impressão que nem lembra que a entrevista está sendo gravada.

Termos específicos da região: “de vereda”, “qualquer coisa que o valha”, “carpi roça”.

21- Juvenal Grazziotin**Nascimento:** 28 de maio de 1915**Entrevista:** 1991**Idade:** 76 anos**Família.****Pai:** Luiz a Grazziotin (natural do Vêneto, veio para o Brasil com doze anos)**Mãe:** Corona Scott Grazziotin (nascida na Itália, veio para o Brasil com dois anos)

Ambos inicialmente chegaram no campo dos Bugres, atual Caxias do Sul.

Avô Paterno:**Avó Paterna:****Avô Materno:****Avó Materna:**

Teve irmãos: 9

Trabalho:

contador, comerciante, teve serraria e fazenda..

conta que sua família, mesmo na Itália já tinha tradição e comércio. Seu irmão, Guerino Grazziotin, o qual com 16 anos teve que assumir a responsabilidade de toda a família por ocasião da morte de seu pai fundou a casa de comércio que funcionou em Bom Jesus durante anos. Ainda em Antônio prado teve diligência que transportava passageiros fazendo a rota Antônio Prado/ Caxias/ Vacaria. Inicialmente puxada por cavalos, um meio de transporte que modernizou-se com o surgimento do Ford de bigode. Seu pai teve um curtume e selaria em Antônio prado, posteriormente abriu uma casa de calçados.

Seu Juvenal exerceu inúmeras funções na comunidade entre elas podemos citar:

Sócio fundador e participante da comissão responsável pela construção do hospital.

Tesoureiro do hospital por oito anos

Presidente da comissão responsável pela construção do Ginásio.

Membro da diretoria da comissão para construção do colégio Nossa Senhora de Fátima .

Presidente da Câmara de vereadores.

Presidente da associação comercial.

Presidente de pais e mestres.

Presidente do conselho comunitário

Membro presidente do Lions clube.

Entre essas funções nem numa remunerada, pelo contrário segundo ele todo mundo trabalhava de graça, em alguns casos como na construção do hospital “ *eu mesmo cansei de pagar os construtores com meu dinheiro e depois recebi com as promoções que nós fazíamos*”.

Estudos

Seu Juvenal relata praticamente a história das escolas do município de Bom Jesus, tendo participado das comissões que trabalharam nas suas construções.

“eu estudei em Antonio Prado no Marista até os 6 anos, depois fui para Garibaldi colégio Santo Antônio, fiquei três anos até 1928, depois fui para a Escola de Ensino Superior do Comércio, no Rosário em Porto Alegre mais três anos, me formei 1931”.

A professora Lucila pergunta se correspondia a uma faculdade, ele diz que não, que naquele tempo era diferente, tinham os cursos clássicos para quem fazia direito e cursos técnicos para quem se dedicaria às ciências exatas como medicina,

veterinária. E no seu caso não existia a faculdade para contador, então era um profissionalizante.

Com relação ao ensino em Bom Jesus relata:

“quando cheguei aqui em janeiro de 1932, só tinha um colégio era de um professor não me lembro o nome, a Irma deve saber, seu domingos falava muito nele. (Eduardo Gans).[...] quando secretário era o coelho de Souza ele deu verbas para construir o grupo escolar que as Irmãs Ramos trabalhavam.

Fizemos campanha para contratar a vinda do colégio São José das feiras de Vacaria, em 1932 fizemos o termo de abertura. O prefeito era seu Luiz Inácio Dutra e tinha dado um terreno, aí iniciou-se a campanha da construção. Daí as irmãs não vinham mais, já tínhamos até comprado a madeira, aí a madeira foi vendida e o dinheiro ficou no banco.

Aí começamos a trabalhar para a construção do ginásio, nessa época seu Luiz não era mais prefeito, então precisava se achar um terreno. O doutor Cancelo é que vendeu o terreno por 100 contos de réis, nós saímos de casa em casa para conseguir dinheiro para construção do colégio. Conseguimos 60 contos, faltavam 40 aí seu Luiz Grazziotin, que ficou de presidente da comissão, emprestou 40 e pagamos o doutor Cancelo, bom aí fizemos campanha para conseguir pagar o seu Luiz. Aí ninguém queria assumir a responsabilidade do colégio, conseguimos então que as irmãs franciscanas assumisse o colégio, tivemos que escriturar o terreno no nome delas mas elas não vinham nunca, alegavam que não tinham professores.[...] Nos lembramos de falar com os Capuchinhos eles também não queriam, também alegavam que não tinham professores.

Quando veio o provincial numa comemoração, o Alcides De Boni e eu, nos grudamos nele, bem aí na frente da igreja (risos) e fomos pedindo para ele assumir o colégio. E aí tava o problema, que tínhamos que tirar o terreno das freiras e passar para os Capuchinhos, não sabíamos se elas iam devolver ou não. Aí o João Jabur que tinha relações com elas lá em São Leopoldo, não sei como a que é, bom ele foi a São Leopoldo falou com a provincial e ela devolveu.[...] Iniciou-se a campanha para construir o ginásios tivemos um auxílio muito pequeno do governador naquela época o Ildo Meneghetti e o resto foi do povo, festas populares, campanhas, rifas. O Oswaldinho Barcellos trabalhou muito carregando pedras de graça, todo mundo queria. [...] tinha gente mais humilde que falavam, você sabe... aí eu dizia você que precisam mais, quem tem mais dinheiro manda os filhos estudar fora, internos, manda para Vacaria, para Porto Alegre. Então todo mundo ajudava, todos precisavam.

Primeiro pensamos no ginásio feminino, depois veio a idéia do ginásio misto. Aí o bispo da Vacaria não queria dar licença, seu Francisco, que ele tinha um terreno na Vila Spinelli, (bairro), disse que doava o terreno para construir outro colégio daí leigo, desde que seja misto, [...] bom nessas alturas...[...] mas aí fomos falar, numa comissão grande com o Dom Cândido, ele não queria, porque achava que as meninas têm de ficar perto dos pais e os meninos podiam ir para longe. Era um outro tempo e se pensava assim[...] aí eu arrisquei “Dom Cândido tem um negócio: o senhor não quer ceder o colégio misto para os capuchinho, tem que ser religioso, nós tivemos uma oferta do Seu Francisco Spinelli, que é espírita (risos), vai ser um colégio leigo. Aí ele concordou! Acho que foi dos primeiros a iniciar misto. Foi seu Francisco que salvou a pátria.

Outra coisa que trabalhamos foi na escola normal João XXIII, já estava quase na hora de correr a rifa do carro e não tinha quase cautela vendida chegou o Frei Getúlio e pediu para ajudar. Formamos uma comissão e fomos de casa em casa

(era a rifa de um fuca), fui paraninfo da primeira turma por isso. As formaturas eram com todo o cerimonial, no ginásio também, era um vestido de gala também. O Colégio Fátima, também participei da diretoria. Também foi na base de promoções e elas ajudaram um pouco (as Irmãs). Era muito bom no começo, mais depois foi matrícula de alunos das vilas, sabe como é, e aí não tinham auxílio e não conseguiram mais manter. No início tinha conservatório musical diplomava em Teoria e Solfejo, gaita e violão, teve até uma formatura. O Péricles (sobrinho) a Berenice (filha) e o Lutero (membro conhecido na comunidade) foram dessa turma. Dava uma cultura melhor, tinham mais uma especialidade, tinha aula de arte[...] quando era colégio particular e que se pagava. (entrevista 1994)

Política

Foi membro atuante da comunidade, pelas suas participações percebe-se que foi líder político na comunidade embora segundo ele “gosto de política mas não gosto de aparecer, o pessoal me chamava de conselheiro”.

“[...]quando o Getúlio terminou o Estado Novo, fui eleito vereador e fui eleito presidente da Câmara. Numa ocasião o Porcínio Pinto, que era prefeito, foi eleito deputado, aí Seu Francisco Kramer que era vice, chegou lá em casa, no escritório, “pode assumir a prefeitura e preparem o documento que eu nem leio, mas você é quem manda, se quiser assumir assume se não quiser assume outro. Aí eu não podia assumir sabe como é, tinha meu trabalho, então reúne a câmara, nós tínhamos a maioria, só tinha um adversário o Júlio Araújo, que era do PTB o resto era PSD, fizemos uma votação e escolhemos o Áureo Velho, ele assumiu de presidente e eu de vice dele, aí ele assumiu a prefeitura e eu fiquei de novo do presidente da Câmara.

[...]os políticos não recebiam nada, os que vinham do interior pagavam do seu bolso até o almoço. Em uma ocasião fui a um congresso em Caxias paguei tudo no bolso, tínhamos despesas inclusive, mas não tinha esse negócio de receber. [...] naquele tempo o pessoal era sério, não se locupletavam com os vencimentos, haja visto Borges de Medeiros que saiu pobre, ficou 25 anos e até uma casa que ele tinha ganho particular, ele devolveu a casa pro estado.[...] não se usava mudar de partido, era vergonhoso. Quem mudava era execrado pela comunidade.”

A professora Lucila pergunta a ele sobre a situação política de Bom Jesus na atualidade, se ele quer falar alguma coisa, ele responde: “ Prefiro não falar (ri) tenho um filho que é prefeito, convém não falar”.

Professora Lucila pede para que ele deixa uma mensagem ele diz o seguinte: “ Que se trabalhe mais seriamente e se trabalhe para o bem social, claro, tem muitas entidades que trabalham serio”.

Religião

Não faz referência direta à religião, no entanto no decorrer da entrevista fala sobre ir à missa sob seu convívio com os padres sobre a paróquia. (conclui-se que era católico praticante).

Curiosidades

Cinqüentenário

Fala do cinqüentenário do município que foi em 63 “ Eu era tesoureiro, fizemos desfiles, parecido com aqueles da festa da uva. Eu pedia dinheiro, todo mundo dava. Não faltou nem um tostão, sobrou dinheiro.[...] trouxemos a banda do Carmo e do

São Carlos, fui de casa em casa com uma lista, pedindo 'quantas pessoas o senhor vai hospedar? Tantos'. Todo mundo hospedou 3,4 alunos, sobrou lugar. Cooperavam naquele tempo, não se gastou um tostão hospedagem e com comida.

Comunidade: ele conta como eram as festas na comunidade, de que a cidade tinha banda de música e que o maestro era seu Bite Xavier. Conta que a cidade tinha um cinema que os bailes do clube eram feitos no salão de cinema por que o clube não tinha sede. Colocavam cadeiras e as moças que passavam bandejas de doces e licor, todo mundo dançava não podia ficar conversando, terminava música e todo mundo ia se sentar no máximo dançavam 2 e depois tinha que sentar.

"resolvia fazer um matinê, saía um para cada lado convidando pessoas, se cobravam um dinheirinho para pagar um gaiteiro e um violão, e já saía a festa, assim nos divertíamos.[...] depois da missa vinha uma turma ouvir música e conversar, agora com a televisão ninguém sai de casa.

Relata as rivalidades da cidade com relação aos clubes e a política: *"existiam dois clubes o XVI de julho foi o primeiro, o Juventude que iniciou como time de futebol uniu-se a esse posteriormente, e o Santa Cruz quem iniciou no interior também como um time de futebol."* Falou que existia muita rivalidade entre os clubes. *"Quem era do Juventude não entrava no Santa Cruz, era uma rivalidade tremenda."*

A rivalidade ficou mais acirrada em função da política, coincidentemente quem era do Juventude era PTB, quem era Santa Cruz era PSD, veio a divergência que existe até hoje pela sociedade, pelo futebol e pela política. *" eu freqüentam os dois, por que fui da comissão fundadora do 16 de julho, nas era raro"*

Viagens:

Seu Juvenal conta fatos pitorescos sobre viagens, conta que mais ou menos em 1933 demorava-se dois dias de Antônio Prado a Vacaria. Quando surgiu Ford modelo Um, viajavam quatro passageiros dentro e dois em cima do pára-lama. *" se colocava um caixão de gasolina em cima do pára-lama e viajavam dois pelo lado de fora segurando o batente da porta" [...] com poeira nem se pensava nisso e ninguém se preocupava e de fazer parte do contexto".* Que a comunidade tinha o hábito de descer a serra da Rocinha, para ir à praia e ía-se à cavalo, quando surgiram os ônibus tinham três rios para atravessar, os ônibus geralmente ficava atolados dentro do rio, então já existiam juntas de bois para puxar os carros, caminhões e os ônibus, era uma profissão. *" era tudo desse jeito, era mais divertida"*

As mercadorias para a loja vinham carreta, depois do surgiram os caminhões que fazem os fretes, as encomendas eram feitas pelo viajante ou por cartas. As lojas vendiam de tudo, pelo menos as maiores, na sua por exemplo vendiam miudezas, ferragens, "frigidaire", carros, relógios, roupas íntimas femininas, etc.

Observações

Seu Juvenal é meu sogro, faleceu em 1996, é interessante a e ao mesmo tempo triste, pois emociona ouvir sua voz depois de tanto tempo. Como convivi muito com ele, consigo imaginar claramente a cena, seus trejeitos, a imagem vem acompanhada da voz, algo muito diverso da experiência de escutar quem não conhecemos. O envolvimento no assunto que em outras ocasiões já mencionado em reuniões familiares, traz outra dimensão ao depoimento.

Memória

"peço desculpas se erre algumas coisas, e sabe como é... a memória fraqueja [...] me esqueço de datas, de coisas, mas o essencial... é que disse mais ou menos o que aconteceu".

"agradeço a gentileza de ter me escolhido para emitir alguma opinião[...] naquele

tempo era mais fácil que agora”

“Bom Jesus regrediu, para quê o governo” (dizem essa frase após relatar todas as coisas que Bom Jesus já teve)

Gênero

Quando lhe é perguntado sobre quem mandava daquele tempo? Como era a relação do casal? Diz: *“isso é um problema que depende, cada um tem um sistema de viver, é uma coisa que não se pode generalizar, por exemplo eu, aqui em casa não houve um briga em 49 anos de casamento, claro briguinha pequena sempre, mas briga séria não. Tem casais que o homem queria mandar e aí vinham as desavenças [...] mas as decisões maiores eram dos maridos, mas tinha casais que as decisões maiores eram da esposa, ela que dirigia os negócios, tudo, família aí..... eu sei por causa da loja, tinha famílias que um homem comprava um negócio e a esposa dele devolvia, dizia não, não é isso é aquele outro mas eram poucos. Depende de família para a família. Negócios quem normalmente decidia era o marido, alguns escutavam os conselhos da esposa e tal... dependia do hábito de cada um. Lá no meu sogro, ele era muito brabo sabe, ele que decidia, era napolitano. Ele decidia tava decidido, minha sogra não falava tinha medo de falar.*

22 - Linda Braguini**Data de nascimento:** 26/02/1922**Entrevista:** 23/09/1991**Idade:** 69 anos**Família****Pai:** Higino Pinto (adotivo)**Mãe:** Nelinha Cardoso**Marido:** Alfredo Braguini**Filhos:** dois filhos, Paulo Fernando e Mauro.**Trabalho****Estudos**

Dona Linda fala de um dos primeiros professores estaduais de Bom Jesus, quando está relatando sobre a Escola Eduardo Ganz que funcionou no Centro Espírita ela diz:

“Eduardo Ganz foi um dos primeiros professores que veio para Bom Jesus, depois foi transferido para Canela, [...] muito competente, muito trabalhador”.

Não lembra quando chegou, mas lembra que foi transferido por volta de 1924.

Fala de uma escola chamada Eduardo Ganz que funcionou no Centro Espírita, *“[...]funcionava no Centro, pra ajudar crianças necessitadas, mais pobres [...] os professores eram pagos pelo município”.*

Política

“[...] seu Marcírio Cardoso foi figura de destaque em Bom Jesus, dona Linda comenta que foi vereador e presidente da câmara pela UDN.”

Religião

“As festas do padroeiro senhor Bom Jesus eram muito bonitas, tinha a parte religiosa e depois bailes, leilões. Tinha tendas, passava a bandeira do divino, visitava as casas e as pessoas davam uma gratificação. [...] Os bailes eram no salão da igreja, a igreja não proibia de fazer bailes não considerava pecado como em outras comunidades [...] o padre Geraldo era muito camarada, ele dormia em cima do salão e nós dançava em baixo, vinham pessoas do sítio, os Dutra, os Borges, vinha seu Domingos Sgarbi, seu Domingos dançava que vou te dizer uma coisa...”

“Tinham algumas festas de Igreja no interior do município, a maior era no Chico Manco, tinham outras festas também em localidades conhecidas pelo nome dos moradores como ‘Zeca Sabino’ e ‘Seu Lamão’ essa última era no local conhecido também, como Governador. [...] as festas no Segundo eram muito grandes, seu Chico era muito divertido, freqüentava pessoal de Vacaria, Antônio Prado, Bom Jesus, tinha a parte religiosa, missa, procissão e depois baile e churrasco [...] os bailes eram muito selecionados, não entrava ‘gente de cor’ eram muito bons”.

“Fiz a primeira comunhão com 6 anos, era uma missa especial, depois tinha chá preparado pelas professoras”.

“Hoje freqüento o Centro (Centro Espírita), Seu Francisco era uma pessoa muito extraordinária (se refere a Francisco Spinelli, um dos fundadores do Centro Espírita e referência como estudioso e divulgador da doutrina espírita) [...] papai era espírita e seu Francisco freqüentava muito lá em casa.”

Fala sobre as pessoas incluindo seu pai, que trabalhavam no centro espírita:

“Saíam de Bom Jesus para trabalhar pelo Cento Espírita, com Seu Francisco Spinelli, eram seu Simião Varela, Otávio Varela, Marcírio Cardoso, Higino Pinto, viajavam pro Rio, pra Federação do Rio, pra Porto Alegre pra ir a conferências, eles que sustentavam as viagens”.

Curiosidades

Dona Linda nasceu em Bom Jesus, em 1945 casou e mudou-se pra Caxias, após a aposentadoria de seu marido voltou a morar em Bom Jesus, com a doença dele retornou a Caxias onde permaneceu por 7 anos, voltando a Bom Jesus onde ainda permanece.

Com relação a educação de sua mãe ela comenta:

"[...] mamãe aprendeu por conta, diz que não lembra de ter freqüentado os bancos escolares, fazia lindas poesias".

OBSERVAÇÕES

Dona Linda é entusiasmada, falante.

Fala algumas coisas sobre ser velho

"Quando o Alfredo ficou doente fomos pra Caxias, ficamos sete anos eu sempre tive vontade de voltar, aqui agente não se sente só, Caxias principalmente é uma cidade muito violenta, eu gosto muito da minha terra, agente sai na rua e conversa com todo mundo, sai qualquer hora, lá fica trancado no apartamento. O Alfredo tem vontade de voltar pra Caxias, lá ele trabalhou muitos anos na Ford, tinha um grupo [...] porque ele se sente muito desanimado sem trabalhar ele foi um homem que sempre trabalhou muito [...] tava mexendo com ele esses dias, eu disse é a velhice...agente vai ficando velho, tu vai lá pros filhos também tu sente essa tristeza. [...] as pessoas que ele se dava também não tão mais aqui. Mas meu chão é aqui, quando eu tava em Caxias eu sentia uma saudade uma tristeza."

Questões de gênero

"[...] os dois mandavam, a mamãe trabalhava o dia todo no correio, determinava as gurias, as mais velhas e ia pro serviço. De um mandar não tinha, papai sempre foi muito diplomata, assim pra lidar, até com as noras que foram morar lá em casa."

23-Luiza Spinelli Lima**Nascimento:** 25/02/1923**Entrevista:** 17/11/1992**Idade:** 69 anos**Família:****Pai:** Francisco Spinelli (veio da Itália com 18 anos)**Mãe:** Adolsina Araújo Spinelli**Avô paterno:** José Spinelli (ambos Italianos)**Avó paterna:** Amália Landi Spinelli**Avô materno:** Frutuoso Araújo (Brasileiros , vindos de Capão da Canoa)**Avó materna:** Clarinda Martins Araújo**Marido:** Evilázio Varela de Lima

Filhos: 7 filhos

Trabalho

“As mulheres ficavam muito em casa tinha a ver com a mulher não ter profissão, elas botavam na cabeça que eles trabalhavam, e não se davam conta que elas trabalhavam dentro de casa.”

A professora Lucila pergunta sobre as mulheres que trabalhavam fora.

“professora era a única profissão fora de casa, o resto das profissões eram todas dentro de casa, costureira, doceira.” [...] me lembro de uma professora que veio de longe, D. Osoreulina, que não tinha onde ficar pois não existia pensão em Bom Jesus e aí parou na casa do meu pai.” (seu Francisco Spinelli)

“As professoras a época eram: D. Inês Ramos, D. Julieta Ramos, D. Irene Ramos, D. Juvina Torres e a D. Ondina que veio de Caxias, eram só essas que eram professoras, as outras trabalhavam em casa , não saiam de casa, que nem umas escravas, [...] o tio Odolino, então , era o tal coronel.” (se referindo a um tio casado com a irmã de sua mãe).

Estudos

Não fala sobre seus estudos, mas fala sobre a Irmã :

“Alda estudou com o professor Eduardo Gans, num colégio antes das Irmãs Ramos, depois vieram as Irmãs Ramos. Com o tempo fizeram o grupo escolar, que era onde é hoje a padaria, a casa é a mesma. O diretor e também professor era o seu Gay, e a D. Juvina Torres era professora.”

Política

“Na revolução de 23, meu pai era Borgista, do lado do Major Antônio Inácio Velho, lembro que em minha casa tinha um telefone a manivela que tocava no ‘Chico Manco’ e em Vacaria, meu pai tava aquartelado nos Sgarbi (mesmo local conhecido como 2º distrito), vieram as forças do Castelo Branco que eram Assizista, contrários a meu pai e foram arrancar o telefone da parede, a minha mãe pediu para falar com o marido pra dizer que a filha estava doente, no final da conversa a mãe diz ‘vou desligar que as forças do Castelo Branco estão aqui’ [...] ‘com essa conversa nós poderia lhe matar, a senhora deu pista de onde estão nossas forças’. Mas como minha mãe era comadre do Castelo Branco só arrancaram o telefone.”

“Lembro também da revolução de 30, o Flores da Cunha que era interventor, nomeou o coronel Juvidino Santana como chefe político no município, ele era muito perseguidor, prendia os adversário por nada, inventavam alguma coisa e prendiam.”

“Em 35/36 mais ou menos, o Juvidino Santana foi prefeito, era adversário do meu

pai. [...] nessa época agente não dormia, apedrejavam as casas, as moças não podiam sair na rua, veio o exercito de Vacaria. Minha casa porém nunca foi apedrejada, meu pai dizia para não se preocupar que não ia acontecer nada.”

Religião

“Fui criada dentro da doutrina espírita, meu avô materno sempre foi espírita, meu pai estudava para padre na Itália, quando começou a namorar minha mãe pôs-se a ler os livros do sogro e estudar a doutrina, tornou-se uma referência dentro do espiritismo no Rio Grande do Sul.”

Curiosidades:

D. Luiza se mostra uma mulher muito independente com relação ao marido.
“Eu nunca desobedeci meu pai, mas marido não, igual por igual, ele tem a vontade dele eu tenho a minha. [...] se eu resolvesse ir a Porto Alegre, só avisava, lembro de outras mulheres, a D. Nadir também era independente, mas na casa da Tia Avelina era tio Odolino quem mandava, ele era o patrão, tu sabe como era a tia Avelina né Lucila...” [...] aqui em casa ninguém manda em ninguém, já lá na Alda tudo tinha que avisar, eu nunca dizia onde eu ia, não queria dá o gosto pra ele querer me governar né? [...] mas a culpa era das mulher elas que acostumavam a pedir tudo para o marido. Uma vez a Alda foi pedir pra minha mãe comprar uma caixa de Pó, minha mãe chamou meu pai pra pedir, ele disse: ‘isso não compete a mim você é que sabe se precisa’.”

Observação

Questões de memória

Durante a entrevista a D. Luiza diz algumas coisas que a prof. Lucila não sabia , nem nunca ninguém havia mencionado em entrevistas anteriores e ela comenta “que interessante, ninguém me falou isso, tem que conversar mesmo com as pessoas para descobrir”

Num outro momento a D. Luiza conta uma cena referente a revolução de 23, uma época que ela tinha só dois anos, a professora Lucila comenta

“ [...] que interessante... a senhora se impressionou muito, ou quem sabe ouviu contar outras vezes?”

D. Luiza responde *“Não, eu me lembro, quando falam disso parece que eu estou ali coladinha com a minha mãe no telefone.”*

A professora Lucila tem parentesco com o lado materno da entrevistada, então ela compartilha muito as lembranças das pessoas conhecidas de ambas, suas tias eram irmãs da avó da professora Lucila e essa conviveu muito com elas.

24 - Maria Dos Prazeres Ribeiro Velho**Nascimento:** 19/07/1915**Entrevista:** 23/09/1990**Idade:** 75 anos**Família:****Pai:** Antônio Inácio Velho**Mãe:** Esmênia Ribeiro Velho**Marido:** Alcebíades José Velho**Filhos:** teve 7.**Trabalho****Estudos**

“Estudei em casa com o professor Antônio Tato, que depois foi substituído por outro professor de São Joaquim, depois fui para a cidade (Bom Jesus) e estudei com a dona Nair Boff, depois com as Irmãs Ramos. Quando fui para a Cidade, parei na casa do senhor Francisco Spinelli, pessoa fora de série, com 13 anos fui para o internato em Taquara do Mundo Novo em colégio de irmãs alemãs, tive que fazer um exame para ver em que série estava.[...]Fiquei no internato até os 16 anos, só vinha para casa uma vez por ano nas férias de verão.”

Política

“Meu pai era intendente, nomeado pelo governador. Na revolução de 23 pegou posto de major e lutou ao lado de Borges de Medeiros contra o Assis Brasil. Meu pai morreu na batalha do rio das Contas. Era muito forte a disputa no município, meu pai era homem de muita coragem, morreu no campo de batalha, foi considerado herói de guerra, foi enterrado no cemitério da família no Monte Alegre, na fazenda em São José dos Ausentes. Nesse evento terminou a revolução.”

Religião

“O bispo D. Cândido Maria, ia na fazenda fazer crismas. Meu irmão, Áureo Ribeiro Velho, estudou em Novo Hamburgo, escrevia discursos para receber o bispo. Depois foi prefeito de São José.

Curiosidades

“Minha mãe ficou viúva com 9 filhos para criar, administrou a fazenda sozinha e pagou a hipoteca da fazenda só com o auxílio de um irmão. Quando terminou de pagar a hipoteca comprou a fazenda do senhor Assêncio Fogaça.”

Observações

A idéia que temos dessa época, onde a mulher é submissa e dependente, é mais uma vez questionável.

Nesse depoimento temos na mãe da entrevistada uma mulher, que parece num primeiro momento, dotada que grande capacidade de administração.

Maria Josephina De Boni Santos

Data de nascimento: 01/04/1931

Entrevista 23/08/1991

Idade 60 anos.

7- Amélia Zuanazzi De Boni:**18 - Jeovanina De La Geovana Zuanazzi (Dona Joaninha)****19 - Joana Corso De Boni****25 - Mário De Boni**

A D. Maria foi entrevistada para falar sobre algumas pessoas, seus familiares, que têm particular relevância para essa pesquisa por se tratarem das primeiras famílias de imigrantes italianos que vieram para o município. Seus relatos possibilitam perceber uma produção de representações referentes às categorias selecionadas. A través de Dona Maria e suas memórias se estabelecem pontos de contato fundamentais para a construção de uma memória coletiva. Através de seus relatos é possível perceber um recorte das práticas de um determinado grupo, os italianos.

Família:¹²⁹**Pai: Mário De Boni** (nasceu em Bom Jesus)**Mãe: Amélia De Boni**

Avô paterno: Antônio Zuanazzi (filho de imigrante, nasceu em Antônio Prado)

Avó paterna: Joana corso De Boni

Avô materno: Jelmino Zuanazzi

Avó materna: Geovanina de La Giovana Zuanazzi (D. Joaninha)**25- Mário De Boni**

Nascimento 25/04/1900

Falecimento 13/09/1990

Mãe: Joana Corso De Boni

Pai: Antônio de Boni

Trabalho:

Segundo o pesquisador Dr. Luiz Alberto De Boni, seu Mário foi o primeiro filho de Imigrantes Italianos a nascer em Bom Jesus, era o mais velho de uma família de 9 irmãos.

“Meu pai veio para bom Jesus colocar uma ferraria, meus tios já trabalhavam de ferrero em Caxias do Sul, meu pai continuou a profissão do pai.”

“Com o surgimento do automóvel, não tinham mecânicos em Bom Jesus, era ele (o ferreiro) que concertava os carros aí foi mudando de profissão a ter a primeira revenda de carros de Bom Jesus.”

“Foi muito comerciante, vendia rádio, cata-vento, máquina de costura.

O meu vó, pai dele, morreu muito cedo, como era o mais velho criou, junto com a vó Joana e a minha mãe, todos os irmãos.[...]As irmãs também trabalhavam fora, ajudando no hotel da D. Teresa Baroni.”

Estudos:

“Tia Graciema a mais velha dos irmãos, foi para Antônio Prado estudar corte de

¹²⁹ As pessoas da família que estão em negrito são aquelas sobre as quais a D. Maria irá falar, a partir de sua convivência com elas.

costura, para poder costurar para fora, a tia Itália também foi para Antônio Prado aprender a costurar, só a tia Antonieta que teve mais “regalias”, acho porque era a mais moça e as coisas já não eram tão difícil, ela foi para Caxias estudar para ser professora. Terminou o primário que era até a 6ª série e entrou no complementar em 1938, que eram mais três anos, onde saia habilitada para ser professora. Para poder entrar no complementar tinha que ter no mínimo 13 anos, lembro disso porque eu mesma não pude fazer o complementar pois eu terminei o primário que naquele tempo era até a 5ª série e não tinha 13 anos, aí tive que esperar mais um ano, nesse meio tempo terminou o Complementar e eu tive que fazer o ginásio e depois o Normal, isso foi em 1944, pois até 43 ainda tinha o Complementar”.

Política:

“Logo que surgiram os rádio amadores, foi na época da guerra, meu pai trouxe um rádio amador para vender para os fazendeiros, ficava num balcão não estava estalado.[...]Ele foi denunciado que estaria transmitindo notícias pros alemães e italianos, foi preso e só não ficou muito tempo na prisão devido a alguns políticos da cidade que não eram italianos e que tinham influência e fizeram com que ele fosse solto.”

“[...] os italianos foram muito discriminados nessa época, as famílias italianas sofreram muito.”

“[...] a grande maioria dos italianos de Bom Jesus eram de Antônio Prado, foram para Bom Jesus por que lá tava começando a se expandir, em Antônio Prado eles tinham ofício mais não tinham onde trabalhar e Bom Jesus tinha fazendeiros mais não tinha quem trabalhasse em ofícios.”

Religião:

“Meu pai era muito católico, rezava todas as noites o terço.”

.Curiosidades:

A avó de seu Mário D. Maria Canova, veio sozinha da Itália com os filhos, “[...] parece que ela descobriu que seu marido que era prefeito de uma cidade na Itália tinha uma amante , e a família da amante era da máfia, ela ficou com medo de que matassem ela e os filhos, aí resolveu imigrar pro Brasil.”

7-Amélia Zuanazzi De Boni:

Nascimento: 20/09/1899

Falecimento: 19/09/1985

Mãe: Jeovanina de La Geovana Zunazzi 9 D. Joantina)

Pai: Jelmino Zuanazzi

Trabalho:

Casou com 20 anos e foi morara com a sogra, (D. Joana) que era viúva, e com todos os irmãos menores do esposo (8 irmãos).

“Meu pai trabalhava na ferraria e ela e minha vó lavavam roupa para fora, torravam café, faziam colchão para vender, lavavam a lã, abriam a lã e faziam o colchão.”

“Minha mãe sempre dizia que ‘sempre trabalhou muito mais nunca passou trabalho’, dizia também que ‘foi corajosa em deixar sua família para casar com um homem que a única herança era irmão’.”

“Minha vó materna era parteira, tu sabe Lucila, teve 12 filhos, ela morava com a avó na colônia na Serra das Antas, quando a irmã mais velha casou veio para casa para cuidar dos irmãos menores.”

Estudos:

“Minha mãe achava que a única filha mulher tinha que estudar, mesmo contra a

vontade do meu pai, fez eu ir para o colégio, ele aí queria que eu fizesse contabilidade para trabalhar com ele, eu queria ser professora. Minha mãe providenciou que eu fizesse as duas coisas. Pela manhã fazia o Normal e no vespertino fazia o curso de Guarda Livros em Caxias do Sul.”

“Costumava dizer que a mulher tinha que ter seu próprio dinheiro, que assim até mais respeito ela tinha.”

Política:

Religião:

“Ela era muito Católica, na sua casa eram feitas as hóstias, também lavavam a Canônica, a Igreja e cuidavam da roupa do padre.”

“Tinha muita fé, fazia novena para pedir as coisas que queria e conseguia, sempre alcançar as graças que pedia.

Lá em casa era rezado o terço todas as noites, depois de jantar e lavar a louça, cada um pegava uma cadeira para se apoiar, ajoelhavam-se e rezavam todo o terço incluindo as ladainhas, esse hábito durou até ela bem velhinha.”

“Quando casou tinha muita preocupação que seus filhos passassem fome pois tinham os irmãos do marido que eram pequenos, então ela jejuava durante toda a quaresma, não comendo carne que era seu prato preferido, em sacrifício para que Deus não lhe mandasse filhos, só teve filhos depois de 7 anos de casamento, depois do 5º filho, como não tinha muita paciência, fazia penitência para não ter mais filhos e realmente não teve mais.”

“Agente comemorava o Natal e o Dia de Reis, as crianças deixavam o sapato com milho para o cavalo do Papai Noel que estava com fome, no outro dia não tinha mais milho e no lugar tinha um presente, no Dia de Reis que era 6 de janeiro deixavam uma meia com milho com a mesma finalidade e aí ganhavam doces.”

“A mulher não entrava na igreja sem véu, as moças com véu branco e as casadas com véu preto ou cinza, os homens sem chapéu.”

Curiosidades;

“Fui criada pela minha mãe sem preconceitos raciais, na minha família que eram todos Italianos vários casaram com alemães e brasileiros e nunca houve problema.”

“[...]por isso eu digo, o italiano que foi para Bom Jesus assimilou muito o sistema brasileiro, como eles se deslocaram de onde havia grande concentração de Italianos, automaticamente perderam os hábitos italianos..., tinham que casar os filhos com outras origens porque eram muitos.”

“Tinham muitas festas e bailes e não havia problema em freqüentar, no dia 6 de julho comemoravam a emancipação do município, faziam churrasco no mato dos Spinelli ou dos Grazziotin toda a cidade ia.”

“Minha mãe não proibia agente de namorar, diz que “podia namorar mas não podia era escrever para o namorado, pois o que dissesse, ninguém ficaria sabendo mas se escrevesse alguma bobagem ficava escrito...”

Observação:

D. Maria diz que dona Amélia fazia muita caridade: “[...] naquele tempo o espírito de solidariedade era muito grande, a caridade era muito grande, se um ia fazer uma festa todo mundo ia ajudar, se era amigo era pra ajudar, tinha espírito de grupo, acho que pelo isolamento, a cidade era como uma família, era muito pequena todo mundo se conhecia.”

A Dona Amélia dizia que o homem era o dono da casa, ele que mandava. “Se não faltava as coisas a mulher não podia reclamar” ao mesmo tempo conta que a Dona Amélia era uma mulher muito decidida que fazia as coisas e não ficava esperando, achava que a mulher tinha que trabalhar fora e ter seu próprio dinheiro, fez a única

filha estudar mesmo contra a vontade do marido.
O seu Mário e D. Amélia falavam Italiano, mas não ensinaram os filhos, falavam em italiano quando queriam que os filhos não entendessem.

18-Jeovanina De La Geovana Zuanazzi (D. Joaninha)

Nascimento: 1875

Falecimento: 1965

Marido: Jelmino Zuanazzi.

Filhos 12

Trabalho:

“Casou e foi morar na colônia com a sogra, Maria Canova, na Serra das Antas. Quando começaram a vir os filhos a vó Joaninha foi para Porto Alegre aprender a profissão de parteira.

Fez o curso na Santa Casa, com Dr. Mário Tota, de tempos em tempos tinha que voltar a Porto Alegre, acho que pra prestar algum exame, como era muito difícil à vinda, resolveu se mudar com o marido para São Sebastião do Caí, como o marido não se adaptou ao clima do local, após a conclusão dos estudos, foi trabalhar em Caxias, certa ocasião foi atender uma parturiente, que era de Bom Jesus, essa senhora convidou eles para irem morar em Bom Jesus, eles foram ,nessa época ela já tinha 10 filhos, os dois últimos, gêmeos, nasceram em Bom Jesus.”

“Meu avô era marceneiro e os filhos trabalhavam com ele.”

“A vó Joaninha era muito dedicada a profissão não tinha época nem lugar, ia a cavalo, de carroça e dependendo do lugar chegava a pé, como naqueles lugar da serra ali no segundo distrito... ela não trabalhou só de parteira era enfermeira do Dr. Cancelo, como não tinha hospital eles faziam as cirurgias e levavam o doente para casa, a pessoa ficava na casa de alguém se fosse de fora ou no hotel.[...]. Quando atendia alguém pobre que não tinha roupa pro filho ela ia na casa de alguém que tinha o nenê mais crescidinho pra pedir a roupa pra dar para a pobre,...muitas vezes contam que chegava em casa sem a roupa de baixo, tirava a saia que naquele tempo era de algodão, para enrolar o nenê.”

“Foi atender uma parturiente no dia do velório do meu avô, a mulher bateu na porta minha tia foi atender e disse que ela não podia ir, ela perguntou quem era, quando ela viu que era gente que não podia pagar médico, morava numa zona de gente muito pobre, ali pra baixo no perau Lucila..., aí ela foi atender depois voltou pro velório”

Estudos :

Política :

Religião:

Curiosidades:

Observação: Dona Joaninha trabalhou até bem pouco antes de morrer, morreu com 90 anos, é muito lembrada na sociedade de Bom Jesus.

“[...] a vó Joaninha era matriarca, ela, a vó Joana , a dona Teresa também tudo elas, acho que os marido eram de boa paz”

A professora Lucila e a D. Maria comentam sobre as profissões dos Italianos, segundo a Prof^a. Lucila um dos únicos Italianos que vieram para Bom Jesus e não continuou na atividade de comércio ou não teve ofício foi seu avô seu Domingos Sgarbi, que deixou a loja do pai (Luiz Sgarbi), no 2º distrito, para se dedicar a pecuária e foi tropeiro, as demais famílias eram comerciantes ou tinham ofícios, fazem uma breve recordação citando as famílias:

Grazziotin: “[...]os dois lados da família tinham loja, o Guerino na esquina, e os outros na praça.”

“Os Piazza tiveram loja onde é o correio.”

“Seu Jucundo, teve loja também.”

“Seu Vitório De Nalle selaria e loja.”

“Aver era pedreiro.”

“Sebben era comerciante.”

“Os Sgarbi, no início tiveram loja, só o vô Domingos que não quis ficar cuidando da loja e deixou par tia Ínes.” (professora Lucila que fala)

“Os Baroni, tiveram hotel e loja, seu Laurindo Baroni teve padaria também, os Spinelli tinham a alfaiataria, os Arcari padaria e a Dona Jurdolina Venier teve padaria.”

19-Joana Corso De Boni

Nascimento: 29/04/1881

Falecimento: 28/09/1967

Marido: Antônio De Boni.

Filhos: 9

Trabalho:

“Ficou viúva muito cedo, com os 9 filhos para criar, o mais velho tinha, não lembro bem quantos anos, eram muito pobres, os fazendeiros da época se ofereceram para ficar com as crianças, era muito comum darem as crianças na época né? Lucila, ela não quis dar nenhum, o filho mais velho ajudou a criar todos os irmãos.”

“Trabalhava lavando roupa pra fora, torrava café, lavava lã e abria lã, pra fazer acolchoado e colchão, fazia hóstia, limpavam a igreja e a canônica.”

“Quando agente era criança ela contava histórias de príncipes, princesas, essas coisas... agente adorava, mas era só em dia de abrir lã ela aproveitava o serviço das crianças e agente adorava, enquanto agente abria lã ouvia as histórias... as histórias eram em português mas quando ela cantava alguma coisa da história era em italiano, acho que não sabia as rimas ...as histórias eram sempre as mesmas mas nós criança...sabe como é ficava bem quetinho ouvindo, adorava....mas não podia parar de abrir lã.”

Estudos:

“As filhas mais velhas foram para Antônio Prado aprender corte de costura, só a mais moça foi pra caxias fazer o complementar para ser professora.”

Política;

Religião:

“Era muito católica, todo o domingo se ia na missa.”

Curiosidades:

“Uma filha ficou grávida solteira, ela não queria aceitar a filha em casa, meu pai disse a casa também é minha e ela vem para cá.”

“Ficou três meses saindo de madrugada para lavar roupa, almoçava no rio, e só voltava para casa bem de tardezinho jantava e ia dormir, para não ver a filha. A filha ficou num guardo no andar de cima da casa. Isso era mais ou menos 1925.”

“Minha mãe é que atendia, naquele tempo faziam umas escadinhas bem em pé e estreita pra não ocupar espaço, minha mãe passou um trabalhão, depois minha tia era a neta preferida dela.”

Observação:

26 - Olenca Cancelo Paiva**Nascimento:** 20/01/1920**Entrevista:** 28/12/1995**Idade:** 78 anos**Família****Pai:** Dr. José de Faria Cancelo (natural de Rio Grande)**Mãe:** Maria Rocha Cancelo (nascida em Jaguarão)**Avó paterna:** Francisca cancelo**Avô paterno:** não lembra**Avô materno:** José Antônio Rocha (era de Porto Alegre)**Avó materna:** Dionísia Rocha (era de Jaguarão)**Marido:** João Paiva (era de Porto Alegre)**Trabalho**

“Trabalhei como professora, fui nomeada para São José dos Ausentes, mas lá era muito frio eu tinha asma e não me adaptei, aí fui transferida para Bom Jesus, mas desisti do magistério por causa da doença (asma), tive que ir morar em Porto Alegre para me tratar.”

Estudos

“Estudei o primário interna, no Sévigné, em Porto Alegre, depois no Colégio Santa Catarina em Novo Hamburgo, quando reprovei em duas matérias fui para Caxias ,onde morei num pensionato em frente a escola, lá completei os estudos fazendo o Complementar, que habilitava para ser professora.”

Política**Religião****Curiosidades**

Conflitos, na fala.

A prof^a. Lucila pergunta se é verdade que seu pai era um homem muito genioso e bravo como se comentava, ela diz que não que ele só era nervoso e ficava muito preocupado com os pacientes, logo mais no decorrer da entrevista ela diz:

“Papai era muito rigoroso com as filhas, com o filho era diferente...”

“[...] ele era muito severo não deixava namorar [...], foi o último a chegar no casamento da Titã (sua irmã), já o noivado foi um horror, todo mundo chorava.”

“[...] depois que me casei nunca mais tive asma, acho que era uma terapia, acho que era de fundo nervoso, era o papai com aquele jeito sabe, que causava.”

Observações

No final da entrevista a prof^a. Lucila quer encerrar a entrevista e ela continua achando assunto, depois por último diz::

“[...] è uma história a vida da gente, é uma história...”

27 - Orizon Roque de Souza (Doti – apelido pelo qual é mais conhecido)

Nascimento: Faxinal Preto/ boca da picada – 29 de julho de 1940.

Entrevista: 1995

Idade: 55 anos¹.

Família

Pai: José Luiz de Souza

Mãe: Angelina Velho de Souza

Avô Paterno: Luiz Jesuíno de Souza (Antônio Jesuíno de Souza)

Avó Paterna:

Avô Materno: Inácio Joaquim Velho (Joaquim Inácio Velho proprietário da fazenda dos Ausentes)

Avó Materna: Dorvina de Souza Velho

Origem Portuguesa. Desceram no Porto de Laguna. Os Brito e Velho ficaram na região de Mostardas e os outros subiram a Serra e ficaram em São José.

Trabalho

“Fui tropeiro, desde os cinco, seis anos, acompanhava a tropa, era madrinheiro no geral era um guri que ia num animal cavalariço que carregava uns cincerros, e os animais acompanhavam a batida dos cincerros”. (explicando o que eram um madrinheiro)

Depois, foi junto com o pai, tropeiro de mula arreada, levava para Criciúma e Araranguá, charque e queijo, trazia açúcar branco, açúcar a amarelo, tecido e miudezas.

“Toda a miudeza e as confecção era tudo mandado confeccionar lá, quando ia casar uma moça, um rapaz, era tudo mandado confeccionar lá, aí vinha das aliança pra cima. Meu pai quando foi casá foi mandá fazer as alianças em laguna”.

Seu Doti conta a história do início dos trabalhos como tropeiro que iniciou com o avô.

“A atividade principal do meu avô era tropeada, veio de Santa Catarina, ele comprava o gado, abatiam, charqueavam [...] e de lá traziam cachaça, açúcar, açúcar de cana, tudo que precisavam eles compravam.”

Lucila pergunta se era só para o consumo próprio. *“vendiam em São Joaquim e pros fazendeiros, muitos não tinham mula, outros não iam lá buscá”. Na época, não tinha arroz por exemplo, me recordo que não podia pedir pro vizinho, por que ele também se emprestasse não ia ter, agente se abastecia lá em baixo, ali em maio, quando era setembro outubro ia buscar outra carga, [...] é duas vezes por ano.*

Lucila: Quanto tempo demorava uma viagem?

“Dependia do lugar, Nova Veneza, Turvo, que era lugar de farinha boa. Só para carregá a tropa era 4 dias. Um dia e meio pra ir, um dia pra carregar e um dia e meio pra voltar. Se ia comercializar eram oito dias.”

Lucila: pergunta sobre as tropeadas de porco.

“Era a pé, agente enfrentava temporal, nevasca enorme, chuvarada, terminava a bóia, tinha de vez em quando matá um porco pra fazer revirado, e não tinha nada. [...] Dali saía a história, era uma festa, chegava lá em baixo era uma festa o povo era muito divertido naquele tempo. De lá, já ficava um baile tratado pro outro final de semana.”

¹ Embora tenha a idade menor do que aquela estipulada na pesquisa, sua entrevista foi integrada a pesquisa por relatar fatos de uma região do Município muito pouco referida, e por relatar memórias referentes a seus pais e avós.

Lucila pergunta se eles voltavam mesmo para os bailes, ele responde que sim.
“Agente chegava na beira da sanga dava uma enxaguada e ia pro baile”

Estudos

“[...] existia também as meninas, tinha os colégios de irmãs em Uruçanga, existia também muitas gurias, senhoras da época iam estudar em Uruçanga, São Ligério, em Santa Catarina, internos, em regime interno. Lá saia uma dona de casa. Ela bordava, fazia renda, toda a culinária, aprendia no próprio colégio” [...] o pessoal ali (se refere a São José dos Ausentes, Silveira e Faxinal Preto) ia estudar Lucila.

“[...] o pessoal, minha mãe, minhas tias, todo mundo estudou ali e em Taguara. Minha mãe estudou em Uruçanga e em Taguara”.

Lucila pede que ele conte como estudou.

“Eu pra estudar, a princípio meu pai contratou uma moça que chamava-se Dona Ermínia Valim, esposa de seu Ari Valim. [...] ela nos lecionou um ano em casa. Nós éramos na época, era seis irmãos que estudavam em casa. Os mais velhos a Dorvina e o José, teve escola no Faxinal, eles estudaram um pouco no Faxinal. O Luiz José, estudou nos Ausentes um pouco. A Dorvina depois foi pra um convento de freiras estudou até uma época, depois foi pra Caxias.”

“Eu estudei um ano em casa depois fui pro Faxinal, estudei com uma professora municipal, teve uma professora municipal Dona Alice Moreira. Minhas irmã dois anos depois se formaram e voltaram a lecionar no Faxinal eu fiz até o quinto ano com elas e com o professor que veio de Vacaria, Miguel Zulmar Paim. Fui aluno dele, [...] fiz o admissão e parei. Fui pra Caxias um tempo, eu gostei sempre da lida do campo, então pedi pro meu pai que não me colocasse mais em colégio[...] abracei essa campanha do campo, calcei bota e bombacha [...] e tô lá até hoje.”

Lucila pergunta: Na sua região, nos Ausentes, seus parentes seus conhecidos a maioria estudava? A maioria era analfabeto? Como é que era?

“O pessoal de pouco poder aquisitivo era quase tudo analfabeto. O pessoal que tinha poder, condições, levava os filhos nos colégios fora [...] existia bons internatos na época e a gurizada iam pros colégios e ficavam um, dois anos, até mais. Uns chegavam a se formar.

Lucila: O estudar mais ou menos dependia do poder aquisitivo?

“Dependia do poder aquisitivo e da intenção né? Tinha pessoas que, por exemplo meu pai, era um homem semi-analfabeto e dizia o seguinte ‘que não interessava deixar um palmo de terra se formasse os filhos’, inclusive na época, era muito combatido, muito criticado, tinha gente, nos éramos 10 irmãos, tinha pessoa de base, homens de ponta da época, diziam ‘tu vai formar um os outros vão morrer de fome, isso é uma lucura, onde já se viu estudar os filhos!’”

Lucila: Se soubessem ler e escrever tava bom?

Lucila, algum desenhava o nome, nem sabiam ler e escrever.

Logo seu Doti relata como era os estudos na época de seus pais e tios.

“Teve nas épocas que me antecederam bons professor, meu pai, meus tios, homens de 80 anos hoje, tinham uma caligrafia beleza, uma perfeição, era uma raridade até hoje. Foi bons professores que vieram.”

Relata sobre os professores da época de seu pai:

“João Laurindo, foi um grande professor, Zé Ribeiro, Tota Rodrigues que lecionava no Faxinal.”

Lucila: Como é que eram esses professores? Quem é que pagava?

“Eram pagos digamos assim... um fazendeiro contratava esse professor pra lecionar, e esse aí agrupava os sobrinhos, as famílias, os amigos os parentes de perto.”

Lucila: E os peões?

“Também tinham a oportunidades de estudar, aprender o ABC, como eles diziam. Então aprendiam a desenhar o nome e tal. Lado onde passou professor na época, as pessoas, branco, moreno, mulheres, tudo aprenderam a escrever. Nós no Faxinal Preto, tivemos esse privilégio [...] meus antecessores, tios, meu pai, que houve esses professores, e aí aprenderam a ler, escrever, fazer as quatro operação [...] era o básico da região, quem sabia escrever e fazer as quatro operação tava formado”.

Ambos dão risada da conclusão!

A professora Lucila pede para que ele fale dos irmãos e o que eles fazem, ele relata o nome, as profissões e com quem casou.

Dorvina Velho de Souza: casou com um árabe mora em Chicago.

Rui José: era engenheiro mecânico, morreu novo.

Albina Maria: professora fez o ginásio, se aposentou como professora municipal, no Faxinal.

Iolanda: também foi professora no Faxinal, lecionou uns anos depois casou com um árabe e foi embora para os Estados Unidos.

Neide Isabel (não relata sua formação)

Juçara Terezinha (não relata sua formação)

Alda: fez ginásio, em curso de enfermagem, trabalha.

Nilmara: formada em psicologia, tem duas faculdades, leciona.

Nivaldo: (não relata sua formação)

Política

Religião

Festas

“O Faxinal Preto era o centro social da comunidade. Era o seguinte o Padre marcava uma missa, se reunia as famílias e lá se encontrava as famílias, eram 2 ou 3 dias naquela função, assistiam a missa e depois era baile, de dia corriam carrera, conversavam e de noite era baile, lá por 1915-1920 foi fundado o Faxinal Preto, foram morar no Faxinal Preto meu avô, construíram uma capela. Tinha uma banda de São Joaquim que vinham abrilhantar a festa ficavam até uma semana tocando, tinha dois salão, o salão dos brancos e o salão dos morenos. As famílias dos brancos iam visitar o salão dos pretos, eram recebidos com todas as honras e os pretos também iam no salão dos brancos, ficavam olhando mas não tinham o direito de dançar [...] os brancos não tinham, mas iam lá e dançavam [...] existiam os gaiteiros da época, gaita ponto, algum cantador, era uma beleza”

Seu Doti comenta que a música do salão dos pretos era mais simples.

“Era muito lindo, ia-se nas fazendas do meu pai, por exemplo, carneava uma vaca, ficavam dançando [...] se chovia os rios enchiam não podiam voltar pra casa, ficavam farreando [...] quando iam casar os filhos de algum fazendeiro, ficavam uma semana de festa”.

“Tinha doceira da melhor qualidade, as mulheres aprendiam a culinária nesse colégio e faziam aqueles bolos, eu recordo que tinham uma bandeja oval do tamanho da sua mesa que faziam bolos”.

“Os fazendeiros iam um na casa dos outros, era difícil marcar com antecedência, eles iam um nas casas dos outros ‘prendiam’ e iniciava a festa era na hora. Eram tradicional as ‘surpresas’ estavam em casa quietos chegavam 20, 30 pessoas, um ‘tiroteio’ e invadiam a fazenda e prendiam o dono da casa.”

“Que beleza de festa o encontro do pessoal [...] naquela época se visitavam mais, iam na casa de parente e ficavam uma semana”.

Curiosidades

Explica as coisas e diz “Como a senhora viu...” e vai explicando, pois a professora já

explorou a região a cavalo, em lugares inacessíveis de carro.
 Conta um pouco da história dos mangueirões de pedra.
 Seu Dotti sabe muito sobre as terras e os acidentes geográficos de São José dos Ausentes. Conhece as localidades e descreve minuciosamente os detalhes geográficos e históricos da região pertencente hoje a São José dos Ausentes.
“Isso são coisas que marcam na vida da gente”, falando de músicas e bailes.
 Falam de valas que serviam para dividir as terras. Contou que as terras eram sem divisão, formavam uma coisa só, as terras eram divididas por valas, por rios, muito poucas cercas.
 Existem essas valas que eram para se entrincheirar (servir de trincheiras), alguns contam que foram construídas na época dos Jesuítas.
 Era uma versão que existia, que parte foram feitas com intenção de dividir ou para servir de trincheira *“[...] na própria região tem pessoas que desvirtuam, conta alguma coisa a mais ou a menos, fica turbado para gente saber [...] o fato ninguém sabe, mas nos dizem que foi assim”*
 Seu Dotti conta à origem dos nomes dos rios.
 Rio das Contas – foi por que acertaram as contas, foi o último combate onde acertaram as contas.
 Rio da Divisa – pois fazia divisa entre duas fazendas
 Rio More Leão – onde um senhor chamado Manuel Matou Leão.
 Sobre pessoas e fatos relata
 Francisco Guazzelli – leigo que dava receitas era considerado “médico” na época.
 João Ramiro – Benzia os animais.
 Joaquim Paim – dava remédio, fazia até cirurgia, tinha uns conhecimentos de medicina, diz que curou uma infecção no peito de sua mãe, cortou o peito e fez injeção, já existia penicilina. Salvou muita gente.
 Outras benziam de mordida de cobra, tinha uma pedra, fervia no leite, colocava em cima da mordida de cobra, quando desgrudassem a pedra já não tinha mais veneno.
“O recurso era muito difícil”.
 Antônio Inácio Velho *“Se sabe pouco, só que era um homem de muita coragem, e estava avançando nas fileiras na frente, mas a versão mais correta é que esse “cara” ficou num campãozinho, atrás de onde Seu Antônio estava atirando. E atirou pelas costas de cima de uma árvore”*
 Lucila: O senhor não é da época, mas é o que se ouviu contar.

Observação

Gênero

“A mulher era tímida ficava subordinada ao pai e a mãe”
“Agarramento era proibido, os namoros eram meios ajeitados pelos pais da moça que dizia você pode namorar com o filho do compadre fulano...”
“Muitas mulher morriam no parto”.
 Conta que lembra da dona Joaninha como parteira.
 Lucila pede para ele falar sobre o relacionamento entre marido e mulher, pergunta: Quem mandava, era o homem ou a mulher?
“As mulheres na época não tinham muita voz, assim em negócio, caso de viuvez a mulher ficava unicamente em volta da casa, criando os filhos, trabalhando [...].Hoje as mulher se atualizam mais. A mulher tinha muita dificuldade de administrar, não entendia de negócios. Elas participavam muito pouco. Raros casos que consultavam (o marido consultava a esposa), acho que isso era melhor, e tal.... Acho que foi um mal muito grande, na época que eu fui criado a mulher era subordinada.”

28 - Rosa Maria ramos Rosa**Data de nascimento:** 24/07/1937**Data da entrevista:** 17/11/1992 e 15/08/2004 (continuação)**Idade:** 67 anos**FAMÍLIA****Pai:** Epaminondas Rosa**Mãe:** Elsa Ramos Rosa**Avô paterno:** Hortêncio da Silva Rosa (vieram de Santa Catarina, perto de Florianópolis)**Avó paterna:** Maria Leucádia Ribeiro Rosa**Avô materno:** Júlio Oliveira Ramos (naturais de Lages)**Avó: materna:** Maria Josefina Ribeiro Ramos
Solteira.

5 filhos irmãos.

Trabalho

Foi professora, iniciou seu trabalho como professora, sem titulação na área, tinha feito curso Técnico Auxiliar de Contabilidade, em Lages no Diocesano, colégio dos Franciscanos.

"[...] terminei o curso e fui trabalhar com os Grazziotin, na loja, mas eu não gostava daquela numeração toda, achava muito ruim, nós negociava com a tia Ema, eu ia lá pro balcão e ela, tinha uma letra muito bonita, ia pro escritório, era tudo feito a mão, depois que surgiu a Facit, que modernismo (1955)."

Começou a lecionar no Estado devido à falta de professores.

"Não é só agora que ninguém queria fazer magistério e não tem professora.[...] Veio a professora Ilda Lucena que era delegada em Caxias, era natural de São Francisco, ela ficava hospedada na casa da Ema ou da Irma Spinelli. Numa das viagens, veio pegar, na época, possíveis candidatas para receber contrato temporário, eu não tinha magistério mas aí chutei.. Pegou a Consuelo, a Suzana e a Madalena, que eram umas meninas, tinham 16/17 anos [...] não tinham magistério a Suzana parece que tinha o técnico, e eu também, as outras só tinham o ginásio, mais ou menos [...] mas aí fizeram uma missão pedagógica um aperfeiçoamento pedagógico, equivalia a uma faculdade de férias, era uma turma muito grande espécie de pedagogia de férias, eram 4 anos iniciava em 02 de Janeiro e ia até o carnaval, foram dois anos em Caxias e dois anos em Porto Alegre. Os conteúdos acho que eram os do magistério agora. Os professores eram muito bons, tinha o Vazzzata, aquele que foi reitor da faculdade (faculdade de Caxias) por muito tempo, de matemática, O Mario Gardelin, o Mario Vanin, que foi prefeito, de Sociologia, o Mondadori. Eram 8 de Bom Jesus, não titulava mas dava uma licença pra trabalhar."

De acordo com as datas que ela forneceu esse curso aconteceu entre 1960 /1965. Das que fizeram o curso todas fizeram magistério posteriormente, menos a Consuelo, após algum tempo entraram com pedido de reconhecimento do curso pedagógico que haviam feito, o mesmo foi reconhecido e passaram á nível 3, 1973/74. (tipo uma licenciatura curta)¹

Iniciou trabalhando no colégio das Irmãs, escola particular, era uma das poucas, para não dizer a única que tinha 2º Grau completo. (Ainda não havia curso de magistério em Bom Jesus), após o contrato foi lecionar no 8º distrito de Vacaria e

¹ Conclusão minha.

posteriormente no “Chico Manco”, segundo ela emprestada, pois sua nomeação ainda em para Monte Alegre dos Campos (8º distrito), mas como ela trabalhava num escritório cujo o dono estava doente, até arrumar uma substituta ficou nessa localidade onde funcionava a Escola Rural Sgarbi.. De sua estada em Monte Alegre comenta:

“Era bom demais aquilo lá, até parto nos atendia [...] eram 5 professoras a Iolanda Chitolina, a Dalila irmã dela, e mais duas”.

No Chico Manco, ficou 15 anos, 10 como diretora.

“[...]Jeu era diretora de mim mesma, não sei quem era a delegada da época, mas eu arrumei os papeis e ela aceitou” (se refere aos papéis da aposentadoria).

Quando sua Irmã faleceu foi para o Ginásio dar aula de religião a diretora era Nivalda Preto. Só foi fazer magistério por insistência do Frei Getúlio, 15 anos depois que já lecionava.

“[...] o Getúlio né Lucila? Sempre o Getúlio, quando botava uma coisa na cabeça, não sossegava enquanto não conseguia, [...] aí fui fazer o vestibular, naquele tempo tinha vestibular, pra entrar pro magistério.” (1968 até 1971)

A professora Rosa foi professora de Ensino Religioso por muitos anos, a entrevistadora pergunta como ela se envolveu com a religião.”

“A gente sempre trabalhou na igreja, trabalhou com catequese [...] a delegacia de ensino pediu para a diocese professores capacitados para ensinar religião, não é como hoje que eles colocam lá ‘o espírito da religião católica e é uma salada danada’, A gente tinha titulação da diocese, tinha um coordenador, O Beto aquele da rádio Fátima, era coordenador dos professores de religião, tinha titulação e autorização do bispado para lecionar ensino religioso nas escolas”.

Estudos

Morou em São Leopoldo até vir para Bom Jesus. Estava já na 3º série quando veio, foi alfabetizada em casa pela mãe, que pegava as cartilhas com suas tias que moravam em Porto alegre. Chegando a Bom Jesus freqüentou a escola do Professor João Telatin.

“[...]que se saiba a primeira escola particular de Bom Jesus. [...] estudei lá em 42 e 43 (mil novecentos e quarenta e dois e quarenta e três), fiz a 3º e a 4º série com ele.”

A escola do professor João Telatin, se chamava Escola Duque de Caxias.

“[...] tinha da primeira a quarta série, ele preparava também para o Admissão. Trabalhavam ele e a mulher professora Lucrecia, ele com terceira e quarta e ela com primeira e segunda série.”

“[...] agente tinha uniforme, saia azul e blusinha branca com tope azul no pescoço, para as meninas. Quem usava fita no cabelo, essa também tinha que ser azul, os meninos usavam calça azul e gravata. Tinha biblioteca e cadernos com capa timbrada, desfilavam 7 de setembro.”

“[...] era muito caprichoso, enérgico tudo era pelo correto, tinha letra muito boa, português bom, se bem que tinha um sotaque, falava ‘pon’, ‘pendon’, acho que era italiano. Era muito patriota. [...] a gente hasteava a bandeira nacional todo dia na calçada, se chovia se hasteava a bandeira dentro da escola. Em datas comemorativas hasteava a bandeira e cantava o hino nacional, todos tinham que saber de cor o Hino Nacional, da Independência e do Rio Grande do Sul. A gente fazia discursos, os alunos elaboravam os discursos, ele dava um tema central ou um texto básico e os alunos faziam e liam nas datas comemorativas. Todos faziam caligrafia e quem tinha a letra feia ganhava castigo. [...] os castigos eram: sentar no corredor, ganhar falta, por brincadeiras ou piadas que atrapalhassem a aula, encher

linha. [...] não tinha medos dos castigos, mas tinha medo dele, tinha uma voz imposta [...] era muito religioso, muito amigo dos padre, ali na época do padre Geraldo.”

Essa escola tinha internato para homens e mulheres e as turmas eram mistas, por ser particular só os mais abastados freqüentavam essa escola, porém tinham uma “promessa” de atender alguns alunos carentes.

O casal (Telatin e Lucrecia) eram de Tubarão, Santa Catarina.

“[...] foram muito bem aceitos na comunidade, recebiam muitos presentes, galinha, verduras, uma paleta de ovelha como só tinha uma porta, a gente via tudo e até brincava: não vai nos convida”.

“As irmãs Ramos chegaram antes do professor Talatin, elas vieram nomeadas pelo Estado. Davam aula particular de música, pintura e trabalhos manuais com turminhas de 4 e 5 alunos. Não tinham internato, mas várias moças paravam com elas, [...] meio criavam umas, paravam lá 4, 5 anos com elas”.

Professora Rosa comenta sobre a escola espírita e paroquial, diz que mais ou menos da década de 1950 teve também a escola espírita, para alunos carentes que foi extinta com a criação da escola paroquial, quando a prefeitura tirou os professores da escola espírita ela não teve mais condições de se manter.

“[...] eu não estudava muito, cuidava para tirar 70, depois me atirava nas cordas, eu lia muito, não perdia tempo de fazer o que eu gostava para estudar [...] o professor Talatin procurava levar a turma para um ideal, para uma história de vida, por isto que gostavam tanto dele, as pessoas que tinham posses colocavam os filhos ali”.

A professora Lucila e a Professora Rosa falam das irmãs Ramos, que foram trazidas pelo Seu Helois Dutra, ele as trouxe de São Leopoldo, discutem se já eram contratadas pelo Estado, ou do município ou se no início eram particular. A professora Rosa comenta que eram já formadas, tinham Magistério.

Fala do professor José, que inicialmente trabalhou em Bom Jesus e depois, ficou muito famoso em Vacaria, muitos alunos quando ele foi embora foram estudar com ele lá. Entre 1925 até 1940.

Política

Religião

Católica, atuante na igreja. Percebe-se que ao falar em ensino religioso na escola, entende como ensino religioso, o ensino da religião Católica.

Curiosidades

Observações

A professora Rosa foi minha professora de religião na oitava série, apesar de muito católica, não lembro dela como alguém intransigente, radical e moralista, estereótipos que me vem a mente quando pensamos em professoras solteiras de religião. Lidava bem com os adolescentes, tinha paciência, era bem criativa nas atividades e nos assuntos propostos em aula.

29- Sueli Dutra Panebecker**Nascimento:** 24/06/1921**Entrevista:** 31/06/2002**Idade:** 81 anos**Família**

Pai: Acílio Costa Dutra (Seu Loca)

Mãe: Maria Luiza Dutra (eram primo-irmãos)

Avô paterno: Saturnino Dutra

Avó paterna: Júlia Costa Dutra

Avô materno; Luiz Inácio Dutra

Avó materna: Amantina Pereira Dutra

Marido: Alfredo Panebecker

Irmãos: Julia, Ernani, Nei, Noeli e Odila.

Filhos: Flávio, Cebola e o Bolão.

Trabalho

Bordadeira “fiz o complementar, mas nunca quis lecionar, [...] quando casei fui morar em São Francisco, o patrão do Alfredo era seu Francisco Brochado da Rocha, que foi secretário da educação, ele queria que eu fosse diretora lá, nunca quis lecionar, não tinha vocação pra ensinar, minhas irmãs já gostavam de ensinar, eu gostava mesmo era de bordar. Aprontei muita noiva, fiz muito enxoval de nenê. Aprendi a costurar com a tia Nadir Dutra, vim pra cá pra cidade pra me aperfeiçoar. Tia Nadir era ótima costureira, gostava da profissão que exercia. Aprontou muita noiva, na época se usava cor de rosa nos vestidos de noiva, eu mesma casei de rosa. Ela tinha muito gosto, aprontava toda a família [...] ela aprontava as noivas e fazia a festa do casamento”.

Avô Saturnino:

“Era tropeiro de mula, levava tropas grande de mula pra longe, acho que iam pra São Paulo, sei que passavam no passo Santa Vitória [...] conheceu minha avó numa tropeada, passou por uma fazenda e viu aquela menina, essa guria, e se apaixonou por ela [...] ela tinha 13 anos ele 30, ela teve o primeiro filho com 14 anos. {...} Viviam bem ela era trabalhadora.”

Estudos

“Fiz o primário com as Irmãs Ramos, fiz admissão e fui estudar em Tubarão onde fiz o Complementar. Agente ia de burro, no lombo de um burro até Araranguá, levava umas canastra com o enxoval do colégio, meu pai levava nós (ela e as primas) e os empregados esperavam lá, depois nós ia de trem até Tubarão. Não vinha nas férias, os pais é que iam, agente não tinha esse mundo de férias que nem hoje eram só 10 dias e era muito dispendioso.{...} No primeiro ano estudava eu, a Ilse e a Odete (primas), depois foi a Leonor e a Beloni (primas). A Julinha já estudou em Vacaria, já tinha colégio aqui,[...]a Odila e a Noeli ainda tiveram que estudar em São Leopoldo, mas tinha ônibus, levava uns 2,3 dias mas era melhor. (melhor que Tubarão). O Nei e o Ernani estudaram no colégio São Francisco em Vacaria, internos, depois o Ernani foi pra Porto Alegre se especializar, estou gaita. Depois de casado ele tinha um conjunto.

Política**Religião**

Curiosidades

Nas primeiras décadas do século XX, o abastecimento na cidade de Bom Jesus era muito precário, os mantimentos tinham que vir de outras localidades, dona Sueli conta que seu pai tropeava para buscar mantimentos em Santa Catarina de onde traziam farinha de mandioca, polvilho, rapadura, açúcar amarelo “[...] traziam um mundo de cargueiro, tudo carregado, [...] tinha uma carreta grande com 8 mulas, muito bem equipada, [...] levavam charque e queijo pra vender, depois começaram a ir pra Três Forquilhas, de lá traziam aipim, farinha grossa pra engordar porco, uma porção de coisa que não tinha aqui, pra lá era mais fácil, serra a baixo não tinha estrada, era muito ruim, a serra era um trilho. ” Viajavam também para Antônio Prado, de onde traziam arroz, açúcar branco...

Observações

No início da entrevista, quando a professora Lucila pergunta algumas coisas que ela não lembra ela diz: *“Acho que tu fazia uma entrevista melhor com o Flavio ele tem tudo...”*.

Ela faz gestos com as mãos e a professora Lucila pergunta “quando a senhora faz assim com as mãos quer dizer que era grande?” Eu fico ouvindo e imaginando a cena, ouve-se o acoar de cachorro, bater panelas, ela mostra alguns objetos pra entrevistadora também, essa impossibilidade de enxergar a cena da entrevista, sentir os cheiros é frustrante, como nesse caso eu conheço a entrevistada, já tive em sua casa, até consigo imaginar, mas em outros casos isso se torna mais difícil, são perdas do trabalho com arquivo.

Memória

Quando fala da avó a Dona Sueli comenta “[...] tenho uma lembrança da fazenda antiga, quando fecho meus olhos, [...] a família era muito numerosa, eu tinha 3 anos quando ela morreu, [...] era muito bonita, nas fotos que eu vi dela”

Quando comenta coisas sobre os avós sempre fala: “[...] eu conto isso aí pra ti porque me contaram, eu nem existo no mundo ainda.”

30- Vicente Ribeiro Hoffmann**Nascimento:** 05/07/1907**Entrevista:** 22/11/1991**Idade:** 84 anos**Família****Pai:** Jacinto da Silva Ribeiro (não conhece nada da família do pai que eram brasileiros de Santa Catarina)**Mãe:** Luiza Emília Hoffmann (os pais da D. Luiza, eram imigrantes alemães vindos em 1825. Ao chegarem no Brasil foram para Três Forquilhas que era distrito de Conceição do Arroio, depois vieram para Bom Jesus).**Avô Paterno:****Avó Paterna:****Avô Materno:****Avó Materna:****Trabalho***"Fui marceneiro."**"Meu pai trabalhava com couro, trançava laços, foi morar na fazenda do sogro a convite de um amigo, pois ele estava muito transtornado com a morte de uma irmã, lá casou com a minha mãe e foram para a fazenda São José."***Estudos***"Fui na escola do Sr. Cândido Pereira de Camargo , que era do Piauí, a escola ficava na localidade conhecida como 'Água Branca', fui parar na casa de um tio para estudar. Era o mais adiantado da turma."***Política***"Meu pai era membro ativo do partido Republicano, e com a reunião para a emancipação do município, foi em caravana para Vacaria em 15 de julho de 1913, foram 60 homens a cavalo. [...] Fizeram uma ata que não existe mais. Seu Teco Ambrósio tinha um processo, quando os Assizistas passaram em Bom Jesus tomaram a prefeitura e queimaram todos os papéis, inclusive a ata de emancipação do município. [...] Descrevo o ato de emancipação como meu pai contava que foi."**"Meu pai votou na primeira eleição da república, votou no PSD, fruto do PR, (partido Republicano)."***Religião***"Minha mãe era Luterana e meu pai Católico."**"Quando fui para a escola, meu tio (no qual parava para estudar) me deu uma bíblia para ler numa ocasião em que me viu lendo outro livro, um romance. O professor que era meio ateu e me desaconselhou ler a bíblia, aí citei uma passagem pra ele . [...] Com o tempo voltei para casa dos meus pais para trabalhar de carpinteiro e comprei uma bíblia de um viajante aí comecei a estudar a bíblia."**"Em 1933 o Pastor João Munder deu instrução para a comunidade, em 13 de agosto desse ano se deu a primeira confirmação Luterana, que não era de confissão, na comunidade. Essa época eu já estava pensando em mudar de religião mas não me confirmei. [...] em outra ocasião em que o pastor teve na comunidade me fez perguntas sobre a bíblia, me confirmei nessa ocasião."**"Minha esposa era Presbiteriana."***Curiosidades**

Seu Vicente cita versículos da bíblia durante a entrevista.

Observação

Percebe-se o orgulho de estar sendo entrevistado e o valor que dá para isso,

através de algumas de suas falas.

"[...]isso eu não podia deixar de dizer na minha entrevista."

"Me dá muito prazer a senhora estar aqui hoje comigo, eu sou um índio velho grosso, mas tenho essas lembrança tudo".

"Devolvo a palavra pra senhora , quer fazer mais pergunta? Se possível for eu respondo."

Gênero

ANEXO I - CONVITE DO CHÁ DE MEMÓRIA

CONVITE

”A História de Bom Jesus é a soma das experiências vividas por cada um de nós.”

O(a) senhora é muito importante para montar o quebra-cabeças do resgate de nossas raízes histórico – culturais, por isso o (a) convidamos a participar **do “Chá da Memória”**

Sr.(a) _____, contamos com a sua participação neste chá, **a realizar-se dia 17/05/03 , às 15 horas, na SMEC**

Nós oferecemos o chá, os (as) senhores (as) nos ajudam a identificar algumas fotografias do nosso acervo e, juntos comemoramos os 90 anos de Bom Jesus.

Este evento será bem sucedido se o (a)senhor (a)participar.

Pela sua presença antecipadamente agradecemos.

Secretária Municipal de Educação e Cultura

Diretora do Departamento de Cultura

ANEXO J - PRIMEIRA LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE BOM JESUS

A. Bahia

219

Decreto n.º 102 de 6 de Fevereiro de 1936

Promulga a lei organiza-
ca do Município de
Bom Jesus.

Luis Ignacio Dutra, prefeito do Mu-
nicipio de Bom Jesus, usando das atribuições que
lhe confere o art.º 96 da Constituição do Esta-
do, promulga a seguinte Lei Organica, estabe-
lecida e decretada pela Camara de Vereadores.

Luis Ignacio Dutra
Prefeito

Lei organica do Município de Bom Jesus

Nós, os representantes do povo do Mu-
nicipio de Bom Jesus, reunidos em
Camara Constituinte para organizar
um regimen democratico de ordem,
liberdade e justiça, que assegure o bem-
estar social e economico, invocando
a protecção de Deus, estabelecemos e
decretamos a seguinte:

Lei Organica do Município de Bom Jesus

Titulo I
Da Organizaçao Municipal
Capitulo 1

Disposicoes Preliminares

Art.º 1.º - O municipio de Bom Jesus, parte integral.

236

porém, o Prefeito e a Câmara Municipal enviarão previamente ao Tribunal de Contas os projectos de leis, regulamentos, actos e questões que interessarem a receita, despesa e ao patrimonio publico, para que o mesmo Tribunal tome conhecimento d'elles, no sentido de prestar assistencia tecnica á administração municipal e fiscalizar, sua execução.

§ 7º - Incumbe ainda ao Tribunal de Contas, julgar os recursos interpostos das decisões do fisco municipal, sobre lotações de impostos, reclamações de lançamentos e multas por infracções de leis e regulamentos.

Artº 70º - O municipio concorrerá, para a manutenção do Tribunal de Contas, na forma que a lei determinar.

TITULO IV

Da educação, da cultura, da ordem social e economica

Capitulo I

Da educação e da cultura

Artº 71º - O municipio estimulará, quando possível, o desenvolvimento das sciencias, das artes, das lettras e da cultura em geral, protegerá, dentro de seu territorio, os objectos de interesse historico e o patrimonio artistico do paiz, e prestará assistencia ao trabalho intellectual.

Artº 72º - O ensino religioso, de frequencia facultativa, será ministrado sem onus para o municipio de accordo com os principios da confissão religiosa do alumno, manifestada pelos seus representantes legitimos e constituirá materia de horario nas escolas publicas primarias.

§ Único - O ensino religioso e o de educação moral e civica serão ministrados em proleções, semanais, de duração igual á dos demais disciplinas.

Artº 73º - Os estabelecimentos particulares de educação

primario ou profissional, oficialmente considerados
ideias, serão isentos de qualquer tributo.

§ 1º - Nos esta. estabelecimentos particulares, o ensino será
ministrado em idioma pátrio, salvo o de línguas estrangeiras.

Art.º 74º - Na manutenção e desenvolvimento do ensino
applicará o Município, 10%, no mínimo, da renda prove-
niente dos impostos.

Art.º 75º - É vedada a dispensa de concurso de títulos e
provas no provimento dos cargos de magisterio official, bem
como em qualquer curso, o de provas escolares de habilitação,
determinadas em lei ou regulamento.

§ 1º - Poderá, no entanto, ser contractado, por dois annos, no
maximo, professores de nomeada nacional ou estrangei-
ros, quando não houver candidato ao concurso ou, quan-
do realizado este, nenhum candidato for aprovado.

§ 2º - O professor nomeado mediante concurso para
inst.º official tem a garantia da vitalidade e não
pode ser removido para estabelecimentos de categoria
inferior, sem prejuizo de dispor no Título V. Em caso de
extinção da cadeira, será o professor aproveitado na
pequena de outra, em que se mostre habilitado.

Art.º 76º - Toda empresa, industrial ou agrícola, ferra
dos centros escolares e onde trabalham mais de 50 pessoas,
enfazendo estas e seus filhos dez analfabetos, pelo menos,
será obrigada a proporcionar-lhes ensino primario gratuito,
cabendo ao Estado indicar o professor e fornecer o material
escolar.

Art.º 77º - O Município reservará parte do seu patrimo-
nio territorial para a formação de um fundo de educação.

§ 1º - As labras das dotações organ.º, receitas
das doações, percentagens sobre o product.º de vendas
de terras publicas e outros recursos financeiros, circo,
constituirão, no Município, esse fundo especial.

238

que serão applicados exclusivamente em obras educativas, determinados em lei.

§ 2º - Parte dos mesmos fundos deverá ser applicada em auxilio a alumnos necessitados, mediante fornecimento gratuito de material escolar, bolsas de estudo, assistencia alimentar, dentaria e medica e para villegiaturas.

Capitulo II

Politica social e economica

Artº 78º - Dentro da competencia assegurada ao Municipio pela Constituição do Estado, a respectiva legislacao promoverá sempre que possivel:

a) - pensões, seguros e assistencia medica aos funcionarios publicos e suas familias;

b) - seguros sociais contra as molestias e accidentes no trabalho, invalides, desoccupação occasional e não provocada, e sobre a vida;

Artº 79º - Todo brasileiro que, não sendo proprietario de terra, por dez annos continuos, possua área de terra até dez hectares, de dominio patrimonial do municipio, sem opposição deste, tornando-a productiva por seu trabalho e sendo pella a sua morada, adquirirá o dominio do solo, mediante sentença declaratoria, a qual lhe servirá de titulo para a transcripção no registro de immoveis.

Capitulo III

Politica Sanitaria

Artº 80º - O Municipio promoverá sempre que possivel:

a) - a formação da consciencia sanitaria entre

**ANEXO K – QUADRO COM UM RESUMO NAS ANOTAÇÕES PRESENTES NO
DO LIVRO-PONTO DO GRUPO ESCOLAR**

QUADRO RESUMIDO DOS DIRETORES E ATIVIDADES DO PRIMEIRO ESTABELECIMENTO ESTADUAL DE ENSINO EM BOM JESUS¹

ANO	DIRETORES	DATAS SIGNIFIVATIVAS DO COTIDIANO ESCOALAR.	OBSERVAÇÕES
1927	Bauduino Werkaüser		
1928	Bauduino Werkaüser		
1929	Maria Ignês Ramos - interina		
1930	Maria Ignês Ramos – interina Nemésio Fernando Gay – assumiu em 01/08/1930	“Devido à campanha cívica, inaugura uma aula de alfabetização denominada Osvaldo Aranha”.	Até 1930 as informações foram de livros de atas. Não foram encontrados os livros-ponto dess período.
1931	Nemésio Fernando Gay		Livro 01. O primeiro livro ponto encontrado é datilografado em fita azul, numerado manualmente de 01 a 61.
1932	Nemésio Fernando Gay		Livro 02, as páginas são rubricadas, não são numeradas, é um caderno de dentista aproveitado para este fim. Vai de 01 /03 a 16/11/1932.
1933	Nemésio Fernando Gay	23/09 – “Suspensão das aulas para limpeza”, sessão da tarde. Livro 03 pág.38; 03/10 – “Suspensão das aulas em comemoração à data”. Livro 03, pág. 42; 16/06 a 19/06 – “Suspensão da aula devido a gripe que assola a escola”. Livro 03, pág. 22 .	
1934	Maria Ignez Ramos		

¹ Dados retirados do livro ponto do Grupo Escolar Bom Jesus, posteriormente denominado Grupo Escolar Conde de Afonso Celso entre os anos de 1927 e 1963.

1935	Maria Ignez Ramos		
1936	Maria Ignez Ramos		
1937	Maria Ignez Ramos	28/08 - "Interrompidas as aulas devida a fundação festiva do 'Clube Agrícola Escolar' Livro 05,p.16. 15/10 – Dia do professor com ponto facultativo (primeira alusão a essa data).Livro 05, p. 26.	
1938	Maria Ignez Ramos	20/09/1938 – "feriado", não diz de que.	14/07/1938 - O ponto passa a ser assinado por secção (manhã e tarde); Livro 05,p 01. 20/09/1938 – consta como feriado, mas todos os professores assinam ponto.Livro 05, p. 09.
1939	Hermes de Castro Michel	01/04 – "Suspensão das aulas devido à higiene do estabelecimento". Livro 05, p.26; 08 e 09/09 – "descanso pela comemoração da semana da Pátria". Livro 05, p.49; 09/09 – Dia Santo. Livro 05, p. 49; 13 e 14/11 – Preparação dos alunos para o Cinquentenário da Proclamação da República Livro 05, p.61.	O termo Secção é substituído pelo termo Turno; Aos sábados aparece um só turno dividido em dois horários a contar de 14/7/1939. Livro 05, p.37. 13 a 14/11 – Maria Ignez Ramos, mesmo em licença premio, vem à escola preparar os alunos para a comemoração do cinquentenário. Livro 05, p. 61.
1940	(Hermes de Castro Michel) Maria Ignez Ramos		20 a 24/03 – "O diretor seguiu para Capital para tratar de interesses da melhoria da instrução local, assume a direção Laurita Ramos". Livro 05, p.71.
1941	Juracy Vargas Bonn Maria Suely Guerra	15/10 –Dia do Professor - "suspensão das aulas em comemoração ao dia".	Livro 06, p. 09.
1942	Maria Suely Guerra	19/04 – "Feriado e comemoração do aniversário de Getúlio Vargas". Livro 06, p.29	18/05 – "Professores e funcionários trabalhando todo dia na organização das salas de aula". Livro 06, p.36;

			26/05 - Pela primeira vez aparece horário de inverno, “[...] devido ao grande frio que já faz nesta zona, tornando impossível o comparecimento dos alunos antes das 8h e 30 min.”. Livro, p. 38.
1943	Maria Suely Guerra Maria Irene Ramos Valentina Walter Giacomelli	10/04 – “Hora do Brasil ² para todos os alunos dos dois turnos”. Livro 07, p. 06; 23/10 – comemoração da Semana da Asa . Livro 07, p.104; 10/11 – “Estado novo, data solenemente comemorada”. Livro 07, p.111; “Comemoração da Semana Farroupilha” (aparece pela primeira vez).Livro 07, p. 27.	Pela primeira vez consta que houve aula de religião para todas as classes. Livro 07, p.06; 02/06 – iniciou-se o exame parcial de acordo com o artigo 33 do Regimento Interno. Livro7, p.36.
1944	Valentina Walter Giacomelli Maria Irene Ramos Laurita Sebben Ramos		
1945	Laurita Sebben Ramos	19/04 – “Festejada a data natalícia do Presidente Getúlio Vargas, com a presença do Delegado Regional e do Orientador”.Livro 08, p. 10; 18/07 – “Feriado nacional, chegada dos expedicionários ao Rio de Janeiro” Livro 08, p.24; 21/09 – “Solenemente festejado o Dia da Árvore”. Livro 08 p. 36 v.	30/04 – “visita do orientador de ensino Júlio Feijó e orientadoras Vanda Jaconi e Nadir Saldanha”.Livro 08, p.12; 05/09 – pela primeira vez aparece registrado o exercícios de ginástica, dividida em :conjunto, historiada, rítmica, pirâmides e alteres. Livro 08, p.34.
1946	Laurita Sebben Ramos? (Maria Irene Ramos)	08/05 – “Comemoração do primeiro aniversário da vitória” (fim da 2ª Guerra Mundial).Livro 08, p.60 v.	01/06 a 30/08 – horário de inverno. Livro 08, p. 65; 25/05 – foram iniciados os trabalhos do Curso Noturno (19:00 a 21:00h). Livro 12, p.

² Denominação dada à Hora Cívica.

			01; 25/09 - "Por ordem superior o curso noturno deixa de funcionar às quartas-feiras". Livro 12, p. 86 v.
1947	Nair Bueno de Camargo	18/09 - "primeiro aniversário da promulgação da Constituição Brasileira"- não houve aula Livro 09, p. 57	11 a 26/10 - não houve aula, parece que os professores estavam doentes. Só assinam o ponto o porteiro e a servente. Livro 12, p. 23 v. a 24. Foi no noturno
1948	Nair Bueno de Camargo	17/10 - "Comemoração da Semana da Criança" (pela primeira vez consta). Livro 09, p.95 v.	
1949	Nair Bueno de Camargo	30/10 - "Dia da exposição de trabalhos dos alunos"; Livro 14, p.26 v. 05/11 - "Comemorados 100 anos do nascimento do Águia de Haia (Rui Barbosa)". Livro 14, p.26 v.	Aparece um requerimento de solicitação de uniformes escolares, para algumas crianças em face à atestado de pobreza expedido pela polícia local. Não procurei, pois não sei de onde tirei.
1950	Nair Bueno de Camargo	19/11 - "Festa de coroação da Rainha dos Estudantes". Livro 15, p. 02.	01/06 - Início do horário de inverno.
1951	Nair Bueno de Camargo	31/03 - "Solenemente comemorado o aniversário do Conde de Afonso Celso". Livro 15, p. 19.	01/06 - Consta pela primeira vez o turno vespertino; Livro 15, p. 35 v. 01/06 a 30/08 - Horário de inverno.8h30, Manhã e 13h tarde.Livro18, p. 65.
1952	Nair Bueno de Camargo	08/06 - "Coroadada a menina Maria Cloniva Finger, do 5º ano como Rainha dos Estudantes".	Livro 16, p. 11.
1953	Nair Bueno de Camargo		
1954	Nair Bueno de Camargo	24 a 28/08 - "Luto Nacional pelo trágico falecimento do supremo mártir da Nação, Dr. Getúlio Dornelles Vargas". Livro 17, p. 99.	
1955	Nair Bueno de Camargo		01/06 a 30/08 - Horário de inverno Livro 15,

			p. 35.
1956	Nair Bueno de Camargo Ondina Pinheiro Torres		
1957	Ondina Pinheiro Torres Maria Josephina de Boni Santos	18/11 – Falece a professora Julieta Ramos.	Livro 20, p.86.
1958	Maria Josephina de Boni Santos	“Dia das Mães” (aparece pela primeira vez); Aparecem durante o mês de setembro as seguintes comemorações: “Dia da Pátria, Guerra dos Farrapos, Dia da Árvore e entrada de primavera”. Livro 21, p. 113; 12/10 – comemoração do Dia da Criança. Livro 21, p. 127; 15/10 – comemoração do Dia do Professor. Livro 21, p.129.	Livro 21, p. 37.
1959	Maria Josephina de Boni Santos Ondina Pinheiro Torres Nair Bueno de Camargo	12/10 – comemoração do Dia da Criança. Livro 22, p. 10.	01/06 – Nair Bueno de Camargo vai a Porto Alegre a convite do CPOE, para colaborar na reforma do programa que orientará o ensino primário. Livro 21, p. 234; 16/11 – Início do Exame de todas as disciplinas e para todas as classes. Surge a figura da observadora e examinadora. Livro 22, p. 23 v.
1960	Nair Bueno de Camargo		
1961	Nair Bueno de Camargo Alba Cecília De Nale Zambelli		27/08 a 07/09 – Por ordem do Governador às aulas foram suspensas, devido a renúncia do Presidente Jânio Quadros. Livro 23, as páginas não são numeradas.
1962	Alba Cecília De Nale Zambelli		

1963 ³	Alba Cecília De Nale Zambelli Clélia Nancy Spinelli Dutra	15/04 – “Festa da Páscoa” (aparece pela primeira vez a comemoração). Livro 24, p. 82; 11/08 – “Dia dos Pais” (aparece pela primeira vez a comemoração). Livro 27, p.24.	19/04 – Aparece no quadro funcional a figura de coordenadora, a professora Nair Bueno de Camargo, passa a exercer essa função. Livro 24, p. 85.
-------------------	--	--	---

³ Entre os anos de 1927 e 1923 foram observadas as seguintes categorias no quadro funcional do Grupo Escolar Bom Jesus e Grupo Escolar Conde de Afonso Celso: auxiliar contratada, estagiária, professor de 1ª entrância, contratada pelo município, substituta remunerada.

ANEXO L - CORRESPONDÊNCIA PROFESSOR TELATIM PARA A DIRETORA DO GRUPO

Escola Particular Duque de Caxias.

Bom Jesus, 11 de junho, de 1942.

Ofício n.º 2.

Ilma. Sra. Diretora

Comunico-vos que as dimensões desta sala de aula são de 6x5 metros.

É matriculada 1 de 27 alunos; sendo 23 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Daquelas 5, são do 1.º ano; 3, do 3.º; 11, do 4.º e 4 do 5.º ano. As meninas 1 é do 1.º ano, 2 do 2.º e 1 do 4.º ano.

É escola funciona todos os dias letivos das 9 às 12 horas e das 14 às 16 hora. Na quarta e sábado não há aula no segundo período (de tarde). A escola é mantida pelos pais, não recebe subvenções.

Saúde e paternidade
João Belatin
Prof.

À Ilma Sra. Dona Sully Guerra
Ab. de. Diretora do Grupo Escolar de Bom Jesus, Caxias
Pernambuco

**ANEXO M - CONVITE À DIREÇÃO DO GRUPO ESCOLAR PARA A
INAUGURAÇÃO DA FOTO DE GETÚLIO VARGAS**

Escola Particular Grupo de Coxias

Rom Jesus, 16 de abril, de 1942.

Exma. Sra. Diretora

Tenho o máximo prazer
de convidar a V. Exa. para assi-
stir ao desceramento do retrato
do inclito presidente da Republica,
Dr. Getulio Vargas; nesta escola,
domingo às 11 horas em ponto.

Certo do seu compasamento,
desde já agradeço

João Schettin
Professor

A Exma. Sra. Diretora
do Grupo Escolar

Respeito